

Ho. G.  
21064

BIBLIOTHECA  
DE  
CLASSICOS PORTUGUEZES



---

Director litterario

*LUCIANO CORDEIRO*

---

Proprietario e fundador

*MELLO D'AZEVEDO*



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

---

# CHRONICA

DE

# EL-REI D. FERNANDO

POR

*Fernão Lopes*

---

VOL. II

---

ESCRITORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

—  
1895





## CAPITULO LXI

*Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusamente da cidade.*

**N**ão duvideis que muito não prazia a todos os fidalgos e privados d'el-rei d'este ajuntamento que o povo fazia, porque viam que, amando seu serviço e honra, se moviam a fazer isto, e, pois el-rei nenhuma cousa curava de seu conselho d'elles, entendiam que por este caminho lhe era por força de a partir de si. E foram em outro dia muitas gentes juntas no alpendre d'aquelle mosteiro de S. Domingos, onde el-rei havia de vir ouvir, por parte do povo, as razões que lhe haviam de dizer a este casamento não ser bom, e entre os muitos que ahi vieram estavam ahi os do desembargo d'el-rei, todos; e Fernão Vasques, que havia de propôr, emquanto el-rei não vinha, começou de dizer contra elles:

— «Senhores, a mim deram carrego, estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas

a El-rei Nosso Senhor que entendem por sua honra e serviço, e porque é direito escripto que, sendo as partes principaes presentes, que o officio do procurador deve de cessar no que elles bem souberem dizer, vós outros, que sois principaes partes n'este feito e a que isto mais tange que nós, devieis dizer isto e eu não; porém, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram cargo, pois vós outros n'ello não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço d'El-rei Nosso Senhor.»

Aguardando elles todos ali, e falando muitas e desvairadas razões n'este feito, soube-o el-rei em seus paços onde estava, e vendo como todos estavam alvoraçados, e as razões que geralmente diziam a contradizer aquelle casamento, não quiz lá ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o mais escusamente que pôde; e ia dizendo pelo caminho:

— «Olhae aquelles vilões traidores como se juntavam! Certamente, prender-me quizeram se lá fôra!»

Os que estavam no mosteiro aguardando, quando souberam que se el-rei partira d'aquella guisa, tiveram-se por escarnidos, cheios de melancholia e palavras deshonestas contra este casamento; e não sómente em Lisboa, mas em Santarem e em Alemquer e em Thomar e Abrantes e outros logares do reino, falando as gentes d'este casamento quanto lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor, a que d'este feito muito pesava, receiando-se que por azo de taes ajuntamentos e falas poderia ser que a deixaria el-rei, dizem que mandava saber, por inculcas, quaes eram os que

n'isto mais falavam contra ella, razoando mal de tal casamento, e havia com el-rei que os mandasse prender e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, aquelle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram decepados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e assim em alguns logares do reino. E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou el-rei depois, e não houveram pena.





## CAPITULO LXII

*Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor por mulher, e foi chamada rainhá de Portugal.*

**A**NDOU el-rei por seu reino folgando, trazendo comsigo D. Leonor, até que chegou Entre Douro e Minho, a um mosteiro que chamam Leça, que é da ordem do Hospital, e ali determinou el-rei de a receber de praça; e em um dia para isto assignado foi a todos proposto por sua parte, dizendo n'esta guisa:

— «Amigos, bem sabeis como a ordem do casamento é um dos nobres sacramentos que Deus n'este mundo ordenou, para não sómente os reis, mas ainda os outros homens, viverem em estado de salvação, e os reis haverem por lidima linhagem quem de poz elles succeda o reino e regimento real que lhes Deus deu. Porende, El-rei Nosso Senhor, querendo viver n'este estado, segundo a elle pertence, e considerando como a mui nobre D. Leonor Telles, filha de D. Martim Affonso Tello e de

D. Aldonça de Vasconcellos, descende de linhagem dos reis, dês-ahi como todos os grandes e môres fidalgos d'estes reinos teem com ella grande divido de parentesco, os quaes recebendo d'El-rei honra, como é aguisado, sejam por ello mais teudos de o ajudar a defender a terra; e olhando outrosim como a dita D. Leonor é mulher mui convinavel para elle, pelas razões sobreditas, tem tratado com ella seu casamento, e porende a quer receber de praça por palavras de presente, como manda a Santa Igreja de Roma, e lhe entende de dar taes villas e logares de seu senhorio, por que ella possa manter honroso estado de rainha, como lhe pertence.»

Então a recebeu el-rei perante todos e foi notificado pelo reino como era sua mulher, de que os grandes e pequenos houveram mui grão pesar.

E deu-lhe el-rei logo Villa Viçosa e Abrantes e Almada e Cintra e Torres Vedras e Alemquer e A'touguia e Obidos e Aveiro, e os Reguengos de Sacavem e Friellas e Unhas, e terra de Merles, em Riba de Douro.

E d'ali em deante foi chamada rainha de Portugal, e beijaram-lhe a mão, por mandado d'el-rei, quantos grandes no reino havia, assim homens como mulheres, recebendo-a por senhora todas as villas e cidades de seu senhorio, afóra o infante D. Diniz, posto que menos fosse que o infante D. João, que nunca lh'a quiz beijar; por a qual razão el-rei D. Fernando lhe quizera dar com uma adaga, se não fôra Gil Vasques de Rezende, seu aio, e Ayres Gomes da Silva, aio d'el-rei D. Fernando, que desviaram el-rei de o fazer, dizendo el-rei sanhudamente contra elle:

— «Que não havia vergonha nenhuma beijarem a mão á rainha sua mulher, o infante D. João, que era maior que elle, e isso mesmo seu irmão, e todos os outros fidalgos do reino, e elle sómente dizer que lh'a não beijaria, mas que lh'a beijasse ella a elle.»

E d'esta guisa andava o infante D. Diniz assim como homiziado da côrte, e o infante D. João ficou com el-rei e com a rainha, muito amado e bemquisto, porque, sendo o maior no reino, se offerecera de bom grado de beijar a mão á rainha e fôra azo e caminho a outros muitos de grande estado. Porém, todos os do reino, de qualquer condição que fossem, eram d'isto mui mal contentes.





## CAPITULO LXIII

*Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando.*

**Q**UANDO foi sabido pelo reino como el-rei recebera de praça D. Leonor por sua mulher, e lhe beijaram a mão todos por rainha, foi o povo todo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira, porque antes d'isto, não embargando que o alguns suspeitassem, pelo grande e honroso geito que viam a el-rei ter com ella, não eram porém certos se era sua mulher ou não, e muitos, duvidando, cuidavam que se enfadaria el-rei d'ella e que depois casaria segundo pertencia a seu real estado.

E uns e os outros todos falavam desvairadas razões sobre isto, maravilhando-se muito d'el-rei não entender quanto desfazia em si por se contentar de tal casamento; e d'elles diziam que melhor fizera el-rei tel-a por tempo e dê-s-ahi casar com outra mulher, mas que isto era cousa que mui poucos ou

nenhum, posto que entendessem que tal amor lhe era damnoso, o deixavam depois e desamparavam, mórmente nos mancebos annos.

E deixadas as falas d'alguns simples que em favor d'elle rasoavam, dizendo que não era maravilha o que el-rei fizera, e que já a outros acontecera similhavel erro, havendo grande amor a algumas mulheres, dos ditos dos entendidos fundados em sizo alguma cousa digamos em breve, os quaes, falando n'isto o que lhes parecia, diziam que tal bemquerença era muito d'engeitar, mórmente nos reis e senhores, que mais que nenhuns dos outros desfaziam em si por alliança de taes amores; ca, pois que os antigos deram por doutrina que o rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma cousa, que aquelle que o contrario d'isto fazia não lhe vinha de bom sizo mas de sandice, salvo se usança dos homens em tal feito lhe emprestasse nome de sizudo. E pois que el-rei D. Fernando deixava filhas de tão altos reis, com que lhe davam grandes e honrosos casamentos, e tomava D. Leonor, que tantos contrarios tinha para o não ser, que bem devia de ser posto no conto de taes.

Outros diziam que isto era assim como dar, da qual ao homem prazia e não prazia, dizendo que todos os sabedores concordavam que todo homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é n'estes causa de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das outras potencias da alma ácêrca das cousas sensi-

veis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê tal qual elle é, mas tal qual a elle parece, ca elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser a elle proveitosa; e portanto todo juizo da razão é subvertido ácerca de tal objecto, em tanto que qualquer outra cousa que lhe aconselhem podera bem receber, mas, quanto ácerca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe e não cure d'ella, antes lhe faz um accrescentamento de dar que é fóra de todo bom juizo; de guisa que se é tal pessoa, o que o aconselhou, de que possa tomar vingança toma-a, assim como fez el-rei D. Fernando, que mandou fazer justiça em alguns do seu povo que o bem aconselhavam em similhante caso, segundo já tendes ouvido.





## CAPITULO LXIV

*Das razões que el-rei houve com um de seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor.*

**T**RAZENDO el-rei D. Fernando D. Leonor consigo antes que a recebesse de praça, como ouvistes, falava algumas vezes com alguns seus privados, dizendo como tinha em vontade de a receber por mulher, e que dissessem o que lhes parecia, por vêr se acharia alguns que lhe aconselhassem que o fizesse; e um dia falou com dois d'elles como sua vontade era de a tomar por rainha, porém antes que o pozesse em obra queria haver com elles conselho.

— «Senhor, disseram elles, a nós não convem falar n'isto, porque vos vêmos já liado com ella em tal maneira que entendemos que nunca outra mulher haveis d'haver senão ella, e ainda nos certificam alguns que a tendes já recebida por mulher; e quanto é por nosso conselho, nem d'outro nenhum que vosso serviço e honra deseje, não vos

aconselhára tal casamento, por muitas razões, mas se tendes em vontade de a todavia receber por mulher nenhum bom conselho presta n'isto.»

A cabo de poucos dias, a recebeu el-rei, como dissemos, e depois, logo cêrca, disse um dia a um de seu conselho como se reprehendia de ter casado com ella. O outro, respondendo, disse :

— «Isto foi por vossa culpa e por vós haverdes vontade de o fazer, mas não por vós não serdes aconselhado por muitos que o não fizesses.»

— «Verdade é, disse elle, que m'ò desdisseram muitos, mas eu quizera que fizeram elles a mim, ainda que eu vontade houvesse, como fizeram os privados d'el-rei D. Affonso, meu avô, a elle.»

— «E como por isso, Senhor?»

— «Eu vos direi, disse el-rei. Meu avô, quando começou de reinar, tinha mais sentido nas cousas em que havia prazer, como homem novo que era, mas que n'aquillo que pertencia a regimento do reino; e estando todos os do conselho em Lisboa juntos, falando nas cousas que pertenciam a regimento do reino e prol do povo, elle deixou o conselho e foi-se á caça a termo de Cintra, e durou lá bem cerca de um mez. Os do conselho, quando viram que elle tão pouco sentido tinha, em começo de seu reinado, das cousas que havia d'ordenar por seu serviço e bem do povo, houveram-n'ò por mau começo, e quando el-rei veio e foi ao conselho, depois que falaram na caça em que andára, disse-lhe um d'elles, por accordo dos outros :

— «Senhor, seja vossa mercê não terdes tal geito como este que ora tivestes:— deixardes vosso conselho por tantos dias, onde tão necessario é d'estardes, e irde-vos á caça ha já um mez, e nós es-

« tarmos aqui sem vós, com pouco vosso proveito  
« e serviço. Por mercê, tende outra maneira n'isto  
« d'aqui em deante, se não...

— « Como se não? disse elle.

— « A la fé, disseram, se não, buscaremos  
« nós outro que reine sobre nós, que tenha cuidado  
« de manter o povo em direito e em justiça, e não  
« deixe as cousas que tem de fazer de sua fazenda  
« por ir ao monte, e á caça andar um mez.

« El-rei houve d'isto grande melancolia, e disse,  
bradando:

— « E como os meus me hão a mim de dizer se  
« não... e elles me hão a mim de fazer isso.

— « Os vossos, disseram elles, quando vós fizer-  
« des o que não deveis.

« El-rei sahiu-se mui queixoso do conselho e foi-  
se, e depois cuidou n'ello e achou que lh'o diziam  
por seu serviço e perdeu queixume d'elles e hou-  
ve-os por bons servidores. E eu assim quizera que  
vós outros do meu conselho fizereis a mim: pois  
que vieis que não era minha honra tal casamento  
não me consentisses que o fizesse.»

O privado, que entendeu que el-rei mais lhe di-  
zia isto por vêr que resposta lhe daria que por ter  
em vontade o que lhe falava, respondeu e disse:

— « Senhor, vós o dizeis agora mui bem, mas  
podera ser que, se os do vosso conselho vol-o con-  
tradisseram d'essa guisa que vós dizeis, que houve-  
ram de vós peor resposta com obra da que hou-  
veram esses outros d'el-rei D. Affonso, vosso avô.»

E el-rei, dizendo que não mas que o houvera por  
bem feito, cessaram d'aquesto e falaram em al.



## CAPITULO LXV

*Como a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos do reino, e do accrescentamento que fez em outros de seu linhagem.*

**E**STA rainha D. Leonor, ao tempo que a el-rei tomou por mulher, era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo; havia loução e gracioso gesto, e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma por então era a ella similhavel em bem parecer e dulcidão de fala, soffrendo-nos porém de a prasmear d'algumas cousas, em que não honesta e mui soltamente, houve grande e vivo entendimento por afortalezar seu estado, trazendo a seu amor e bemquerença assim as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todos leda conversação, com gráda prestança e muitas bemfeitorias.

E porquanto ella era certa de que não prazia ás gentes miudas de ella ser rainha, segundo se mostrara em Lisboa e em outros logares, e ainda d'al-

guns grandes duvidava muito, trabalhou-se de haver da sua parte todos os móres do reino, por casamentos e grandes officios e fortalezas de logares que lhes fez dar, como adeante ouvireis.

E fez ainda grande accrescentamento, especialmente nos de seu linhagem, porque dois seus irmãos, a saber, D. João Affonso Tello ázou como fosse almirante e Gonçalo Telles fez conde de Neiva e de Faria, que é Entre Douro e Minho; e dois filhos do conde D. João Affonso, seu tio, um fez fazer conde de Vianna, que chamavam D. João, e outro foi conde de Barcellos, a que diziam D. Affonso, e porque era mui moço deu-lhe por aio um cavalleiro que chamavam Vasco Peres de Camões; e fez fazer conde de Ceia D. Henrique Manoel, seu cunhado; e fez como fosse conde d'Arrayolos D. Alvaro Pires de Castro; e fez dar o mestrado de S. Thiago a D. Fernando Affonso d'Albuquerque, que era irmão das mulheres de seus irmãos; e fez dar o mestrado de Christo a um seu sobrinho, filho de sua irmã D. Maria, que chamavam D. Lopo Dias; e fez pôr todos os castellos e melhores fortalezas do reino nos que eram de seu linhagem.

E porque Lisboa é principal logar do reino, e quem a tiver por sua entende que tem todo o reino, fez ella dar depois o castello d'essa cidade ao conde D. João Affonso Tello, seu irmão, e fez que quantos grandes e bons havia na cidade que todos fossem seus vassallos: assim como Martim Affonso Valente, que tinha o castello por elle, Estevão Vasques Philippe, Affonso Annes Nogueira, Affonso Furtado Capitão, Affonso Esteves d'Azambuja, Antão Vasques. Estes cavalleiros e outrosim muitos escudeiros, que na cidade havia mui honrados e

mui bons, assim como Pero Vasques de Pedra Alçada e Pedro Annes Lobato e outros que não curamos de dizer, todos eram vassallos do conde.

Fez outro sim muitos e bons casamentos, ca ella casou sua irmã D. Joanna, que era bastarda e commendadeira de Santos, com João Affonso Pimentel, e fez-lhe dar Bragança de juro e de herdade; e casou uma donzella sua parenta que trazia em casa, que chamavam Ignez Dias Botelha, com Pedro Rodrigues d'Affonseca, e fez-lhe dar o castello d'Oliveira; casou Martim Gonçalves de Athayde com Mecia Vasques Coutinho, e fez-lhe dar o castello de Chaves; e casou Fernão Gonçalves de Sousa com D. Thereza de Meira, e fez-lhe dar o castello de Portel; e casou Gonçalo Viegas d'Athayde com Beatriz Nunes, filha de Nuno Martins de Goes e de Branca do Avellar; casou Fernão Gonçalves de Meira com uma filha do arcebispo de Braga; e casou Paio Rodrigues Marinho com a mulher que foi de João Fernandes Logominho; casou outro sim Gonçalo Vasques Coutinho com uma filha de Gonçalo Vasques d'Azevedo, e casou um filho d'este Gonçalo Vasques, que chamavam Alvaro Gonçalves, com uma filha de João Fernandes d'Andeiro, que foi conde d'Ourem e por ella foi posto em estado.

E fez muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino, por lhe haver todos bom desejo e não cahir em sua malquerença, de guisa que não era nenhum que de sua bemfeitoria e accrescentamento não houvesse parte. Era mui grada e liberal a quesquer que lhe pediam, em tanto que nunca a ella chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que d'ante ella partisse com vã

esperança. Era ainda de muita esmola e muito caridosa a todos, mas quanto fazia tudo damnava depois que conheceram n'ella que era lavrador de Venus e creada em sua côrte; e falando os maldizentes prasmavam-n'a, dizendo «que todas as creadas d'aquella senhora se fingem sempre muito amaviosas, por tanto que o manto da caridade que mostram seja cobertura de seus deshonestos feitos.»





## CAPITULO LXVI

*Como el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco.*

**N**ESTE anno de quatro centos e dez, que el-rei D. Fernando recebeu D. Leonor por mulher, estando el-rei D. Henrique em Burgos, soube como alguns cavalleiros e escudeiros de Castella que andavam em Portugal, assim como Fernando Affonso de Samora e outros, haviam tomado um lugar em Galliza, de seu reino, que chamaram Vianna, e lhe faziam guerra d'elle. Outrossim lhe fizeram saber mareantes da costa de Biscaya e das Asturias como el-rei D. Fernando lhes mandára tomar algumas náus no mar e isso mesmo ante o porto de Lisboa, e não sabiam porque; e mais lhe fizeram certo que el-rei D. Fernando fazia alliança com os inglezes, para entrar em seu reino com elles e lhe fazer guerra.

El-rei D. Henrique houve d'isto grão queixume, porquanto tinha pazes com el-rei D. Fernando, e

dava a entender por tal obra que lh'as não queria guardar de todo, assim em consentir aos que andavam em seu reino que lhe fizessem guerra, como nas náus que lhe mandára tomar sem razão; e por ser mais certo da amizade e alliança com el-rei de Portugal tinha, se havia vontade de lh'a guardar ou não, mandou a elle Diogo Lopes Pacheco, o qual n'esta sezão andava em Castella, e andára sempre com el-rei D. Henrique dês que fugira de Portugal por razão da morte de D. Ignez.

Diogo Lopes chegou a Portugal e falou a el-rei D. Fernando tudo o que lhe el-rei D. Henrique mandára e houve d'elle sua resposta, e quando foi falar ao infante D. Diniz contou-lhe o infante do casamento d'el-rei seu irmão, quanto lhe pesava de o fazer d'aquella guisa, e como andava d'elle muito desavindo, por não querer beijar a mão á rainha. Diogo Lopes respondeu como fôra falar a el-rei e que lhe pesára muito da mira que vira, porque lhe parecia que el-rei era de todo ponto em poder d'ella e que o trazia enfeiticado, pois que não fazia mais que quanto ella queria; e o infante lhe perguntou que lhe parecia d'este feito:

— «Parece-me, Senhor, disse elle, mui mal, cá entendo que seus irmãos d'ella montaram no reino mais que vós nem vosso irmão, e ainda queira Deus que não seja peor, porque havendo d'ella filhos poderia ser que vos matariam com peçonha, por tirar suspeita da herança do reino; e posto que assim não seja toda a privança e estado ha de ser em poder de seu linhagem, porém me parece são conselho que vades para Castella. Eu falarei agora a el-rei quando fôr e entendo bem que lhe prazera com-

vosco, e a resposta que n'elle achar vos farei logo saber.»

E assim o fez Diogo Lopes de feito. Como chegou a el-rei D. Henrique, certificou-o que el-rei D. Fernando não era seu amigo de vontade, nem entendera n'elle que lhe prazia guardar as convenções entre elles firmadas; e disse-lhe mais como el-rei não estava bemavindo com os fidalgos e povos de sua terra por azo do casamento de D. Leonor, e que os tinha tão mal prestes para seu serviço e com tão desvairadas vontades que entendia, se entrasse pelo reino, que ligeiramente o podia cobrar, e que o infante D. Diniz e outros cavalleiros com elle se queriam partir do reino e vir para sua mercê.

E isso mesmo chegou ali a Samora, onde el-rei estava, um escudeiro que elle mandára a Portugal com recado sobre isto, o qual lhe certificou claramente que el-rei D. Fernando não era seu amigo, nem quizera desembargar as náus de Castella que foram filhadas no porto de Lisboa. Outrosim lhe vieram novas como o conde D. Affonso seu filho, que enviára a Galliza, havia cobrada a villa de Vianna e prendera alguns d'aquelles que n'ella estavam.





## CAPITULO LXVII

*Como el-rei D. Fernando e o duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão.*

**A**SSIM era certo, como contaram a el-rei de Castella, que el-rei D. Fernando fazia alliança com os inglezes contra elle, não embarcando os tratos e pazes que entre elles havia, segundo ouvistes; ca o duque de Lencastre, segundo filho d'el-rei d'Inglaterra, que se chamava rei de Castella por azo da infanta D. Constança sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro, segundo contamos, enviára, pouco havia, seus embaixadores a el-rei D. Fernando, a saber João Fernandes Andeiro, cavalleiro, e Roger Hoar, escudeiro outrosim do duque, os quaes chegaram no mez de julho cêrca de Braga, onde el-rei de Portugal então era, e mostrado bastante poder que para ello traziam firmaram suas avenças n'esta guisa:

Que el-rei e o duque fossem verdadeiros amigos por sempre um do outro, e que se ajudassem por

mar e por terra contra D. Henrique, rei que se chamava de Castella, e contra el-rei D. Pedro de Aragão, a saber: que vindo o duque fazer guerra a el-rei D. Henrique ou a el-rei d'Aragão, e estando no reino de Navarra começando de fazer guerra a cada um d'elles com as gentes que consigo trouxesse, que el-rei D. Fernando fosse teudo de lhe fazer logo guerra; e, se o duque entrasse por seu corpo em cada um dos ditos reinos, que el-rei de Portugal fosse teudo de entrar com seu corpo por outra parte; e que estas ajudas e guerra que cada um fizesse fosse ás suas proprias despezas, e que toda cousa que el-rei D. Fernando tomasse do reino de Castella, que não fosse villa ou castello ou terra, que fosse sua sem outra contenda, e que toda cousa que fosse tomada do reino d'Aragão que fosse de aquelle que a tomasse.

Estes e outros capitulos, que por não alongar deixamos d'escrever, foram então firmados entre el-rei e o duque de Lencastre sobre esta guerra e ajudas que se haviam de fazer; e o dictado do duque, como se então chamava, era este:

«D. João, pela graça de Deus, rei de Castella e de Leão e de Toledo e de Galliza e de Sevilha e de Cordova e de Molina e de Jaen e do Algarve e d'Algecira, duque de Lencastre e senhor de Molina.»

E n'algumas escripturas enhadiam mais n'elle, dizendo:

«Reinante nos ditos reinos em um com a rainha D. Constança nossa mulher, filha primeira e herdeira do mui alto rei D. Pedro, que Deus perdoe.»

Depois d'estes tratos assim firmados, enviou el-rei D. Fernando, Vasco Domingues, chantre de Braga, a Inglaterra, para os o duque firmar e jurar, e foram firmados por elle nos paços de Saboya, terra de Londres, ficando d'esta vez el-rei e o duque postos em grande amizade.





## CAPITULO LXVIII

*Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse.*

**E**L-REI D. Henrique, não embargando o que lhe Diogo Lopes dissera e as outras novas que de Portugal houvera, como dissemos, não lhe prazia porém haver guerra com el-rei D. Fernando, antes lhe pesava muito de lhe assim quebrantar os tratos e amizade que com elle havia posta, e por mór abundancia, antes que se demovesse a entrar em Portugal, enviou por embaixador a el-rei D. Fernando um bispo, o qual dizem alguns que era D. João Manrique, bispo de Siguenza; e veio a Portugal e achou el-rei em um lugar quatro leguas de Santarem que chamam Salvaterra de Magos. O bispo era homem entendido e bem razoado, e depois que deu a el-rei as suas encommendações, presente o conde D. João Affonso Tello e outros que com elle estavam, lhe disse n'esta guisa:

— «Senhor, El-rei D. Henrique, meu senhor, vendo os grandes dividos que entre vós e elle ha, e desejando haver paz e amorio comvosco, assim por proveito dos povos que cada um de vós ha de reger, como por especial amor e boa vontade que vos tem, quiz que fosses ambos em tal accordo que entre vós e elle não podesse vir nem recrescer nenhuma contenda, e isto o demoveu a fazer paz comvosco, a qual foi firmada com certas condições e juras, segundo bem sabem quantos aqui estão.

«E por mór firmeza d'ellas, e vossos bons dividos serem accrescentados, foi posto de vos dar sua filha por mulher, com algumas villas e logares de seu reino; e vós, Senhor, não sei por qual razão, o capitulo que mais deveis de guardar, que era casar com sua lidima filha, por ser a vós honroso casamento e accrescentardes em vosso reino os logares que vos com ella dava, e vós quebrantastelh'o d'ahi a poucos dias, deixando-a de receber e casando-vos com outrem, da qual cousa vos mandastes escusar a el-rei meu senhor como á vossa mercê prouve; e, posto que elle ahi podera tornar com aguisada razão e direito, soffreu-se de o fazer, por dar lugar á paz que deseja haver comvosco.

«E hora depois d'isto mandastes aos do seu reino tomar certas náus, assim na costa do mar como ante o porto de Lisboa, e pero vos enviou requerer que lhes mandasses de tudo fazer entrega não foi vossa mercê de o pôr em obra, antes déstes tal resposta áquelles que acá enviou por que mostrastes que de guardar a paz que entre vós e elle foi firmada havieis mui pouca vontade; além d'isto, lhe fizeram alguns entender que vós fazieis liga com

os inglezes, para virem a vosso reino e serem em vossa ajuda contra elle.

«E porque todas estas cousas mostrava claramente que vós não tendes vontade de lhe guardar a paz que entre vós e elle foi firmada, vos envia dizer por mim, e vos requer da parte de Deus, que vós lhe guardéis cumpridamente as pazes que entre vós ambos são firmadas, e mandeis fazer entrega aos seus de todo o damno que hão recebido; e fazendo-o assim fareis n'ello razão e direito que sois teudo de fazer, e elle agradecer-vol-o-ha muito e terá em grande amizade.

«D'outra guisa, se vossa mercê é britardes as pazes que assim haveis em um, a elle é forçado que se defenda de vós, e então mostrará a Deus e ao mundo que não é mais teudo que vol-o requerer, e que Deus, que é justo juiz, terá justa razão de o ajudar contra vós.»





## CAPITULO LXIX

*Da resposta que el-rei D. Fernando deu ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi.*

**E**L-REI D. Fernando, que bem suspeitava as razões que lhe o bispo havia de dizer e as cousas em que o havia de culpar, como aquelle que d'ellas era bem sabedor, tinha já a resposta prestes para se escusar, e não pediu espaço para haver sobre ello conselho, mas respondeu logo, dizendo assim:

—« Eu, tudo o que fiz, tinha razão de o fazer, e que mais fizera nenhum m'ò deve ter a mal, porque eu não lhe quebrei as pazes, mas elle as quebrantou a mim primeiro; e assim lh'ò enviei dizer por Martin Peres, doutor em degredos, chanceller do infante D. João seu filho, quando a mim sobre isto veio da sua parte. Porque depois das pazes feitas, a cabo d'uns seis mezes, chegou a mim a Tentugal, onde eu então estava, aquelle doutor, e disse-me e requereu que bem sabia os tratos e avenças que por bem da paz entre mim e el-rei D. Henrique foram firma-

das, e como se depois prolongaram além do tempo, por certas razões da sua prol e minha, as quaes eram entrega de certos logares e prisioneiros d'uma parte á outra e mais o casamento da infante D. Leonor commigo.

«E eu lhe respondi que bem sabia el-rei de Castella que o que eu ficára por fazer já era da minha parte cumprido, deixando-lhe as villas e logares que tinha, e entregues todos os prisioneiros que em meu reino eram retidos; e que elle nunca me quizera entregar a villa de Bragança nem o castello de Miranda e outros logares. E porém que me entregasse elle primeiro os logares todos, como eu fizera a elle, e que bem me prazia casar com sua filha e lhe cumprir mais ainda outra cousa, se teudo era de a cumprir; assim que eu fiz tudo o que devia e elle não me teve aquillo que me poz, e porém casei com quem me prouve e fiz o que entendi por meu serviço.»

—«Senhor, disse o bispo, no casamento vos não falei senão por o trazer a meu proposito, e se el-rei meu senhor algumas cousas por cumprir tem, das que entre vós e elle foram firmadas, é mui bem que seja requerido que as cumpra, e sou certo que o fará de bom talante; d'outra guisa, não me parece que é bem ordenardes por onde entre vós e elle haja guerra e discordia. Lá, se os de sua terra furtaram em vosso reino o castello de Miranda, primeiro sahiram os de vossa terra a roubar na sua e lhe fazer guerra, tomando por força em Galliza o logar de Vianna, e d'ali faziam guerra a toda a comarca de redor, consentindo-o vós e não tornando a ello em guisa que houve elle ahi de mandar o conde D. Affonso, seu filho, com gentes, a pôr cobro n'isto; mas entre vós e elle tão pequenas cousas como

essas ligeiras são de concordar, por serdes em paz e amorio.

«Porém, Senhor, por mercê, esguardae bem primeiro o que quereis fazer, e conhecei que aquella é nobre e aventurada paz que é na vontade e não nas palavras, e que um dos cuidados melhores que haver podeis assim é de haver paz com vossos visinhos; nem pode nenhuma cousa mais dôce ser entre os reis e os povos que viverem em paz e socego, de guisa que onde é um dom de fé haja uma concordia de vida.»

El-rei D. Fernando tinha mandado Vasco Domingues, chantre de Braga, a Inglaterra, como ouvistes, por firmar o trato entre elle e o duque de Lencastre, dês-ahi por fazer vir gentes d'armas, e houvera já recado d'elle que tinha oitocentas lanças e outros tantos archeiros prestes; e quando lhe o bispo dizia estas e outras muitas razões que todavia houvesse paz, el-rei respondia por taes palavras e com tal doairo que bem mostrava que havia d'ello pouca vontade. E d'essa mesma guisa o dizia o conde D. João Affonso Tello, emtanto que o bispo lhe veio a dizer:

—«Conde, vós podeis aconselhar el-rei, que aqui está como vos prouver, mas se o vós aconselhaes que elle haja guerra antes que paz vós podeis dizer o que quizerdes, mas porém sei que não haveis vós de ser o primeiro que haveis de jogar as lançadas ante elle; e se eu fosse de seu conselho, como vós sois, eu lhe aconselharia antes que escolhesse a certa paz com el-rei meu senhor, que esperar a duvidosa victoria.

Sobre isto se seguiram outras muitas razões, pelas quaes o bispo entendeu que el-rei não havia vontade de haver paz; e despediu-se d'elle e foi-se seu caminho.



## CAPITULO LXX

*Como o bispo chegou a Castella e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal.*

**T**ORNOU-SE ò bispo para Castella, e achou el-rei D. Henrique em Samora, e, posto el-rei de parte com os de seu conselho, para ouvir a resposta que o bispo trazia, elle ás primeiras novas que lhe deu disse-lhe que se percebesse de guerra; e contou-lhe tudo a que lhe aviera com el-rei D. Fernando, como entendia n'elle que não havia vontade de ser seu amigo, nem lhe guardar a paz que com elle pozera, e que assim lhe parecia que o aconselhavam alguns senhores dos que com elle eram. El-rei D. Henrique, ouvindo isto, disse então perante todos:

— «Deus sabe, que é sabedor de todas as cousas, que eu não hei vontade de haver com elle guerra, antes queria de mui boa mente haver com elle paz e ser seu amigo; mas, pois que assim é que eu hei de haver guerra, eu não a quero guar-

dar para mais longe, mas logo em ponto a quero começar, e diga cada um de vós o que lhe parece como se pode melhor fazer.»

Os do conselho, vista a resposta que o bispo trazia, e o desejo que el-rei n'isto mostrava, accordavam todos se fazer guerra, e que el-rei entrasse por Portugal com todo seu poder, mas que isto não fosse logo, por certas razões: á uma, por el-rei não ter as suas gentes prestes, e isso mesmo dinheiros para paga dos soldos e corregimentos que lhe eram necessarios, dês-ahi, pelo inverno que se seguia; assim que por isto, e por outras cousas que cada um mostrava a se não fazer, eram todos em accordo que el-rei espaçasse esta guerra até o verão que havia de vir, e que emtanto faria elle prestes tudo o que para ello era cumpridouro, e assim a poderia acabar com mais sua honra e serviço.

El-rei, quando viu que todos eram d'aquelle accordo e nenhum desviava d'elle, deu-lhes em resposta, dizendo:

— «Ou vós todos estaes bebedos ou sandeus, ou sois traidores.»

— «Não já eu, Senhor, disse o bispo, ca não sou ruivo.»

— «Ah! bispo, disse el-rei, por mim dizeis vós isso,» — porque el-rei era branco e ruivo.

— «Não, Senhor, disse elle, mas por este que aqui está,» — a saber Pero Fernandez de Vallasco, que estava junto com elle, que era um pouco como ruivo.

E rindo d'estas e d'outras razões, que entremetiam por tomar sabor, tornou el-rei a dizer contra elles:

— «Aqui não cumpre mais perlongas nem outro conselho quando se fará, mas antes que se nunca el-rei D. Fernando perceba, nem lhe venha ajuda d'inglezes nem d'outro nenhum de fóra do reino, antes eu quero que me elle ache comsigo; e ou lhe eu destruirei toda a terra, ou nós viremos a tal avença por que sempre sejamos d'accordo, e esta entendo que é bem justa guerra, pois que a faço por haver paz. E logo d'este lugar entendo d'enca-minhar para Portugal sem mais tornar atraz, e quem vontade tiver de me fazer serviço, elle me seguirá por onde quer que eu fôr.»

E n'este conselho dizem que se firmou muito Diogo Lopes Pacheco, dizendo que entrasse logo subitamente por Portugal, e que se fosse logo lançar sobre Lisboa, não curando d'outro lugar nenhum, a qual podia tomar ligeiramente, e que cobrando esta cidade entendesse que tinha todo o reino cobrado e finda sua guerra.

Mandou el-rei logo cartas a todos seus vassallos que se juntassem á pressa onde quer que elle fosse, ca sua intenção era partir sem mais tardança e entrar em Portugal, e que elle os esperaria á entrada do reino. Outrosim, escreveu a *micer* Ambrosio Boccanegra, seu almirante, que armasse logo em Sevilha doze galés, e que tanto que fossem armadas que partissem logo n'ellas para a cidade de Lisboa.





## CAPITULO LXXI

*Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal e do recado que houve do cardeal delegado do papa.*

**P**ARTIU el-rei D. Henrique, de Samora e andou seu caminho sem fazer detença, com as gentes que o seguir poderam, até que entrou por Portugal; e esta trigança trouxe, sem mais esperar ninguem, por os seus terem azo e se fazerem prestes de o mais cedo seguir; e foi sua partida em setembro meado, na era que dissemos de quatrocentos e dez. E como chegou ao extremo dos reinos aguardou ali suas gentes, e cobrou, emtanto, estes logares: Almeida, Pinhel, Linhares, Celorico e a cidade de Vizeu, que lhe foi bem ligeira de haver, como logar sem nenhuma cerca.

E, estando el-rei n'aquella comarca, foi-se para elle o infante D. Diniz, irmão d'el-rei D. Fernando, segundo falara com Diogo Lopes quando viera a Portugal, e el-rei D. Henrique o recebeu mui bem e lhe deu de si grande gasalhado.

E antes que el-rei d'ali partisse soube como D. Guido de Bolonha, cardeal e delegado do papa, era vindo em Castella, por tratar avença e paz entre elle e el-rei de Portugal; e recebeu el-rei sua carta, em que lhe fez saber a rasão porque era chegado a sua terra, e que lhe enviasse dizer se viria onde elle estava, ou como lhe prazia que fizesse.

E el-rei lhe mandou sua resposta, em que lhe rogava que se fosse emtanto para a villa de Guadalfaiara, onde estava a rainha e os infantes seus filhos, e que elle, Deus querendo, mui azinha livraria o que haviam de fazer em Portugal, e tornaria a Castella e falaria com elle.

O cardeal, vista sua carta, entendeu que el-rei havia vontade de proseguir sua guerra, e portanto lhe enviava dizer isto por encaminhar de o vêr mais tarde; e, pensando n'ello, houve seu conselho que, pois que o papa o havia enviado para pôr paz e amorio entre os reis ambos, que lhe não cumpria pôr n'isto detença, mas trabalhar-se de vêr el-rei de Castella antes que se a guerra mais accendesse, e ordenou de partir de Ciudad Rodrigo, por ir falar a el-rei onde quer que o achasse.





## CAPITULO LXXII

*Como el-rei D. Fernando começou de se aperceber de guerra, e el-rei D. Henrique entrou pelo reino, e do que sobre ello aveio.*

**C**omo a guerra foi soada em Portugal e el-rei D. Fernando certo que el-rei D. Henrique queria entrar em seu reino, foi posto em grão pensamento, porque não cuidou que assim trigosamente se trabalhasse de fazer tal entrada, nem que elle fosse o primeiro que começasse a guerra; e poz logo suas frontarias pelas comarcas do reino e isso mesmo certos senhores e fidalgos nos logares por onde entendeu que el-rei de Castella havia de vir. El-rei D. Fernando estava então em Coimbra, e a rainha D. Leonor com elle e alguns fidalgos do reino; e mandou chamar muita gente de riba de Guadiana e isso mesmo da Extremadura, para lhe ter o caminho em seu grande e espaçoso campo, seis leguas de Coimbra contra Lisboa, onde chamam o Chão do Couce, onde se todos accordavam que era bem de o esperar. Depois accordaram

que era melhor esperal-o em Santarem e ali pelejar com elle, e que quanto mais entrasse pelo reino, alcançando-lhe os mantimentos, que tanto viriam mais desgarrados e melhores de desbaratar. Com esta intenção, partiu el-rei de Coimbra e deixou sua mulher ahí e alguns fidalgos com ella, e veiu-se a Santarem e ali começou de ordenar seu ajuntamento; e mandou a Lisboa e a outros logares que fizessem sua apuração de certos homens d'armas e peões e besteiros, e que se juntassem com elle todos em Santarem.

N'isto, partiu el-rei D. Henrique, de Vizeu, depois que chegaram aquellas companhas por que havia enviado que se viessem por elle, e sua tenção era que el-rei D. Fernando lhe havia de pôr batalha; e veiu-se caminho direito de Coimbra, e ali se juntaram com elle o mestre de S. Thiago e o mestre d'Alcantara e as companhas d'Andaluzia, que haviam entrado por aquella comarca.

A rainha estando em Coimbra, chegou el-rei D. Henrique e pousou em Tentugal, e o conde D. Sancho, seu irmão, nos paços de Santa Clara, e o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco e Lemosim no mosteiro de S. Francisco, e João Rodrigues de Castanheda em Sant'Anna e Pero Fernandez de Vellasco em Sernache; e assim os outros senhores e capitães pelos logares de redor.

Então tiveram geito de cercar a cidade, salvo como quem pousa de caminho, como quer que foi feita uma escaramuça na ponte, em que foram alguns portuguezes; e n'aquelles dias que el-rei de Castella por ali esteve pariu a rainha D. Leonor uma filha, que chamaram D. Beatriz, que depois foi rainha de Castella, como adeante ouvireis.

D'ali partiu el-rei D. Henrique sem desviar da estrada, como fizera depois que entrou em Portugal, e veiu-se caminho de Torres Novas, e ali soube como el-rei D. Fernando estava em Santarem, e que n'aquelle logar se haviam de juntar com elle seus ricos homens e fidalgos e o conselho de Lisboa e d'outros logares, para lhe pôr a praça; e elle esteve ali dois dias ordenando sua batalha, a qual pensava que se não escusasse. E era assim de feito que el-rei D. Fernando mandára a todos seus fidalgos e vassallos que estivessem prestes, que tanto que vissem seu recado se viessem para elle; e muitos lhe escreveram se se viriam logo como souberam que el-rei de Castella partira de Coimbra, e se lhe havia de ter o caminho; e elle lhes respondia por suas cartas que estivessem quedos e não viessem a elle até que lhes elle mandasse dizer como fizessem.

E a taes ahi houve, assim como Martim Affonso de Mello e Gomes Lourenço do Avellar e outros, que dos logares onde estavam por fronteiros tresnoitaram uma noite e vieram falar a el-rei; e elle, como os viu, mostrou-lhes bom gasalhado e perguntou-lhes a que vinham, e elles responderam « que elle lhes dissera que ali aguardaria el-rei de Castella para pelear com elle, e que haviam novas que era já muito perto e que não cumpria tardar mais para tal feito, mas que sahisse a tomar o campo e fosse longe da villa antes que perto, e que lhe pediam por mercê que defendesse seu poleiro e não aguardasse mais gente, ca assaz haveria d'ella.» El-rei disse « que lh'o agradecia muito e que diziam muito bem, como bons fidalgos que eram, mas que se tornassem para onde estavam e se fizessem bem

prestes com as gentes que tinham e podessem haver, e que como vissem seu recado que logo se viessem, e por outro modo não partissem sem mandado.»

E d'esta guisa que el-rei disse a estes assim enviou dizer a alguns que lhe isto mesmo mandaram requerer, assim como ao mestre d'Aviz, seu irmão, que estava em Torres Novas, que cada dia mandava saber que fazia el-rei, e se juntava algumas gentes, receando-se que se houvesse de haver batalha que não curaria d'elle, porque era moço; e porém rogava a um bom cavalleiro, que era seu aio, que por Deus fizesse de guisa que não errasse de ser n'ella, e elle o segurava que não temesse de ficar, se batalha ahi houvesse de haver, mas que via el-rei encaminhar seus feitos que duvidava muito de pôr o campo a el-rei de Castella. E d'aquella guisa aconteceu, ca elle mandou ao concelho de Lisboa, que já estava na Azumbuja, cinco leguas de Santarem, que se tornassem e não fossem mais por deante, e nenhum dos outros mandou chamar.

El-rei de Castella, quando isto soube, moveu com sua gente caminho de Santarem e chegou áquem do logar a uns paços que dizem Alcanhões, e ali foi certo que el-rei D. Fernando não queria pelejar com elle. Então partiu el-rei para Lisboa, a um sabbado dezenove dias de fevereiro, e foi por cima de Santarem, caminho dos Feijoaes e pelas Abitureiras, sem torvação que de nenhum recebesse; pero que dizem alguns que el-rei D. Fernando quizera sahir a elle com aquelles que consigo tinha, vendo que o contrario lhe era gran mingua, e que sendo já armado em cima do cavallo, com muitos dos seus que ahi então eram, que o conde D. João

Affonso Tello e o prior do Hospital o fizeram descer e desarmar, dizendo «que não consentiriam que sahisse fóra a pelejar com elle, ca o não podia fazer como pertencia a sua honra, salvo tendo tres ou quatro mil de cavallo comsigo, e d'outra guisa não.»

E d'isto foram mui prasmados o prior e o conde e isso mesmo el-rei com elles, dizendo «que covardisse de coração lh'o fizera fazer, ca elles não lhe deveram de dar tal conselho, e elle, se boa vontade tivera para pelejar e dera d'esporas ao cavallo, todos os seus seguiram á ventura que lhe Deus dar quizera.» E entre os que isto depois mais largamente prasmaram foi João Sanches, cavalleiro de Santa Catharina, que era um dos que se vieram para el-rei D. Fernando depois da morte d'el-rei D. Pedro, dizendo «que el-rei mostrava muito grande mingua não sahir a pelejar com el-rei D. Henrique;» e falou n'isto tantas vezes e assim de praça que houve el-rei de saber, e disse aos que ahi estavam «que não curassem de seus ditos, ca era um villão e zombeiro, filho d'um azemel de seu pae.»

João Sanches era homem de mui bom corpo e de gran força e bem ardido, e quando lhe contaram que el-rei isto dissera houve mui gran melancolia, e um dia, estando el-rei de praça, lhe disse perante todos:

— «Senhor, a mim disseram que vós dizeis que eu sou filho d'um azemel de vosso pae. Em verdade, se o elle foi em algum tempo, eu não o sei, e que o fosse, foi-o de um mui nobre rei; mas porém sei eu tanto que se vós tivereis mil azemeis taes co-

mo eu, e de tal vontade, que vos não passara a vós el-rei D. Henrique per ante a porta, como passou, nem levara de vós tal honra.»

El-rei callou e não respondeu áquillo, e os outros disseram a João Sanches que não curasse d'aquellas razões; e riam-se do que contra el-rei dizia em modo de escarneo.





### CAPITULO LXXIII

*Como el-rei D. Henrique chegou sobre Lisboa, e da maneira que os da cidade tiveram em se recolher.*

**N**ENHUMAS gentes poderam pensar que el-rei D. Henrique entrasse pelo reino, da guisa que elle entrou, especialmente desde Coimbra para Lisboa, onde el-rei D. Fernando estava quando elle partiu de Vizeu, que elle muito primeiro lhe não sahisse ao caminho a embargar sua vinda, podendo-o mui bem fazer, ca elle tinha gentes assás de seus naturaes para lhe pôr a praça, e mais a ajuda dos fidalgos e senhores que se para elle vieram de Castella, por morte d'el-rei D. Pedro, segundo tendes ouvido. E porém nenhum podia crêr que el-rei D. Fernando soffresse sua vinda tão longe pelo reino; em tanto, que pelas villas e logares por onde el-rei D. Henrique vinha assim estavam as gentes desseguradas, por esta razão, que nenhuns se apercebiam de se guardar, nem pôr o seu em salvo, de guisa que achavam os homens folgan-

do e ceando sem terem nenhuma cousa guardada do seu, e já os inimigos andavam pelos termos da villa e ainda o não criam, e assim roubavam e captivavam muitos d'elles, sem achar tal que lh'o de todo embargar podesse.

Os de Lisboa, quando souberam como el-rei D. Henrique passara por Santarem, e que el-rei D. Fernando não sahira a elle nem lhe mandara embargar sua vinda, foram postos em muito cuidado, por a gran perda que de receber entendiam, porque a cidade era toda devassa e sem nenhum muro onde havia mais gente, e não tinha outra guarda nem defensão salvo a cêrca velha, que é desde a porta do Ferro até a porta d'Alfama e desde o chafariz d'El-rei até a porta de Martim Moniz, e toda a outra cidade era devassa na qual moravam muitas gentes abundadas de grandes riquezas e bens; e bem entendiam que elles e os do termo era por força de se acolherem a ella, e que não poderiam caber dentro, com todas suas cousas, sem grande pressa e angustura. E porém diziam alguns que era bem de se juntarem todos e ir pelejar com el-rei de Castella á ponte de Loures, e ali morrerem antes assumados que esperarem de soffrer tamanho mal como esperavam receber por sua vinda.

Outros diziam que era bem que palancassem todas as ruas que sahiam ao Rocio da cidade, e que por ali a defendessem que não entrassem os castelhanos n'ella; e que todos os frades e clerigos que na cidade havia tomassem armas e a ajudassem a defender. E tão mau lhes era de crêr que el-rei D. Henrique chegasse a Lisboa que já suas gentes eram no Lumiar, uma legua da cidade, e entraram

pelos olivae e vinhas de redor, e ainda alguns duvidaram que a elle viesse cercar. E com este alvoroço e cuidado, começaram clerigos e frades de se ir ao almazem d'el-rei e armarem-se todos das armas que ahi achavam; outros trabalhavam de buscar madeira para palancar as ruas; e taes ahi havia que, desamparando o cuidado da defensão da cidade, não tinham sentido senão de guardar as cousas que em salvo podiam pôr.

E sendo todos assim empachados em desvairadas occupações, el-rei D. Henrique chegou muito de socego, com toda sua hoste, por cima de Santo Antão, dêz-ahi por Valverde, para ir pousar no mosteiro de S. Francisco, e o infante D. Diniz com elle; como quer que alguns escrevem que elle trazia em vontade d'ir pousar ao mosteiro de Santos, que é arredado da cidade quanto será um quarto de legua, e os seus encaminharam por desvairadas partes direito para ella, e então ordenou de pousar em S. Francisco, que é logar alto, de que a toda bem podia vêr.

Os da cidade, vendo seu grande poderio, não se atreveram a pelear com elle, e, deixado o cuidado que tinham de tomar armas, trabalharam todos de se pôr em salvo, e acolheram-se áquella parte da cidade que era cercada, o mais azinha que poderam, com as mulheres e filhos e cousas que levar podiam; e era a pressa tão grande dos que se acolhiam dentro á cêrca, assim christãos como judeus, que embargava a entrada das portas a espessura da gente, que era muita. Uns descarregavam seus hombros cansados das grandes trouxas que traziam, achando logo muito prestes quem de as receber tinha cuidado; outros, como chegavam ás por-

tas, lançavam dentro as cargas que levavam e deixavam-n'as sem nenhuma guarda, com trigança de tornar por outras.

Jaziam muitas cousas desamparadas além dos muros, sobre que depois haviam contenda, extremado cada um quaes eram suas. A segurança que os fez tardar de primeiro não começarem tal trabalho lhes deu azo de perderem grandes riquezas. Contavam uns aos outros, depois do recolhimento, como lhes aviera pondo o seu em salvo, e como o postumeiro temor lhes fazia desamparar e esquecer muitas cousas.

Os mouros forros do arrabalde foram-se todos, com seus gasalhados, para o Curral dos Coelhos, junto com a fortaleza dos paços d'el-rei, que é em um alto monte, e ali estavam em tendilhões acoutados por sua defensão.

E foi esta vinda d'el-rei D. Henrique, quando chegou sobre Lisboa, uma quarta feita, a hora de terça, vinte e tres dias do mez de fevereiro da era de quatrocentos e onze annos.





## CAPITULO LXXIV

*Como o almirante não quiz que as galés de Portugal pelessem com as de Castella, e como por seu azo foram tomadas algumas naus de Portugal.*

**E**L-REI D. Fernando, quando viu que el-rei de Castella passava por Santarem e se ia lançar sobre Lisboa, ordenou de mandar gentes a ella por ajuda de sua defensão, e porquanto o conde D. Alvaro Peres de Castro era alcaide da cidade, mandou el-rei que se viesse para o castello, por segurança e guarda d'ella, e mandou derribar todas as casas que estavam juntas com o muro por se não acolherem os castelhanos dentro n'ellas e receberem por ali damno.

E mandou mais o almirante *mice* Lançarote e Vasco Martins de Mello e João Focim, capitão da frota, e alguns outros cavalleiros, assim dos que estavam com ello como dos que vieram em companhia da rainha, quando partira de Coimbra e chegara a Santarem; e vieram em barcas e lançaram-se na cidade, porque a frota d'el-rei de Castella

não viera ainda, que os embargasse de não entrar n'ella.

E, havendo novas das galés de Castella que vinham armadas de Sevilha, accordaram que era bem de armar quatro galés que jaziam na agua ante a cidade, e algumas naus, e que lhes fôsem sahir ao caminho e pelejar com ellas. E foi assim feito que se fizeram prestes e partiram d'ante a cidade, e, indo não mui longe d'ella, houveram vista d'algumas galés que vinham deante, e João Focim, capitão que ia n'uma nau, quizera que afferraram com ellas, certificando que os venceriam, porquanto as naus e galés iam bem armadas, e as de Castella não vinham assim. O almirante, com gran covardice e mingua de bom esforço, pero tinha a vantagem dos inimigos, nunca n'ello quiz consentir, mas disse que as viessem ladrando e que ante a cidade pelejariam com ellas, para todos verem o prazer do vencimento.

As galés de Castella que deante vinham, com grande receio e medo que traziam, como foram perto da cidade, fizeram muito por atravessar o rio. João Focim, quando viu que as galés remavam para terra e que o almirante não curava d'afferrar com ellas, desejoso de bem fazer, terreou tanto por dar n'uma galé antes que enseccasse, que se houvera de perder, e não lhe poude fazer nojo; e as galés de Castella pozeram as prôas ante as tercenas da cidade, e as naus e galés de Portugal além um pequeno espaço, onde chamam o Furadouro.

E como umas e as outras pousaram, começaram logo d'obrar por desvairadas vontades, ca os castelhanos á pressa trabalharam de se metter em suas galés e fornecel-as de gentes d'armas, para ir pele-

jar com as outras, e o almirante sahiu-se logo, e muitos com elle, e foi-se á camara da cidade pedir conselho que maneira se teria em razão d'aquella armada. E, pero lhe diziam alguns, que as viam, como se enchiam de gentes as galés de Castella, e que visse o que pertencia fazer em tal feito, não curava de pôr remedio como defendesse suas galés.

N'isto, encheram-se as galés de Castella de tantos homens que as faziam mais de pejudas que de ligeiras, e começaram de remar contra as naus e galés dos portuguezes. As naus e galés, como estavam sem gentes d'armas, porque sahiram com o almirante e depois com o capitão, cuidando mui pouco o que as galés de Castella queriam fazer, quando as viram vir assim tão poderosamente armadas, não as ousaram d'attender e remaram para a outra parte d'além, contra Ribatejo, e metteram-se em certas rias que ahi ha, onde não podiam receber nojo ainda que as galés dos inimigos as seguir quizeram.

As galés de Castella, vendo como se iam para aquella parte, onde lhe empecer não podiam, afer-raram logo com as naus, e como n'ellas era pouca gente, pelejando, cobraram algumas, e ficou o mar então por elles.

O almirante, por esta razão, foi muito culpado e mal desdito, e tirou-lhe el-rei o almirantado e deu-o a D. João Affonso Tello, irmão da rainha, porquanto por sua culpa e azo não cobrará as galés de Castella, e mais perdera parte de suas náus, como quer que fossem das que el-rei tomara aos castelhanos.



## CAPITULO LXXV

*Como os da cidade pozeram suspeita em algumas  
pessoas moradores d'ella, e foram presos alguns  
e mortos dois homens.*

**P**ORQUANTO era commum fama, e assim o affirmavam todos, que Diogo Lopes Pacheco fôra o principal azador que fizera el-rei D. Henrique vir cercar Lisboa, fazendo-lhe entender que na cidade havia pessoas que por o seu dariam tal azo por que a elle cobrasse mui cedo, foi grande alvoroço na cidade por esta suspeita, dizendo o povo contra alguns moradores d'ella que eram da parte d'el-rei de Castella por azo de Diogo Lopes, cujos servidores e alliados eram, e que a cidade era vendida por elles; dos quaes foram Lourenço Martins da Praça, que creara o mestre d'Aviz D. João, e Martim Taveira e Affonso Collaço e Affonso Peres e outros dos bons que na cidade havia.

E porque alguns d'elles tinham chaves de certas portas, foram-lhes logo tomadas e elles todos presos, e como em similhantes feitos, muito de recear,

não se esguarda nenhuma desculpação nem espaço de saber a verdade, foram sem mais detença todos mettidos a tormento; e, sem confessar nenhuma cousa, disseram alguns que um homem de Lourenço Martins merecia de ser arrastado, e, sem mais curar de buscar besta que o houvesse de levar, ás mãos o arrastaram pela cidade e o fizeram em postas, e assim morreu.

Outro tomaram e pozeram-n'o na funda d'um engenho que estava armado ante a porta da sé, e quando desfechou lançou em cima d'essa igreja, entre duas torres dos sinos que ahi ha; e quando cahiu acharam-n'o vivo, e tomaram-n'o outra vez e pozeram-n'o na funda do engenho, e deitou-o contra o mar, onde elles desejavam, e assim acabou sua vida.

Os outros nomeados, que foram presos e feridos, soltaram-n'os sem outra pena que houvessem, mas não fiaram mais d'elles, e d'ahi em diante pozeram em si grande guarda e regimento, velando a cidade de noite e de dia, tendo cautella e avisamento grande em todos seus feitos e defensões.

N'isto, soube el-rei D. Henrique como os frades do mosteiro de S. Francisco, onde elle pousava, tomaram armas para ir pelejar contra elle, quando na cidade fôra sabido que elle vinha; e disse que pois assim era, que se armaram contra elle, que não estava em razão de elle pousar entre seus inimigos. Então mandou tomar duas barcas e metter os frades todos n'ellas, sem barqueiros, e que se passassem além do rio; e os frades, remando, pozeram-se além do rio em salvo, porquanto não é mais de uma legua.

Os seus, quando viram que elle isto mandava fazer aos frades, quizeram roubar a sachristia, e el-rei soube-o e defendeu que o não fizessem; e assim foi guardada em poder d'um homem bom frade, que era sachristão d'aquelle mosteiro.





## CAPITULO LXXVI

*Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasques,  
seu filho, foram presos em uma escaramuça.*

**A**s gentes d'el-rei de Castella pousavam nos mosteiros e pela cidade, como lhes prazia, como aquelles que achavam todas as casas desamparadas, com muitos bens e alfaias n'ellas, ca seus donos não houveram espaço, quando se acolheram á cêrca velha, de tudo guardar e levar consigo, salvo essas cousas que mais ligeiramente apanhar poderam, como dissemos. E muitos christãos e judeus deitaram de seus haveres, os que levar não podiam, dentro nos poços; e, sabendo os castelhanos d'isto parte, buscavam-n'os depois com fateixas e cobraram tudo a seu poder, com outras muitas cousas que depois levaram quando se foram.

E porque todas as gentes pousavam muito perto dos muros da cidade, escaramuçavam a miude uns com outros, e havia ahi feridos e presos ás vezes d'uma parte e da outra; assim como foi preso Vas-

co Martins de Mello, cuja era a guarda da porta do Mar, que sahio um dia a escaramuçar com João Duque, que tinha logo cerca a guarda dos açougues. E, cuidando Vasco Martins que iam com elle todos os da sua parte, falleceram-lhe d'elles áquella hora, e João Duque sahio a elle bem acompanhado, e Vasco Martins em se defendendo, foi ferido e derribado em terra. N'isto, chegou Gonçalo Vasques, seu filho, por defender que o não matassem, e estiveram tanto defendendo-se que foram ambos feridos e presos, e levou-os João Duque por prisioneiros para sua pousada.

N'outro dia, veiu-o vêr Diogo Lopes Pacheco, e houveram ambos mui más palavras, dizendo Vasco Martins contra elle que por seu azo e induzimento fazia el-rei D. Henrique esta guerra e se viera lançar sobre Lisboa, e outras desmesuradas razões que por então houve entre elles.

El-rei D. Fernando, sabendo como Vasco Martins e seu filho eram presos d'aquella guisa, mandou a Sines por Pero Fernandes Cabeça de Vacca, que fôra pilhado n'aquelle logar em uma das galés de Castella que viera ali á costa por tormenta, quando por ali passava, e deram-n'o por Vasco Martins e por seu filho, e assim foram livres e soltos.





## CAPITULO LXXVII

*Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça.*

**S**ENDO assim costume de escaramuçar os da cidade com os de fóra, tambem á porta do Ferro, como áquella porta do mar que dissemos, sahiram um dia de dentro da cêrca alguns portuguezes, por escaramuçar com os inimigos, e em se entremettendo de os accometter cresceu-lhes tal força e ardimento que deram com elles pela rua Nova bem até metade da rua.

El-rei D. Henrique olhava do miradouro de S. Francisco, onde pousava, tudo o que se fazia muito a seu salvo, e, louvando presente os seus a ardidez d'aquelles portuguezes que d'aquella guisa faziam, recresceram tantos dos seus em ajuda d'aquella escaramuça que por força fizeram recolher os da cidade dentro, não sem grão perigo dos que escaparam; e foi ali preso Garcia Rodriguez, meirinho-mór d'el-rei D. Fernando, sem mais prisão

d'outra pessoa, nem morte d'algum d'uma parte nem da outra. E dos que assim prendiam davam uns por outros, e ás vezes por rendição, como se acertava.

N'isto, foi o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, com quatrocentas lanças, sobre um logar cercado que chamam Cascaes, que é muito junto com o mar, cinco leguas da cidade, e as poucas gentes d'elle, que o defender não podiam, deram-lh'o logo, sem outra peleja que ahi houvesse; e elles prenderam os que quizeram, e roubaram o logar de mui grande roubo, e tornaram-se com elle para a cidade. E por esta guisa os capitães que com el-rei D. Henrique vinham estendiam-se pelos termos da cidade a forreiar, sem torva que de nenhum houvessem, e traziam grandes roubos de muitas e desvairadas cousas, e cortavam vinhas e olivae e outras arvores, pondo fogo a muitas quintas, que de todo então destruíram; assim que os castelhanos d'um cabo e as gentes d'el-rei D. Fernando do outro era dobrado fogo que gastava e destruía a terra.

E porquanto das casas que eram mais cêrca do muro recibiam os da cidade damno, atirando-lhes por vezes dentro ás béstas, ordenaram todos de lhes pôr fogo, por se não esconderem ali os inimigos. Os castelhanos, quando isto viram, começaram de roubar toda a cidade, e depois que a tiveram roubada disseram que, pois elles começaram de lhe pôr fogo, elles lh'a ajudariam a queimar de verdade. Então lhe pozeram fogo em muitas partes, e ardeu toda a rua Nova e a freguezia da Magdalena e de S. Julião e toda a judiaria, a melhor parte da cidade. E diziam depois os caste-

lhanos que, se os portuguezes não começaram primeiro de pôr o fogo da sua parte, elles nunca o pozeram da sua.

E tomaram, para levar por memoria á ida, quando se foram, umas mui formosas portas da alfandega d'essa cidade, e assim quizeram levar os cavallos d'arame por que cae a agua na fonte dos Cavallos, e foram primeiramente guardados antes que se percebessem de os tomar.





## CAPITULO LXXVIII

*Como Henrique Manuel pelejou com Pedro Sarmiento, e foram vencidos os portuguezes.*

**J**AZENDO Lisboa d'esta guisa cercada, entrou Entre Douro e Minho Pero Rodriguez Sarmiento, adeantado em Galliza, e João Rodriguez de Bema e outros fidalgos d'aquella terra, e chegaram até Barcellos, e gentes de Portugal, d'aquella comarca, se juntaram para pelejar com elles, assim como D. Henrique Manuel, tio d'el-rei D. Fernando, irmão de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro, e João Lourenço Bubal, cavalleiro, e Fernão Gonçalves de Meira e Nuno Végas o Velho e outros fidalgos, e o conselho do Porto e de Guimarães.

Quando os castelhanos isto souberam, ordenaram de os attender, e lançaram uma grossa cillada de muita gente em um logar escuso, de que os portuguezes não souberam parte; e, começada a peleja, levavam os de Portugal a melhor de seus

inimigos. N'isto, sahiu João Rodriguez de Bema da cillada onde jazia, e fez grande som como eram muitos, e começou logo de fugir a cavallo um escudeiro, com a bandeira de Henrique Manuel, e os seus começaram de bradar contra elle, dizendo:

— «Vae-se a bandeira, vae-se a bandeira!»

— «Amigos, disse elle, não cureis da bandeira que é um pouco de panno que se vae, mas curae do meu corpo, que aqui está, em que deveis ter mór esforço que n'ella; porém, pelejemos todavia por vencer, e não cureis da bandeira.»

Então, pelejaram até que se venceram e foram de todo desbaratados.

Nuno Gonçalves, que tinha o castello de Faria, quando viu ir os portuguezes para esta peleja, sahiu do logar com alguns dos que tinha, cuidando de dar de suspeita nos inimigos, e que uns d'uma parte outros de outra que os colhessem na metade: e os castelhanos, que tinham já vencidos os primeiros, voltaram sobre ello, e foi vencido e preso,

E foi ali morto João Lourenço Bubal, e preso Nuno Végas e Fernão Gonçalves de Meira, e Henrique Manuel fugiu para Ponte de Lima; e foram presos d'homens d'armas e de pé, até cento; e mais alguns cidadãos do Porto, entre os quaes foi preso Domingos Peres das Eiras, que era um dos honrados do logar, e pagou por si, de rendição, dez mil francos d'ouro, e n'aquella semana que foi solto chegou uma sua nau de Flandres que em frete e mercadorias trouxe dez mil francos para seu dono. E assim houveram os castelhanos muitas rendições d'outros alguns que ahi foram presos.



## CAPITULO LXXIX

*Como Nuno Gonçalves de Faria foi morto, porque não quiz dar o castello a Pedro Rodriguez Sarmento.*

**O** bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso n'esta peleja que ouvistes, tendo grão sentido do castello de Faria, que deixara encommendado a seu filho, cuidou aquillo que arrazoadamente era de presumir, a saber: que aquelles que o tomaram o levariam ante o logar e, dando-lhe alguns tormentos ou ameaça d'elles, que o filho vendo-o, haveria piedade d'elle e seria demovido a lhes dar o castello. E porque não tinha maneira como o d'isto podesse perceber disse a Pero Rodriguez Sarmento que o mandasse levar ao castello, e que elle diria a seu filho, que n'elle ficara, que lh'o entregasse.

Pero Rodriguez foi d'isto mui ledo e mandou que o levassem logo, e elle, chegando ao pé do logar, chamou pelo filho, o qual veiu á pressa, e elle, em vez de dizer que dêsse o castello áquelles que o levavam, disse ao filho n'esta guisa:

— «Filho, bem sabes como esse castello me foi dado por el-rei D. Fernando, meu senhor, que o tivesse por elle, e lhe fiz por elle menagem; e, por minha desventura, eu sahi d'elle cuidando de o servir, e sou ora preso em poder de seus inimigos, os quaes me trazem aqui para te mandar que lh'o entregues; e porque isso é cousa que eu fazer não devo guardando minha lealdade, porém te mando, sob pena de minha benção, que o não faças, nem o dês a nenhuma pessoa senão a el-rei, meu senhor, que m'o deu, ca por te perceber d'isto me fiz aqui trazer; e por tormentos e morte que me vejas dar não o entregues a outrem senão a el-rei, meu senhor, ou a quem t'o elle mandar entregar por seu certo recado.»

Os que o preso levavam, quando isto ouviram, ficaram espantados de suas razões, e perguntaram-lhe se dizia aquillo de jogo ou se o tinha assim na vontade; e elle respondeu que para o perceber d'isto se fizera ali trazer, e que assim lh'o mandava, sob pena da sua benção. Elles, tendo-se por escarmidados, com queixume d'isto, em presença do filho o mataram n'essa hora, de crueis feridas, e não cobraram porém o castello.

E porque aquella terra é muito povoada não podiam todos caber no castello, e acolhiam-se d'elles entre o muro e a barbacan, em choças cobertas de colmo que ali fizeram; e, ventando então um vento suão, tomou um d'aquelles que estavam fóra um colmeiro acceso, posto em uma lança, e deitou-o dentro em cima das choças, e começaram d'arder.

Os do castello, muito anojados pela morte de Nuno Gonçalves, que lhe assim viram dar, não ti-

veram mentes no fogo que deitaram, estando muito espantados das razões que dissera ao filho.

O fogo era grande, por azo do vento, a que se remedio não podia pôr, e arderam todas as choças, com quanto n'ellas sija, e muita gente n'ellas; e o filho de Nuno Gonçalves manteve o castello, como lhe seu pae mandou, e depois lhe deu el-rei um mui honrado beneficio, porquanto lhe prouve escolher vida de clerigo.





## CAPITULO LXXX

*Das razões que el-rei D. Henrique houve com Diogo Lopes Pacheco sobre o cerco de Lisboa.*

**S**ENDO Lisboa cercada, como ouvistes, dizem que el-rei D. Henrique se começou de anajar, porque a tomar não podia em tão pequeno espaço como lhe alguns disseram e como elle entendia que a tomasse, dos quaes escrevem alguns auctores que foi o principal Diogo Lopes Pacheco; e contam que queixando-se el-rei contra elle, lhe disse por esta guisa:

— «Diogo Lopes, vós me dissestes por vezes que, se eu viesse cercar esta cidade, em breves dias a poderia pilhar, ca n'ella não havia gente que a defender podesse, e, posto que se defendesse, não havia poder de se ter muito tempo, e que, tomada esta cidade, todo o outro reino ligeiro me seria de haver, e por isto sómente me demovi de a vir cercar. E ora me parece, segundo o começo que vejo, que não será assim ligeira de tomar, como vós di-

zeis, posto que cercada toda não seja, ca nós não lhe enpecemos até aqui senão no que achámos desamparado fóra da cêrca; dêś-ahi, os que dentro são parece-me que hão vontade de a bem defender, e ella é forte de muros e torres em tal maneira que nossa estada por esta guisa será muito mais tempo do que cuidava, no qual não penso que lhe muito danno possamos fazer.»

Diogo Lopes dizem que respondeu e disse:

— «Senhor, eu vos aconselhei n'isto o mais sãmente que eu pude, e ainda agora assim vol-o aconselho; e maravilho-me de vos anojardes por a não cobrar em tão breves dias, ca vós bem vêdes que os tendes cerrados como ovelhas em curral; dêś-ahi, sois seguro que a el-rei D. Fernando venha descercar nem vos dar batalha, ca não é para ello, nem tem gentes com que o fazer possa, e, que as tivesse, não é para tanto, pois vós assás de mantimentos haveis que vos não hão de minguar, e elles, pelo contrario, que se gastam cada dia, por força é que lhes pes que vos venham beijar a mão e vos dêem a cidade antes que morrer de fome; assim que d'uma guisa ou d'outra é por força de a cobrar-des d'aqui a poucō tempo. E, cobrada Lisboa, tendes cobrado todo o reino, e porém sobre este logar deveis principalmente trabalhar, d'outra guisa dir-vos-hiam que lhe viestes pôr medo e que vos tornastes cedo para casa; e porém inverno e verão deveis continuar sobre ello, ca assim o fizeram os famosos guerreiros sobre os cercos dos logares que tomar queriam, que a perseverança lh'os deu nas mãos, ca d'outra guisa nunca os cobraram.»

El-rei D. Henrique, ouvindo estas e outras razões que Diogo Lopes disse, pareceu-lhe o conse-

lho bom, e determinou de assessegar no cêrco; e ordenou de mandar pôr quatro engenhos que atirassem dentro a pedra perdida, e, porque as gentes eram muitas dentro, que matariam tantas d'ellas que com isto e com a mingua dos mantimentos era por força de a tomar cedo.

E sem duvida d'esta guisa fôra, se Deus, por outro modo mais á pressa, não dera fim a esta guerra, ca as gentes eram tantas dentro, assim da cidade como do termo, que parecia multidão de muito gado em pequeno curral, de guisa que secavam da agua o chafariz d'El-rei, que é uma mui grande e mui formosa fonte, abastada de grande abundancia d'agua, que continuamente corre, e até saham fóra, quando viam tempo azado a buscar agua n'outras fontes, posto que fosse com grande seu perigo.





## CAPITULO LXXXI

*Que homem era Diogo Lopes Pacheco, e por que  
aço se foi para Castella.*

**N**ão sandiamente, mas bem com razão, póde demandar qualquer avisado que por este livro lêr: pois que Diogo Lopes Pacheco era portuguez e tão grão privado d'el-rei D. Fernando, como algumas historias contam, que o demoveu ir para Castella e fazer vir el-rei D. Henrique contra o reino de que natural era, e por cuja vinda tanto mal e damno houve recebido? E não sómente a discreta cuidação póde isto imaginar, mas ainda póde inquirir que homem era, e de que linhagem, e que honra e estado tinha, pois seu conselho, em tamanhos feitos, assim era crido e tanto obrava.

E tocando muito breve estas cousas, seu linhagem vem de D. Fernando Jeremias, que foi casado com D. Mór Soares, filha de Soeiro Viegas, o que fez o mosteiro de Ferreira; e de D. Ruy Pe-

res de Ferreira, que era bisneto de D. Jeremias, e de D. Thereza Peres de Cambar, nasceu o mui bom cavalleiro Fernão Rodrigues Pacheco, que teve o castello de Celorico quando o infante D. Affonso, conde de Bolonha, veiu por regedor d'este reino, segundo contámos em seu lugar; e foi o primeiro que se por este appellido chamou.

E de Diogo Lopes Pacheco, bisneto de Fernão Rodrigues e de D. Joanna Vasques, filha de D. Vasco Pereira, sua mulher, nasceu Lopo Fernandes Pacheco, que foi rico-homem e muito honrado no tempo d'el-rei D. Affonso o quarto, e d'este Lopo Fernandes e de D. Maria Villa Lobos, sua mulher, nasceu este Diogo Lopes, de que aqui se faz menção.

Sua honra e estado foi mui grande, assim no tempo d'aquelle rei D. Affonso, de cujo conselho elle então era, como depois, em casa dos outros réis em cuja mercê e terra viveu. E andando elle assim em Castella, por azo da morte de D. Ignez, segundo já tendes ouvido, e vivendo com el-rei D. Henrique, com quem havia grande afeição, por azo das guerras em que com elle andara, assim nas companhias de França como na guerra de Aragão com Castella, posto que muita mercê e honra d'elle recebesse, tanto que el-rei D. Pedro morreu, desejo da terra onde nascera, dêz-ahi havendo gran fiuza em el-rei D. Fernando, ordenou como se viesse para elle.

E, havendo pouco mais de dois mezes que el-rei D. Fernando reinava, chegou elle a Santarem, e, falando a el-rei, foi d'elle mui bem recebido e fez-lhe grande gasalhado. A poucos dias, falou Diogo Lopes a el-rei em seu feito, e propoz estas razões, dizendo:

— «Senhor, bem sabeis a razão porque eu fui fóra d'este reino, no tempo d'el-rei D. Affonso, vosso avô, sendo vós então moço bem pequeno; e isso mesmo o aspero geito que el-rei D. Pedro, vosso pae, contra mim teve, e como me mandou tomar todos meus bens, sem razão e sem porque, e ainda me mandava matar se podera ser filhado, por a qual razão andei desterrado até agora, sem ousar de vir a este reino.

E, pois que a Deus prouve de o levar d'este mundo, eu vos peço, Senhor, por mercê, que sejaes lembrado dos serviços que eu e meu pae fizemos a el-rei D. Affonso, vosso avô, e aos reis que antes vós foram, e isso mesmo dos bons e grandes dividos que na vossa mercê tinham aquelles d'onde eu descendo; porque sabereis de certo que el-rei vosso pae, ao tempo do seu finamento, por descarregar sua consciencia, me perdoou todo o rancor e queixume que de mim havia, posto que o eu merecido não tivesse, e mandou que me entregassem todos os meus bens, assim compridamente como os eu d'antes havia.

«E ainda sabereis mais, por certa informação d'aquelles que então presente ahí eram e hão razão de o saber, que, vendo elle como eu não era culpado n'aquillo em que me elle á primeira muito culpou, sua vontade era, se Deus o deixara viver, de se servir de mim e me mandar vir para sua terra, alçando-me a sentença que contra mim passou, e me restituir toda a minha boa fama e honra; e pois que elle isto tinha em vontade de fazer, se o Deus tão cedo não levava, eu vos peço por mercê que vós o queiraes pôr assim em obra, por fazer a mim mercê, e desencarregamento de sua alma.»

El-rei, ouvindo isto e outras razões que lhe sobre seu feito largamente falou, disse «que bem havia informação de tudo, e que lhe prazia de o fazer. «Então lhe mandou entregar todos seus bens, onde quer que os havia, e o restituiu a toda sua boa fama e honra o mais compridamente que ser podia, dando-lhe de tudo sua firme carta; e fel-o rico-homem e de seu conselho, fiando d'elle muito e mandando-o a Castella em mensagem, por lhe recadar seus feitos, quando cumpria.» E chamava-se em seu ditado: D. Diogo Lopes, rico-homem, senhor de Ferreira.

Ora aqui são duas opiniões desvairadas, de que o ledor escolha qual lhe mais aprouver.

Uns dizem que, indo elle assim por vezes a Castella, por embaixador, em vez d'arrecadar o que lhe encommendavam, contou a el-rei D. Henrique o grão desvairo em que el-rei D. Fernando era com os povos e alguns outros do reino, por azo do casamento que com D. Leonor fizera, e que com estas e outras razões que lhe disse o demoveu e aconselhou a entrar no reino. Mas d'esta não vemos proveito que se lhe seguisse, antes nos parece sem arrazoado fundamento.

A outra, em que se mais accordam, é esta: que elle foi um dos que muito contradisse a el-rei D. Fernando que não casasse com D. Leonor, e, porque ella era muito seitosa e tinha mortal odio áquelles que foram em estorvo de tal casamento, que elle, receando-se do que lhe avir depois podia, como homem sages e muito apercebido, então se partiu e foi para Castella com seus filhos, por viver com el-rei D. Henrique, seguro em cuja mercê elle antes andava.

Ora pois elle vivia com el-rei de Castella e era seu privado, e lhe el-rei D. Fernando quebrantava as pazes que promettidas tinha, como já compridamente ouvistes, de o elle aconselhar que entrasse no reino, pois tempo azado tinha e com sua vantagem: se n'isto faria bem, ou por contrario, julgue-vossa discreção como vos aprouver.





## CAPITULO LXXXII

*Como foram feitas pazes entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que condições.*

**D** Guido, cardeal de Bolonha, bispo do Porto e delegado da Sé Apostolica, o qual o papa mandara em Hespanha para pôr paz entre estes reis ambos, segundo antes havemos contado, partira de Ciudad Rodrigo para vir falar a el-rei D. Henrique, e, porquanto elle já estava sobre Lisboa, não poudo o bispo entrar por aquella comarca que primeiro não achasse el-rei de Portugal; e chegou a Santarem uma terça feira, dia de Entrudo, primeiro dia de março, não havendo mais de nove dias que el-rei D. Henrique por ali passara, e falou com el-rei D. Fernando, dizendo «como o padre santo, tendo grão sentido da guerra e discordia que o inimigo da humanal linhagem a miude se trabalhava de pôr entre os reis filhos da Egreja, mórmente entre aquelles cêrca dos quaes as barbaras nações dos infieis, por azo de tal odio e mal-

querenças, podessem haver entrado a destruir a religião christã, que porém, vigiando sobre isto com grão cuidado lhe convinha trabalhar de pôr paz entre aquelles em que o maligno espirito semeara tal departamento; e, pois elle e el-rei D. Henrique eram na Hespanha dois fieis defensores da fé, que não quizessem tão a miude arder em guerra, por seguimento de não justas vontades, mas ordenassem entre si bemquerença e paz, por amor d'Aquelle que a tão aficadamente encommendara antes que d'este mundo partisse; dêz-ahi, por seus reinos e gentes não serem gastados por espargimento de sangue.»

E, ditas estas e outras admoestações que sagemente ante elle propoz, respondeu el-rei que haveria seu conselho; e havido sobre isto accordo, porquanto tinha perdida esperança das gentes que haviam de vir d'Inglaterra, porque fôra Vasco Domingues, segundo ouvistes, as quaes havia bem cinco mezes que eram prestes e por mingua de tempo não vinham, dêz-ahi seu reino não bem encaminhado para haver de proseguir a guerra, outorgou por sua parte consentir na paz, como elle visse que era razão, sem desfallecimento de sua honra.

O cardeal, ouvindo isto, foi muito ledo de sua resposta, e partiu em outro dia para Lisboa, e falou a el-rei D. Henrique similhantes razões das que dissera a el-rei D. Fernando, e achou n'elle vontade de haver paz, sendo accordados em certas condições que lhe pelo miudo fez declarar.

Tornou-se então o cardeal a Santarem e falou a el-rei D. Fernando a resposta que em el-rei D. Henrique achara. Então ordenou el-rei por seus pro-

curadores D. Affonso, bispo da Guarda, Ayres Gomes da Silva, cavalleiro, os quaes partiram para Lisboa com o cardeal. E de tal guisa andou tratando entre os reis ambos que prouve ao mui alto Deus, amator e auctor de paz, que aos dezenove dias de março, no castello de Santarem, presente el-rei D. Fernando, com accordo dos de seu conselho, foram tratadas pazes e avenças entre elle e el-rei de Castella, n'esta seguinte maneira :

«Primeiramente, que entre elles e seus filhos e descendentes fosse sempre boa e verdadeira paz, sem nenhuma malicia n'ella tocada, e por essa mesma guisa o fosse com el-rei de França e seus successores. E que el-rei D. Fernando e todos seus herdeiros fossem sempre em uma alliança, com os reis de França e de Castella, contra el-rei d'Inglaterra e contra o duque de Lencastre e suas gentes. E que el-rei D. Fernando fosse teudo de o ajudar, por tres annos, com duas galés armadas, porém á custa d'el-rei de Castella, e isto quantas vezes elle armasse seis galés, ou mais, contra os inglezes; e passados os ditos tres annos, que se haviam de começar no mez de maio seguinte, que d'ahi em deante el-rei D. Fernando não fosse mais teudo de lh'as fazer prestes.»

E quem escreve que esta ajuda havia de ser cinco galés, á custa d'el-rei D. Fernando, erra muito em seu arrazoar, ca não foi posta tal cousa em seus tratos.

«E, acontecendo que gentes d'inglezes viessem aos portos do reino de Portugal, que el-rei D. Fernando, nem os seus, lhes não ministrassem viandas, nem armas, nem lhes dessem favor nem conselho, mas que os lançassem de seus reinos e ter-

ras, como seus capitaes inimigos, e quando o com seu poderio fazer não podessem, que então fosse requerido el-rei de Castella a vir por pessoa, ou mandar seu poder, para os deitar fóra.

«Outrosim, que, do dia d'esta paz firmada até trinta dias seguintes, el-rei D. Fernando lançasse fóra de seu reino, das pessoas que se para elle vieram de Castella, estas aqui nomeadas, a saber: D. Fernando de Castro, Soeiro Annes de Parada, Fernando Affonso de Samora; os filhos d'Alvaro Rodrigues d'Aça, a saber, Fernão Rodrigues e Alvaro Rodrigues e Lopo Rodrigues; Fernão Gutterres Tello, Diogo Affonso do Carvalhal, Diogo Sanches de Torres, Pedro Affonso Giron, João Affonso de Beça, Gonçalo Martins, e Alvaro Mendes de Caceres, Garcia Peres do Campo, Garcia Mal Feito; Gregorio e Phillipote, inglezes; Pay de Meira, deão de Cordova, Martim Garcia d'Algecira, Martim Lopes de Cidade, Nuno Garcia seu irmão, Gomes de Foyos, João do Campo, Bernardo Annes seu irmão, João Fernandes d'Andeiro, João Focim, Fernão Peres, e Affonso Gomes Churrichãos.»

Estas vinte e oito pessoas, e mais não, nomeou el-rei de Castella que fossem lançadas fóra de Portugal, segurando-as por mar e por terra até serem postas em salvo. E, se o d'outra guisa alguns em seus livros escrevem, não deis fé a tal escriptura.

«Foi mais outhorgado que el-rei D. Fernando perdoasse ao infante D. Diniz, seu irmão, e a Diogo Lopes Pacheco e a quaesquer outros, que em graça e favor d'el-rei D. Henrique eram, toda sanna e pena e sentenças por qualquer modo contra elles passadas, e lhes tornasse seus bens e heran

ças; e isso mesmo perdoasse a todas as villas e logares que o por senhor receberam.

«Trataram mais estas avenças que D. Beatriz, irmã d'el-rei D. Fernando, filha d'el-rei D. Pedro e de D. Ignez de Castro, casasse com D. Sancho d'Albuquerque, irmão d'el-rei D. Henrique, filho d'el-rei D. Affonso seu pae, e de D. Leonor Nunez de Gusman, sua mãe.»

E quem mais casamentos n'estes tratos assigna erra em seu historiar. Outros capitulos, que descrever não curamos, foram devisados entre os reis, os quaes foram por elles jurados e firmados, e por todos os senhores e fidalgos e prelados, e por vinte cidades e villas, quaes os reis quizeram nomear.

«E que qualquer d'elles por quem estas pazes fossem quebrantadas pagasse trinta mil marcos d'ouro, e, mais, que elle e todos seus cavalleiros cahissem em taes penas, assim ecclesiasticas como seculares, que maiores não podiam ser postas em escriptura á vista de lettrados. E pozeram e consentiram que qualquer que fosse requerido para jurar e fazer as menagens que sobre isto foram devisadas, e o fazer não quizesse, que perdesse a mercê do rei cujo vassallo fosse, e que o deitasse do reino como seu inimigo capital.»

E porque el-rei D. Henrique, não embargando as juras e menagens que el-rei D. Fernando e os seus por estas pazes faziam, ainda duvidava que lh'as não guardaria compridamente como entre elles eram firmadas, e isto pelo que lhe aviera, com elle nas outras pazes d'Alcoutim, pediu em refens certas pessoas e logares, por tres annos, a saber: Vizeu e Miranda e Pinhel e Almeida e Celorico e Linhares e Segura; e as pessoas foram João Affonso

Tello, irmão da rainha, e D. João, conde de Vian-na, filho de D. João Affonso, conde d'Ourem, Nuno Freire, Rodrigo Alvares, filho do prior do Crato, o almirante *mice* Lançarote; mas este dizem que pediu por mercê a el-rei D. Henrique que o pedisse em refens com os outros, pelo grão queixume que el-rei D. Fernando d'elle havia, da mingua que mostrara na peleja das galés de Castella, segundo antes dissemos.

Estas e outras pessoas requereu el-rei de Castella que lhe dessem, e mais seis filhos de cidadãos de Lisboa, quaes elle demandou e escolheu, e quatro do Porto, e de Santarem outros quatro, os quaes levou comsigo; como quer que D. João Affonso Tello ficou em Portugal por seu prazimento, e foi fóra do conto dos refens. E foram postas em fieldade, em mão do delegado, as ditas villas, e as pessoas entregues a el-rei, com certas condições que dizer não curamos, antes que partisse do cêrco de Lisboa, no qual jouve trinta dias cumpridos, e mais não, contados do dia que chegou até que as pazes foram apregoadas em Santarem, quinta-feira vinte e quatro dias de março.





### CAPITULO LXXXIII

*Como os reis falaram ambos no rio Tejo e firmaram outra vez suas avenças.*

**F**IRMADAS as pazes, como haveis ouvido, foi ordenado que os reis se vissem no rio do Tejo, em bateis, por falarem algumas cousas e firmarem outra vez suas avenças, segundo já por elles eram outhorgadas. Então partiu el-rei D. Henrique de Lisboa, com toda sua hoste, caminho de Santarem, porém que muitos seus se foram nas galés, em que levaram muitas alfaias do roubo da cidade e as portas da alfandega que dissemos; e quando el-rei D. Henrique chegou a Santarem pousou em uns paços que chamam Vallada, em um espaçoso campo junto com o rio, meia legua do lugar.

E o cardeal fez fazer prestes tres barcas pequenas: duas em que fossem os reis com certos que comsigo haviam de levar, sem nenhuma arma, e outra em que elle fosse, que havia de ser fiel entre elles, e os notarios, para darem fé de tudo o que se ali passasse.

E antes que el-rei de Castella viesse para entrar na barca em que havia d'ir, teve conselho se falaria primeiro a el-rei D. Fernando, como se vissem nos bateis, ou se attenderia que lhe falasse el-rei D. Fernando primeiro, e os do conselho disseram que attendesse que lhe falasse el-rei D. Fernando primeiro, porque elle era mais honrado rei que elle, por ser elle rei de Castella e o outro de Portugal; de mais, por estar em sua terra com seu poderio e hoste, e que porém não lhe falasse primeiro. El-Rei D. Henrique era muito mesurado e de boa condição, e perguntou aos de seu conselho se por elle falar primeiro a el-rei de Portugal por ahí perdia sua honra, se a tinha; e elles disseram que a não perdia, mas que o não devia fazer, pelo que dito era, El-rei respondeu a isto e disse:

— «Pois que eu de minha honra não perco nada, não faço força de lhe falar primeiro, por usar de mesura.»

Então partiu el-rei dos paços de Vallada, com muitas gentes d'armas comsigo, em guisa que gran parte do campo era cheio, assim por defensão e guarda d'el-rei, como por verem como os reis falavam. Isso mesmo partiu el-rei D. Fernando dos paços de Santarem, que são no castello, acompanhando de muita gente d'armas, e veiu-se á Ribeira, onde chamam Alfange; e entre aquelles que haviam d'ir com elle no barco havia de ser um o infante D. João, seu irmão, e o mestre de S. Thiago e D. João Affonso, conde d'Ourem, e Ayres Gomes da Silva e poucos mais.

E o cardeal, que tinha cargo de buscar aquelles que haviam d'ir com os reis que não levassem armas, achou que o infante D. João levava uma ada-

ga, e disse-lhe que a não levasse, que bem sabia que tal era a ordenança entre os reis, e o infante deixou-a então e não a levou; e buscou o cardeal os que iam com el-rei de Castella e não lhes achou arma nenhuma.

Então moveram os bateis com os reis em direito do cubello que está na agua em Alfange, e como foram juntos disse el-rei D. Henrique a el-rei D. Fernando:

— «Mantenha-vos Deus, Senhor. Muito me praz de vos vêr, porque esta foi uma das cousas que eu muito desejei, de vos vêr como ora vejo.»

E el-rei D. Fernando respondeu a el-rei de Castella por semelhantes razões e bem mesuradas. E o batel do cardeal estava em meio, entre os bateis dos reis, prazendo-lhe muito da boa avença que via entre elles. E jurados ali os tratos pelos reis, os quaes já tendes ouvido, e, faladas todas as cousas que lhes cumpriam, despediram-se um do outro, e remaram os bateis cada um para onde partira.

E quando el-rei D. Fernando chegou a terra, entre os seus, disse com gesto ledo contra elles: «Quanto eu *henricado* venho!» E isto dizia elle porque a todos os que tinham com el-rei D. Henrique chamavam *henricados*, e elle achara tantas boas razões e medidas n'elle que queria dar a entender que tinha da sua parte.

E foram estas vistas e falas que os reis fizeram áquella hora sete dias do mez de abril da era em cima nomeada de quatrocentos e onze.



## CAPITULO LXXXIV

*Como casou o conde D. Sancho com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu para seu reino.*

**I**sto assim feito e os reis d'accordo mutuo, ordenaram de fazer bodas á infanta D. Beatriz, irmã d'el-rei Fernando, com D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, segundo nos tratos era posto; e aos dois dias seguintes lhe foram feitas grandes festas e justas e ella entregue a seu marido, nas quaes justou o dito conde D. Sancho com Martim Affonso de Mello, e encontrou-o Martim Affonso de guisa que deu com elle e com o cavallo em terra. Outros encontros assás se deram de grandes, n'ellas, por bons cavalleiros, de que porém, mercês a Deus, nenhum recebeu cajom.

Ali se tratou então outro casamento, a saber: D. Isabel, filha bastarda d'el-rei D. Fernando, que houvera antes que casasse, com o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, sendo ella então de idade de oito annos e andava em nove, e elle ha-

veria até dezoito. E foram esposados por palavras de presente, em mãos do dito delegado, e feita mui gran festa, qual convinha a taes pessoas; mas este recebimento que o conde fez com ella não foi por seu grado d'elle, mas com prema e constrangimento que lhe el-rei seu pae fez, mandando-lhe todavia que a recebesse, segundo contou algum em segredo, antes que os esposassem, e disse depois de praça, sendo alongados de Santarem.

E levou el-rei consigo, quando partiu de Portugal para seu reino, esta D. Isabel, e foram com ella honrados cavalleiros, que el-rei mandou em sua companhia. E chegou el-rei de Castella a uma sua cidade que chamam S. Domingos da Calzada, e, havendo já uns tres mezes que estava ali, teve seu conselho com D. Gomez Manrique, arcebispo de Toledo, e com D. Affonso, bispo de Salamanca, e com Pero Fernandez de Vallasco e Fernão Sanchez de Thoar, e com outros prelados e cavalleiros que nomear não curamos, e disse presente todos.

«Que bem sabiam como aos vinte e dois dias do mez de março passado fôra firmada paz e bom amorio entre elle e el-rei de Portugal, e que entre as cousas juradas dos tratos da aliança fôra devisado um capitulo em que el-rei D. Fernando fosse teudo de lançar fóra de seu senhorio, depois da paz firmada até trinta dias, a D. Fernando de Castro e outros castelhanos e pessoas nomeadas; no qual termo o dito D. Fernando nem os outros não sahiram do reino de Portugal, antes estiveram no castello d'Ourem outros muitos dias; e ainda depois d'outro termo de vinte dias, que lhes foram dados pelo bispo de Coimbra, da nossa parte, não se quizeram partir.

«E porquanto nos ditos tratos se contem que, não lançando el-rei D. Fernando os sobreditos fóra, antes dos trinta dias, seu reino seja interdito e excommungado e cahia em pena de trinta mil marcos d'ouro, e que perca os refens das pessoas e a cidade de Vizeu, com outros sete castellos dados em refens; e, mais, que desse o filho de Gomes Lourenço do Avellar antes dos vinte dias, senão que cahisse em todas as penas sobreditas;

«E porquanto eu sei que el-rei D. Fernando fez todo seu poder por os lançar fóra no dito termo, e não pôde, porquanto se elles alçaram no castello d'Ourem contra sua vontade, e alçaram-se quanto poderam por se defender ali, e o filho de Gomes Lourenço lhe foi escondido;

«Porém, temos e crêmos, e é assim, que elle não cahiu nas ditas penas nem em alguma d'ellas, e posto que n'ellas cahisse, disse el-rei, que elle de sua vontade, por si e por todos seus successores, lh'as quitava todas, por juramento que sobre ello fez, remunerando todo o direito de que se ajudar podesse, rogando-lhe, por suas cartas ao cardeal, que absolvesse elle e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdito, se n'ello haviam cahido, ficando em sua firmeza todas as cousas conteudas nos tratos.»

E o cardeal assim o fez; e porque Gomes Lourenço do Avellar não quiz dar seu filho para estar em refens, segundo el-rei D. Fernando promettera a el-rei de Castella fóra dos tratos, nem quiz jurar a paz como os outros, foi lançado fóra do reino e havido por inimigo dos reis ambos, como no trato arrazoava.

E deu el-rei de Castella licença, antes que passassem os trinta dias, que ficassem em serviço d'el-rei D. Fernando, Soeiro Annes de Parada e Gonçalo Martins e Alvaro Mendes de Caceres e Nuno Garcia de Cidade e Martim Garcia d'Algecira e Gregorio Lombardo e Garcia Peres do Campo; e de tudo isto heuve el rei D. Fernando escripturas, por sua guarda e segurança.





## CAPILULO LXXXV

*Como el-rei de Navarra falou com el-rei D. Henrique que algumas cousas em que se accordar não poderam.*

**E**STANDO el-rei D. Henrique n'aquella cidade, enviou dizer a el-rei de Navarra que lhe desse as villas de Victoria e de Logroño, que eram suas, senão que lhe faria guerra; e el-rei de Navarra disse que punha este feito na mão do cardeal de Bolonha, que era então em Castella. E posto em seu juizo, ordenaram que as villas se tornassem a el-rei D. Henrique, e que o infante D. Carlos, filho primogenito d'el-rei de Navarra, casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, que houvera de ser mulher d'el-rei D. Fernando, segundo nas pazes d'Alcoutim fôra divisado entre os reis.

E viu-se el-rei de Castella com el-rei de Navarra em uma villa que chamam Briones, e ficaram muito amigos, e contou-lhe el-rei de Navarra que el-rei de Inglaterra e o principe de Galles queriam ser seus amigos, com tanto que se partisse da liga de França,

e, mais, que desse ao principe alguma somma de dinheiros em parte de pago da divida que lhe devia el-rei D. Pedro, seu irmão, das gajas e soldo de quando elle andára na guerra, com outros senhores que pagára á sua custa; e que por esta guisa se partira el-rei e o principe das outras demandas de Castella, e isso mesmo o duque de Lencastre, que era casado com D. Constança, filha d'el-rei D. Pedro.

El-rei D. Henrique disse a el-rei de Navarra que lhe agradecia sua boa vontade, mas que por nenhuma guisa não se partiria da liga de França; pero que, fazendo-se paz entre el-rei de França e el-rei d'Inglaterra, elle contentaria o principe e o duque por somma d'alguma quantia, de guisa que deixassem a demanda que queriam fazer por parte d'el-rei D. Pedro.

E el-rei de Navarra disse que a paz de França e d'Inglaterra era ainda por tratar e que havia n'ella muitas duvidas e debates, que não sabia se poderia vir a fim.

Então se partiu el-rei D. Henrique para Andaluzia, e el-rei de Navarra para seu reino, sem mais accordo que sobre isto houvessem, antes se trabalhou el-rei D. Henrique d'armar logo quinze galés, em ajuda d'el-rei de França contra el-rei d'Inglaterra; e n'este anno lh'as enviou, e Fernão Sanchez de Thoar, seu almirante, com ellas, e mais as duas que em ajuda havia d'haver de Portugal, segundo nos tratos era posto.



## CAPITULO LXXXVI

*Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fóra do seu reino, e como se partiram de Portugal.*

**P**ARTIDO el-rei D. Henrique da villa de Santarem, como dissemos, ficou el-rei D. Fernando obrigado de mandar a certos dias, fóra do seu reino, todos os fidalgos que el-rei de Castella nomeara nos tratos; e, estando n'aquelle logar, mandou chamar o conde D. Fernando de Castro e muitos dos outros que haviam d'ir com elle, e disse como nas pazes que entre elle e el-rei D. Henrique foram firmadas era posto que elle e certos fidalgos fossem lancados fóra do reino.

— «E ainda, disse el-rei, que vós tivesseses tenção de vos defender no castello d'Ourem, a que vós todos acolhestes como defensão, isto foi cousa feita não como bom accordo e que vos manter não podieis. Dês-ahi, fazieis a mim meu reino cahir em grandes penas, assim d'excommunhão como de certa quantia d'ouro, por vossa partida ser tão

tarde feita, posto que por meu grado não fosse, em guisa que até eu houve d'escrever a el-rei D. Henrique sobre ello, e, sendo elle certo que por meu consentimento não era, teve n'ello aquelle geito que em tal caso com razão devia ter.

«E ainda mais vos digo que eu não fui bem avisado em tal feito, nem isso mesmo os do meu conselho, em commetter tal guerra qual foi começar; porque se eu á primeira bem cuidara como se o duque de Lencastre chamava rei de Castella e sua mulher rainha, dissera a vós outros que vos foreis todos para elle, e que elle viesse demandar o reino, se lhe por direito pertencia; e n'isto fizera melhor sizo que gastar meus reinos e gente como gastei, e comprar omezio de que me não veiu proveito, mas mui grande perda.»

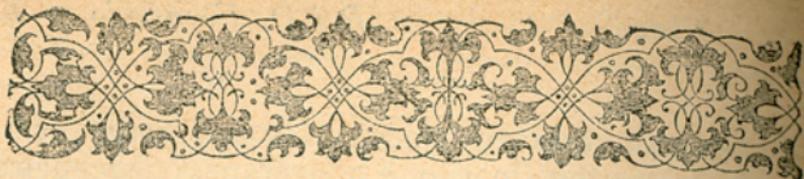
A estas e outras razões que lhes el-rei disse, respondeu o conde e alguns dos outros o que cada um por sua honra entendia. Em fim das razões, vendo todos como se mais não podia fazer, outhor-garam de se partir, e el-rei disse que os mandaria honradamente, como cumpria a suas honras, e lhes faria muitas mercês; e assim o fez, ca mandou logo armar duas galés e certas naus, as quaes prestes em Lisboa se foram todos metter n'ellas; e muitos dos outros que nomeados não eram partiram então em sua companhia, sentindo o por mais seu proveito que ficar no reino, aos quaes chamavam perjurados, porque tinham da parte d'el-rei D. Pedro.

Partidas as naus e galés com estas gentes, chegaram a Gibraltar, que estava então cercado d'el-rei Mafomedé, de Granada, que fôra vasallo d'el-rei D. Pedro; e a villa era d'el-rei de Bellamarim, e jaziam quatorze galés suas. E seis galés d'el-rei

de Granada estavam encalhadas em secco, com medo das de Bellamarim, e houveram conhecimento das naus que eram de Portugal por algumas pinças que iam adeante e juntaram-se todos e foram sobre as galés de Bellamarim, e fizeram-n'as tanto encalhar em terra que as defendiam os mouros de cima do muro.

Dês-ahi, sahiram e pousaram no arraial com el-rei de Granada, de quem receberam muita honra e gasalhado, e estiveram ahi uns quinze dias. Depois partiram e desembarcaram em Valencia, cidade d'Aragão; e tornaram-se as naus e galés para Portugal, e trouxeram comsigo D. Martinho Castelhano, que era bispo do Algarve.





## CAPITULO LXXXVII

*Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bem de seu reino, e que armas mandou tivessem então.*

**N**ão seguiu el-rei D. Fernando, depois que teve esta paz firmada por sempre, o dito do propheta Isaias n'aquelle lugar onde disse que fariam das espadas fachos e das lanças podadeiras, e que não alçaria gente contra gente espada, nem usariam de lidar; mas como quem novamente espera d'haver guerra grande, logo como foram despachadas estas cousas que haveis ouvidas, estando elle na cidade d'Evora, mandou por todo seu reino fazer novas apurações de todos os moradores n'elle, e mudar as armas que d'antes tinham por outra nova maneira que se então começou de costumar.

Primeiramente, elle mandou que nenhum fidalgo, que o houvesse de servir com certas lanças, não filhasse por seu nenhum acontiado dos vizinhos e moradores do lugar, porque tomando taes homens

por seus, ficavam poucas gentes do concelho para servir, e elles eram teudos de servir com outros que não fossem acontiadados.

*Item.* Mandou pôr em escripto quantos mancebos azados e de bons corpos houvesse em cada villa e logar, posto que vivessem por soldada com outrem, para taes como estes pelejarem pé terra, armados com as armas dos acontiadados pou-sados.

E se alguns acontiadados em armas e cavallo-s eram pertencentes para pelejar, mas não se po-diam bem armar e encavalgar sem grão damno de sua fazenda, a estes taes mandava el-rei dar ajuda, estimando quanto havia mister para perfazimento de se bem armar e encavalgar, com o que elle ti-nha; e esta contia mandava el-rei lançar por todos os moradores das villas e logares onde taes acon-tiadados eram achados, na qual pagavam viuvras e orphãos e frades de terceira ordem e mancebos de soldada e jornaleiros e mancebas do mundo e mou-ros e judeus e besteiros e quaesquer outras pessoas privilegeadas, cada um segundo merecia de pagar, salvo clerigos e homens e mulheres fidalgos e ge-novezes e outros estantes estrangeiros. E por esta guisa, por muito pouco que estes pagavam, eram os outros bem armados e encavalgados sem damna-mento de suas fazendas.

E aos que eram fidalgos, e não tinham por onde haver boas armas e cavallo-s, a estes fazia el-rei mercê por onde as pudessem haver, e isso mesmo áquelles que sem sua culpa desfalleceram das con-tias que haviam. E dizia, pois que todos os que haviam bens em sua terra era razão de ajudar e defender, que os tutores dos orphãos tivessem por

elles armas, segundo os bens de cada um, mas não cavallos; e os filhos a quem ficavam bens de suas mães, e estavam em poder dos paes, não os constangiam para nenhuma cousa.

E ordenou que, como elle mandasse aperceber suas gentes para algum mister, se lhe aviesse, nenhum não se partisse d'aquelle com quem vivia por se ir para outrem, mas vivesse com elle e o servisse n'aquella guerra, ca desaguisado seria mantel-o e dar-lhe do seu no tempo da paz e desamparal-o depois no tempo do mister; assim que se fosse villão o que tal cousa fizesse fosse açoitado e, mais, vivesse com seu amo, e o fidalgo tornasse o que lhe dera aquelle com quem vivia, e então se fosse para quem quizesse, e não se podesse partir até que o entregasse.

As armas mandou el-rei mudar a esta guisa: do cambais mandou que fizessem jaque, e da loriga cota, e da capelina barbuda com camalhão; e os que eram bem armados haviam de ter barbuda com seu camalho, e estofa e cota e jaque e coxotes e canelleiras francezas e luvas e estoque e grave. Os homens de pé, de vinte annos acima, haviam de ter funda e lança e dois dardos, por ser escusado do paço, pois trazia azcuma ou lança, de não trazer dardos. Outros homens de pé havia ahi, fundeiros, que havia cada um de ter duas fundas fustes, que chamavam de manguella, e outras duas fundas de mão.

Das cavalgadas e do seu quinto mandava el-rei que tomasse o dizimo e mais um dia de soldo de todos os que em algum mister fossem, para paga dos cavallos dos acontiadados que emmanquecessem ou morressem.

Muitas ordenações outras ordenou el-rei n'este anno, por defensão e apercebimento de seu reino, como se logo houvesse de entrar em guerra, de que não fazemos aqui menção, por não fazer longa escriptura de similhantes cousas.





## CAPITULO LXXXVIII

*Como el-rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa.*

**O**RDENANDO el-rei estas cousas que haveis ouvido, partiu d'Evora e veiu-se a Lisboa, e começou de cuidar no mal e damno que o povo da cidade havia recebido por duas vezes dos castelhanos, e como especialmente houveram gran perda os moradores de fóra da cêrca, em grandes e formosas casas e muitas alfaias e outras riquezas que levar não poderam comsigo, quando el-rei de Castella veiu sobre ella; e isto porque muitas das mais ricas gentes moravam todas fóra, em um grande e espaçoso arrebalde que havia ao redor da cidade, desde a porta de Ferro até á porta de Santa Catharina e desde a torre d'Alfama até á porta da Cruz.

E vendo el-rei como esta só cidade era a melhor e mais poderosa de sua terra, e que n'ella principalmente estava a perda e defensão de seu reino,

dês-ahi como fôra damnificada dos inimigos por fogo e outros males que havia recebido, de que elle tinha grande sentido, determinou em sua vontade de a cercar toda, ao redor, de boa e defensavel cêrca, de guisa que nenhum rei lhe podesse empecer, salvo com grande multidão de gente e fortes artificios de guerra.

E, falando esta cousa com alguns de seu conselho, bem se mostrava que prazia a poucos, achando tantas contradicções a se não poder fazer, por a obra ser grande, dêś-ahi as gentes muito minguadas da guerra passada, que mais parecia cousa não para falar que áquelle tempo em tal feito pôr mão; e porém se gerava na vontade de todos, posto que grão desejo d'isto houvessem, uma tal contradicção que nenhum pensava ser cousa para acabar, posto que começada fosse, e quasi impossivel de ser.

Mas porque não ha cousa, por grande e alta que seja, que a vontade do poderoso homem não traga a execução se n'ello puzer boa femença, pareceu a el-rei D. Fernando que isto, com a ajuda de Deus e seu bom encaminhamento, era cousa para mui cedo vir a fim; e aos da cidade bem lhes prazia de a cercarem, pelo damno que recebido haviam, não lhes pesando, mas maravilhavam-se, porque todas as novas cousas parecem mui asperas e duras de fazer antes do seu primeiro começo.

Então el-rei, sendo presente, deixando todas as contrarias razões que cada um dizer podia, ordenou por onde houvesse de ser cercada, devisando o modo como fosse feita e a maneira que se em tudo houvesse de ter, e mandou que servissem n'ella por corpos ou por dinheiro, para ser depressa cercada, estes seguintes logares, a saber: da parte do mar,

Almada, Cezimbra, Palmella, e Setubal, Coima e Benevente e Samora Corrêa e todo o Riba-Tejo, e da parte da terra, Cintra, Cascaes e Torres Vedras e Alemquer e a Arruda e a Athouguia e a Lourinhã, Tilheiros e Mafra, Povos e Carnagoa e Aldeia Gallega, assim os moradores dos logares como dos termos; e uns serviam por adua e outros davam certas fornadas de cal a qual traziam á sua custa á cidade, em barcas. E deu el-rei, para ajuda de taes despezas, todos os residios da cidade e seu termo.

E foi logo accordado que começassem de cercar, primeiramente, da porta de Martim Moniz vindo para a porta de Santo André, dêz-ahi por Santo Agostinho e por S. Vicente de Fóra e assim pela Ribeira até a torre de S. Pedro; e a razão porque houveram accordo de cercar primeiro d'aquella parte foi porque disseram que a gente d'aquella comarca era mais pobre que a que morava da parte da rua Nova, e que emquanto ahi havia avondo das cousas que para ello cumpriam e as gentes no começo serviam com prazer e de boamente que emtanto cercassem aquella parte, porque depois que fosse cercada, se as gentes se enfadassem, os que moravam da parte da rua Nova, que eram gentes muito mais ricas, trabalhariam muito por se cercar toda e não lhes vir, por mingua de cerca, similhante perda da que já houveram.

E começaram de lavrar o muro d'ella postumeiro dia de setembro da era em cima escripta de quatrocentos e onze annos, e deu el-rei cargo para a mandar fazer a Gomes Martins, corregedor na dita cidade.

Cêrca do logar onde lavravam, havia praças de pão e de vinho e d'outros mantimentos, e ali faziam

audiencia a todos os que andavam servindo que demandados eram por quaesquer cousas, por não serem torvados da serventia. E por esta guisa, com a ajuda de Deus, foi de todo mui cedo cercada, ca ella começada em quatrocentos e onze, acabou-se em quatrocentos e treze, assim que ainda não durou tres annos em se cercar.

Do a quantos sentidos e orelhas d'homens aborreceu á primeira ouvir que Lisboa havia de ser cercada, que depois, dando a Deus muitas graças, diziam que por azo de seu cêrco, como era verdade, na seguinte guerra se ganhára todo o Portugal. Muitos á primeira maldiziam o rei que tal obra mandava fazer, que depois, maravilhando-se como fôra feita tão azinha, o louvaram muito, tendo-lh'o em grande mercê.

Muito grão bemfeitor foi este rei D. Fernando, assim em reparar villas e castellos, de que se seguiu grão bem ao reino, como em mandar cercar outras de novo, ca elle, como Lisboa foi cercada, mandou logo reparar a Alcaçova de Santarem de boa e formosa cêrca, com que foi mui defensavel, e assim outros logares pelo reino que não curamos de dizer.





## CAPITULO LXXXIX

*Como el-rei D. Fernando ordenou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas.*

**A**UNDA que el-rei visse n'esta sação que o reino tinha muitos azos de ser minguido de mantimentos e d'outras cousas necessarias pelo que dito havemos, pero tão extranho lhe pareceu essa mingua em respeito da abundancia que n'elle sabia de haver que com aficado desejo começou de cuidar como e por que maneira tal mingua de mantimentos podia ser recobrada, e mais não poder vir tal desfallecimento; e posto que lhe tal cousa parecesse muito convenhavel, e de todo em todo determinar-se de a pôr em obra, pero por que maneira isto poderia vir a bom fim, entendeu que lhe cumpria tomar conselho. E porque era cousa que pertencia a todo o reino, fez chamar condes e prelados e mestres e outros fidalgos e cidadãos de sua terra, e feito um dia ajuntamento de todos, para ouvir por que eram chamados, propoz um por sua parte, dizendo:

«Que entre todas as obras da policia e regimento do mundo não fôra achada nenhuma arte melhor, nem mais proveitosa, para mantimento e vida dos homens que era a agricultura; e não sómente, disse elle, para os homens, e alimarias que o Senhor Deus creou para serviço d'elles, mas ainda para ganhar algo a boa fama sem peccado esta é a mais segura.

«Ora assim é que El-Rei Nosso Senhor, que aqui está, considerando como por todas as partes de seu reino ha grão fallecimento de trigo e cevada e outros mantimentos, de que, entre todas as terras do mundo, elle sabia de ser mais abastado, e esse pouco mantimento que ahi ha é posto em tanta carestia que aquelles que hão de manter fazenda e estado não podem chegar a haver essas cousas sem grão desbarato d'aquillo que hão;

«E vendo e esguardando que, entre as razões por que este falamento vem, a mais especial é por mingua das lavras, que os homens deixam e desamparam, lançando-se a outros misteres que não são tão proveitosos ao bem commum, por cujo azo as terras que são convenháveis para dar fructos são lançadas em ressiões bravos e montes maninhos;

«Porém, elle, considerando que, sendo a isto posto remedio, a terra tornaria a seu grande abundamento, como sohia, que é uma das bemaventuranças que o reino pode haver, propoz de vos chamar todos para, vos notificar o que n'este feito entende de fazer, e com vosso bom accordo e conselho ordenar como melhor e mais proveitosamente se possa dar a execução.»

Isto assim proposto, louvaram todos seu bom desejo, e depois de muitas razões que sobre ello falladas foram, com seu conselho e accordo d'elles, ordenou el-rei que se fizesse por esta guisa:

Mandou que todos os que tivessem herdades suas proprias, e emprazadas, ou por outro qualquer titulo, que fossem constrangidos para as lavrar e semear, e se o senhor das herdades as não podesse lavrar, por serem muitas ou em desvairadas partes, que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse, e as outras fizesse lavrar por outrem ou dêsse a lavrador por sua parte, de guisa que todas as herdades que eram para dar pão todas fossem semeadas de trigo e cevada e milho.

E que fossem constrangidos cada uns que tivessem tantos bois quantos cumpriam para as herdades que tinham, com as cousas que á lavoura pertencem; e, se aquelles que houvessem de ter estes bois não os podessem haver senão por mui grandes preços, mandava que lh'os fizessem dar as justiças, por arrazoados preços, segundo o estado da terra.

E que fosse assignado tempo aguisado, aos que houvessem de lavrar, para começarem d'aproveitar as terras, sob certas penas; e, quando os donos das herdades as não aproveitassem ou dessem a aproveitar, que as justiças as dessem, por certa cousa, a quem as lavrasse por sua razão, a qual seu dono não houvesse, mas fosse despeza em proveito commum, onde essas herdades fossem.

E que todos os que eram ou sabiam ser lavradores, e isso mesmo os filhos e netos dos lavradores, e quaesquer outros que em villas e cidades ou fóra d'ellas morassem, usando de officio que não fosse tão proveitoso ao bem commum como era o officio da lavra, que taes como estes fossem constrangidos para lavrar, salvo se houvessem de seu valor de quinhentas libras, que seriam umas cem dobras; e, se não tivessem herdades suas, que lhes fizessem dar

das outras, para as aproveitarem, ou que vissem por soldadas com os que houvessem de lavrar, por soldada arrazoada.

E porquanto para lavrar a terra são muito necessários mancebos que sirvam assim em guarda dogado como para as outras necessidades da lavoura, os quaes haver não poderiam por se lançarem muitos a pedir, não querendo fazer serviço senão buscar azo para viver ociosos sem affan; dêz-ahi, pois, que a esmola não era devida salvo áquelles que o ganhar não podem, nem por serviço de seu corpo podem merecer por que vivam; e, segundo ainda dito dos santos, mais justa cousa é castigar o pedinte sem necessidade que lhe dar esmola, que é devida a envergonhados e pobres que não podem fazer serviço: porém, mandou el-rei que quaesquer homens ou mulheres que andassem alrrotando e pedindo, e não usassem de mister, que taes como estes fossem vistos e catados pelas justiças de cada um logar; e se achassem que eram de taes corpos e edades que podiam servir em algum mister ou obra de serviço, posto que em algumas partes do corpo fossem minguados, pero com toda essa mingua poderiam fazer algum serviço, que fossem contrangidos para servir n'aquellas obras que o podessem fazer, por suas soldadas e mantimentos, segundo lhes fossem taxados assim no mister da lavoura como em outra qualquer cousa.

Outrosim mandava que quaesquer que achassem andar vadios, chamando-se escudeiros e moços d'el-rei ou da rainha e dos infantes e de quaesquer outros senhores, e não fossem notoriamente conhecidos por seus ou mostrarem certidão como andavam por serviço d'aquelles cujo se chamavam, que fos-



sem logo presos e recadados pelas justiças dos lugares onde andassem, e constrangidos para servir na lavoura ou em outra cousa.

Ainda mais mandava que quaesquer que andassem em habito d'ermitães pedindo pela terra, sem trabalhar por suas mãos em cousa por que vissem, que lhes mandassem e fossem constrangidos que usassem do mister da lavoura ou servissem os lavradores; e se o estes fazer não quizessem, ou os pedintes a que mandado fosse, e isso mesmo os que se chamassem d'el-rei ou da rainha e o não fossem, que os açoitassem pela primeira vez e constrangessem-n'os todavia que lavrassem ou servissem, e se o d'ahi em deante fazer não quizessem que os açoitassem outra vez publicamente com pregão e deitassem fóra do reino, dizendo el-rei que não queria que nenhum em seu senhorio fosse achado que visse sem mister ou serviço.

Aos fracos e velhos e doentes, que nenhuma cousa podiam fazer, mandava que déssem alvarás por que podessem seguramente pedir, e qualquer que alvará não trazia havia a pena sobredita.

Assim que quantos na terra havia, e os que viessem de fóra do reino, todos haviam de ser sabidos, pelas vinteneiras, que homens eram e que geito tinham de viver, e dito logo ás justiças e portos todos em escripto; e qualquer pessoa, por poderosa que fosse, que se trabalhasse de defender alguns dos que assim fossem constrangidos, se fosse fidalgo que pagasse quinhentas libras e fosse degredado do lugar onde visse e d'onde el-rei estivesse, a seis leguas, e se fidalgo não era pagasse trezentas e mais outro tal degredo, encarregando muito as justiças que logo isto dessem á execução.

Nos logares onde se costuma de haver ganhadeiros que se escusar não podem, mandava deixar por numero certo os que se escusar não podessem, e os outros constringiam para servir.

E em cada uma cidade e villa ou logar havia d'haber dois homens-bons que vissem as herdades para dar pão, e as fizessem aproveitar por grado ou constringimento, taxando entre o dono d'ellas e o lavrador o que razoado fosse de lhes dar; e quando o senhor da herdade não quizesse convir em cousa que arrazoada fosse que a perdesse por sempre, e a renda d'ella fosse para o commum onde jovesse.

Na criação e trazimento dos gados, mandava que nenhum não trouxesse gados seus nem alheios, salvo se fosse lavrador ou mancebo de lavrador que morasse com elles; e se os outrem quizesse trazer havia-se de obrigar de lavrar certa terra, d'outra guisa perdia o gado, para proveito commum dos logares onde era filhado.

Estas e outras cousas, por se manter esta ordenança, mandava el-rei assim guardar, que nenhum era assim ousado passar seu mandado, por cujo azo a terra começou de ser mui aproveitada e crescer em abundancia de mantimentos.





## CAPITULO XC

*Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que  
comprassem ou fizessem naus.*

**V**ENDO o mui nobre rei D. Fernando como não sómente d'esta santa e proveitosa ordenação que assim fizera se seguia grão proveito a elle e a todo o povo do reino, mas ainda das mercadorias muitas que d'elle eram levadas, e trazidas outras, havia grandes e mui grossas dizimas, e que o proveito que haviam dos fretes os navios estrangeiros era melhor para os seus naturaes, dêshahi muito maior honra da terra havendo n'ella muitas naves, as quaes o rei podia ter mais prestes, quando cumprissem a seu serviço, que as das provincias d'elle alongadas, ordenou, para os homens haverem mór vontade de as fazer de novo ou comprar feitas, qual mais sentissem por seu proveito, que aquelles que fizessem naus de cem toneis a cima podessem talhar e trazer para a cidade, de quaesquer mattas que d'el-rei fossem,

quanta madeira e mastros para ellas houvessem mister, sem pagar nenhuma cousa por ella; e mais que não dessem dizima de ferro, nem de fullame, nem d'outras cousas que de fóra do reino trouxessem para ellas, e quitava todo o direito que havia d'haver aos que as compravam e vendiam feitas.

Outrosim, dava aos senhores dos ditos navios, da primeira viagem que partiam de seu reino carregados, todos os direitos das mercadorias que levavam, assim de sal como de quaesquer outras cousas, tambem de portagem como de siza como d'outras imposições, assim das mercadorias que seus donos das naus carregassem como das outras mercadorias.

Dava mais aos donos das naus metade da dizima de todos os pannos e de quaesquer outras mercadorias que da primeira viagem trouxessem de Flandres ou d'outros logares, assim das cousas que elles carregassem como das que outros carregassem n'ellas.

Alem d'isto, mandava que não tivessem cavallos, nem servissem por mar nem por terra, com concelho nem sem elle, salvo com seu corpo, e que não pagassem em fintas, nem talhas, nem cizas que fossem lançadas, para elle nem para o concelho, nem em outra nenhuma cousa, salvo nas obras dos muros onde fossem moradores, e das herdades que ahi tivessem, e d'outras nenhuma não.

E, acontecendo que os navios assim feitos ou comprados percessem da primeira viagem, mandava que estes privilegios durassem aos que os perdessem tres annos seguintes, fazendo ou comprando outros, e assim por quantas vezes os fizessem ou comprassem; e se dois em companhia faziam ou compravam alguma nau ambos haviam estas mesmas graças.



## CAPITULO XCI

*Como el-rei D. Fernando ordenou companhia das naus, e da maneira que mandou que se n'ello tivesse.*

**T**RABALHANDO-SE muitos de fazerem naus e outros de as comprarem, por azo de taes privilegios, e vendo el-rei como por esta cousa sua terra era melhor manteuda e mais honrada, e os naturaes d'ella mais ricos e abastados, por azo das muitas carregações que se faziam; e querendo prover com algum remedio de cada vez ser mais accrescentado o conto de taes navios, e os desvairados cajões do mar não deitarem em perdição aquelles que suas naus de tal guisa perdessem, ordenou com conselho de uma companhia de todas, pela qual se remediasse todo contrario, por que seus donos não cahissem em aspera pobreza, publicando a todos que fosse por esta guisa:

Mandou que se escrevessem, por homens idoneos e pertencentes, todos os navios tilhados que em seu reino houvesse, desde cincoenta toneis para cima,

assim os que ahi então havia como os outros que depois houvesse, e isto em Lisboa e no Porto e nos outros logares onde os houvesse; e posto assim em livros o dia e preço por que foram comprados ou feitos de novo, e a valia d'elles e quando foram deitados á agua, tudo aquillo que esses navios ganhassem fosse de seus donos e dos mareantes, como se sempre usou.

E de tudo quanto esses navios percalçassem de idas e vindas, assim de fretes como de quaesquer outras cousas, pagassem para a bolsa d'essa companhia duas corôas por cento; e que fossem duas bolsas, uma em Lisboa e outra no Porto, e terem cargo de ter estas bolsas aquelles a quem el-rei dava dinheiro d'ellas se comprarem outros navios em lugar d'aquelles que se perdessem, e para outros quaesquer encargos que cumprissem para prol de todos.

E quando acontecesse que algum ou alguns navios percessem por tormenta ou por outro cajão, e isto em portas ou seguindo suas viagens, ou sendo tomados por inimigos, indo ou vindo em acto de mercadorias, que esta perda dos ditos navios que assim percessem se repartisse por todos os senhores dos outros navios, por esta guisa: vêr-se a valia de todos os navios que áquelle tempo ahi houvesse, e outrosim o valor d'aquelle navio ou navios que se perdessem ou fossem tomados, e contar-se tudo quanto montasse soldo por libra, aos milheiros ou centos, que cada um navio valesse, tanto pagar cada um senhor de cada navio, quando na bolsa não houvesse por que se podesse pagar; e que aquillo fosse visto e estimado por

aquelles homens-bons que por elle, ou pelos reis que apoz elle viessem, fossem postos por executores d'esta ordenação. E mandou que nenhum podesse appellar nem aggravar do alvidro e estimação que elles fizessem, mas que logo fizesse execução nos bens d'aquelles que pagar não quizessem o que lhes montasse, para o darem ás pessoas que perderam os navios, para fazerem ou comprarem outros.

E se por ventura algum navio, por fortuna de tormenta ou por outro algum cajão, seguindo acto de mercadoria, abrisse ou peiorasse, chegando a logar onde se podesse correger por menos o terço d'aquillo que valeria depois que fosse adubado, que o senhor do navio fosse teudo de o adubar ás suas despezas, e não o querendo assim fazer que os outros senhores dos navios não fossem teudos de lh'o adubar, nem pagar outro. E acontecendo que fosse n'esse navio tamanho damno feito que se não podesse emendar senão por mais do que valeria depois que adubada fosse, ou por tanto, e acontecendo este cajão sem culpa dos mareantes d'elle e sem outra malicia, que então os senhores cobrassem d'elle e dos apparelhos aquillo que podessem haver á boa fé e sem malicia, e então que se visse o que aquelle navio valia ao tempo que lhe aconteceu aquelle cajão, e fosse logo pago a seu dono, para comprar ou fazer outro, descontando-lhe o que houvesse do navio e apparelhos que salvasse; e os adubios, se se houvessem de fazer, fossem vistos por mestres que houvessem d'ello conhecimento.

E se alguns mestres ou senhores dos navios fretassem para terra de inimigos sem receber primei-

ro segurança, e sendo tomados por elles ou perecendo em taes viagens, que seus donos dos outros navios não fossem teudos de lh'os pagar. Mandava mais que, se alguns mestres e senhores de navios fizessem alguns damnos ou erros a algumas outras naves, ou em villas e logares, ou os culpassem n'elles, e por tal razão lhes fosse feita penhora e tomada em seus navios, que os outros não fossem teudos de lh'os pagar, nem quitar de penhora, nem d'outra nenhuma cousa que lhes acontecesse, salvo se provassem e fizessem certo que aquillo de que os culpavam fizeram seguindo viagem de mercadorias, e em seu defendimento ou por serviço d'el-rei e prol de sua terra.

E porque alguns mestres e senhores dos navios, sob esperança que lhes haviam de ser pagos, ainda que se perdessem, não curariam de os fornecer d'ancoras e cabos e outros fullames, e isso mesmo n'armas e gentes e d'outras cousas que pertencem para defensão do mar e dos inimigos, mandava el-rei que os vedores e escrivão chegassem ás naus e que se escrevessem todos os apparelhos e gentes que levavam, para se vêr se se perdiam por mingua das cousas que lhes eram cumpridoiras para seguirem sua viagem, e assim lhes serem pagas ou não.

E, quando se perdiam tantas naus que os senhores dos outros navios não podiam logo tudo pagar sem seu desfazimento, pagavam logo metade, e pela outra lhes davam certo tempo a que pagassem tudo.

E acontecendo de el-rei haver guerrá com reis seus visinhos ou com outras gentes, e armando cada unsd'aquelles navios para sua defeza e ajuda, e

perecendo d'elles em taes armadas, sendo feitas por prol communal, que fossem pagos dos bens communs de seu senhorio e fossem primeiro pagos do seu thesouro, para seus donos fazerem logo outros ou os comprarem; e quando os navios fossem com mercadorias e houvessem alguns percalços, assim d'inimigos como por outra qualquer guisa, que taes percalços fossem entregues aos senhores e mareantes dos navios que os assim ganhassem, e elles houvessem seu direito, como era costume: e do que acontecesse aos senhores dos navios houvessem elles metade, e a outra fosse posta na bolsa para prol de todos, ficando resguardado a el-rei seu real direito que havia de haver.

E mandou el-rei que as suas naus, que eram doze, entrassem n'esta companhia, e que não fossem de maior condição que os outros navios de seu senhorio, mas que nos fretamentos e mareantes e nos apparelhos e em todas as outras cousas fossem julgadas como se todas fossem de pessoa d'uma condição; e não o querendo el-rei assim fazer e indo contra ello, que a companhia não valesse nada quanto aos navios d'el-rei, e a companhia dos outros navios ficasse firme para todo sempre.

E outhorgou que todos aquelles que tinham navios e entrassem n'esta companhia, e os que os d'ali em diante houvessem e entrassem n'ella, que houvessem todos os privilegios e graças que outhorgadas tinha aos que comprassem navios ou fizessem de novo, como já tendes ouvido; e quitava a chancellaria aos que tiravam a carta de tal ordenança.

E mandou que os executores d'esta ordenança dessem mareantes aos navios, segundo elles cum-

prisse, e que o que fosse mestre d'um navio não o podesse deixar, salvo depois que fosse tal que não fosse para servir.

E fez em Lisboa executores d'esta companhia Lopo Martins e Gonçalo Peres Canellas, e deu-lhe escrivão que escrevesse a receita e despeza e todas as outras cousas que a isto pertencessem, e que tivessem a bolsa n'uma arca de tres chaves, de que cada um tivesse sua; e cada anno davam conta, presente dois homens-bons sem suspeita, de toda a receita e despeza que faziam dos ditos dinheiros. E o escrivão havia d'haver trinta libras por anno, e os executores cada um cincoenta, dos dinheiros da dita bolsa.

Mandou el-rei a todas as justiças que trigosamente dessem a execução toda cousa que por elles fosse ordenada, pondo mui grandes penas aos que o contrario fizessem, e assim se costumou d'ahi em diante em seu reino.





## CAPITULO XCII

*Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições.*

**C**ESSANDO mais de falar d'isto e tornando ao feito dos reis, vós ouvistes em seu lugar, lendo o capitulo da fugida d'el-rei D. Henrique quando a batalha de Najara foi perdida, como el-rei D. Pedro e o principe de Galles trataram suas amizades com el-rei d'Aragão, por el-rei D. Henrique não haver acolhimento em sua terra; pela qual cousa lhe el-rei de Aragão enviou depois dizer, quando ordenava de tornar para Castella, que não passasse por seu reino, senão que era por força de lh'o embargar, de que el-rei D. Henrique ficou mui mal contente, pero que passou, segundo contamos.

E desde então até este tempo não achamos avenças de paz que entre elles fossem firmadas, antes nos parece que estiveram sempre em desvairo, porque, n'este anno de quatrocentos e doze, o infante de Maiorca, sobrinho d'el-rei de Aragão, filho de

sua irmã, que era então rei de Napoles por razão da rainha D. Joanna, com quem cazara, fazia guerra a Aragão por azo do reinado de Maiorca, que lhe pertencia por morte d'el-rei D. Jayme, que d'elle fôra rei e privado d'elle por este rei D. Pedro de Aragão, que de presente reinava; e el-rei D. Henrique, por queixume que havia d'elle, sabia que entravam os seus por algumas partes d'Aragão, em ajuda d'el-rei de Napoles, e não lh'o extranhava, dizendo que o faziam de sua vontade e não por seu mandado, em que parece que lhe não tinha bom desejo.

D'outra parte, el-rei D. Fernando de Portugal era mui queixoso d'el-rei d'Aragão, pelos damnos e semrazões que d'elle havia recebidos até então, como quer que claramente outros não achemos escriptos, salvo a tomada do ouro que lhe por elle foi feita, segundo tendes ouvido. E porende, estando el-rei D. Henrique em Sevilha, mandou Fernão Fernandez d'Estobar a Portugal, para firmar novas avenças com el-rei D. Fernando, além d'aquellas que nas pazes que dissemos eram conteudas, e foram d'esta guisa:

Que os reis ambos se ajudassem contra el-rei d'Aragão e seus herdeiros e ajudadores, e que el-rei de Castella começasse de fazer guerra a el-rei d'Aragão, por mar e por terra, desde o dia que quatro galés d'el-rei de Portugal chegassem em ajuda d'el-rei de Castella e entrassem pelo rio de Guadalquivir, até trinta dias primeiros seguintes, não havendo el-rei D. Henrique primeiro feita paz ou trégua com el-rei d'Aragão; e que não alçasse mão da dita guerra, salvo se lhe aviesse tal necessidade por que lhe fosse cumpridouro deixar fronteiras contra esse reino.

Nas quaes galés el-rei D. Fernando havia de mandar o seu capitão-mór do mar; e, se antes que estas quatro galés chegassem elle não houvesse feita paz com el-rei d'Aragão, que a não podesse depois fazer sem consentimento d'el-rei D. Fernando, nem el-rei D. Fernando sem seu consentimento d'elle.

E que, n'aquelle primeiro anno que el-rei de Castella começasse esta guerra, el-rei D. Fernando o ajudasse com dez galés bem armadas á sua custa, por tres mezes pagas, desde aquelle dia que chegassem ao rio de Sevilha; e, durando a guerra mais d'aquelle anno, que el-rei D. Fernando o ajudasse com seis galés bem armadas, á sua custa, por tres mezes, e passados os tres mezes, e havendo-as el-rei de Castella mais mister, que d'ahi em diante dêsse de soldo a cada uma galé, por mez, mil dobras cruzadas, pagando-as no começo d'elle.

E, no tempo que el-rei de Portugal pagasse as suas galés, que qualquer cousa que ellas ganhassem sem companhia d'outras fosse tudo para elle, e quando em companhia d'outras repartido por todas igualmente, e, quando fossem pagas á custa d'el-rei de Castella, que quanto ganhassem fosse d'elle.

E se el-rei D. Henrique não quizesse fazer guerra a el-rei de Aragão senão por terra, e el-rei D. Fernando lh'a quizesse fazer por mar, que el-rei de Castella lhe fizesse outra tal ajuda de galés, com simillhantes condições.

E, armando el-rei d'Aragão tão grande frota que as galés de Castella com as de Portugal não ousaram de pelejar com ella, que então cada um dos reis que houvesse de ajudar o outro armasse tama-

nha frota que com sua melhoria podesse pelejar com ella.

Estas e outras condições, que não curamos de dizer, foram postas n'estas novas avenças que el-rei D. Fernando enviou commetter a el-rei D. Henrique.





### CAPITULO XCIII

*Do recado que el-rei D. Henrique enviou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometteu ajuda de cinco galés.*

**E**L-REI D. Henrique, segundo parece, não embargando estas avenças que dissemos, mudou a vontade de fazer guerra a Aragão, e isto entendemos que foi por duas razões: uma, por grande armada que este anno ordenou de fazer em ajuda d'el-rei de França contra os inglezes; outra, porque determinou de mandar dizer a el-rei d'Aragão que lhe dêsse sua filha a infante D. Leonor, com quem houvera de casar el-rei D. Fernando, para mulher do infante D. João, seu primogenito filho, que já fôra esposada com elle, sendo mais moços.

E, porém, enviou dizer a el-rei D. Fernando que lhe rogava e pedia que, em caso que lhe houvesse feita paz ou trégua com el-rei d'Aragão antes que as suas galés chegassem ao rio de Sevilha, elle o não houvesse por mal, porque seu talante era fazer que el-rei d'Aragão lhe emendasse alguns erros, se

os d'elle havia recebidos; e que enviasse elle a elle seus procuradores abundosos, para sobre isto poderem firmar o que cumpridoiro fosse, ca sua tenção era fazer sobre ello tanto como por seu feito proprio; e que o ajudasse contra os inglezes com dez galés ou ao menos com seis.

El-rei D. Fernando, quando viu este recado, respondeu áquelles que lh'o trouxeram, e disse:

— « Bem sabe el-rei D. Henrique, meu irmão e amigo, como el-rei de Granada tem tomados navios e haveres e gentes captivas de minha terra, pela qual razão eu hei com elle guerra; e durando esta discordia entre mim e elle, seria grão perigo a meu reino enviar tão longe minhas galés, e ficar a costa de minha terra desamparada. Pero, por mostrar o bom desejo e vontade que lhe temos, dizei que nos praz de o ajudar com cinco galés armadas, por tres mezes, á nossa custa, ca as outras haveremos mister para defensão da nossa terra e guerra dos mouros; nas quaes o nosso capitão do mar irá e fará tudo o que o seu almirante mandar, segundo nos manda requerer.

« E quanto é ao que nos dizer envia, — que nos praza que, d'aquillo que havemos de dar á infante D. Beatriz, nossa irmã, de seu dote, paguemos o soldo a estas nossas cinco galés do tempo que lhes é teudo de pagar, a saber, d'oito mil e setecentas e cincoenta dobras cruzadas, ou cincoenta e duas mil e quinhentas libras de nossa moeda em preço d'ellas, a seis libras por dobra, como ora valem, — dizei que nos praz, por sua honra, de o fazermos assim, e que nos mande quitação d'isto.»

Partiram-se os mensageiros com esta resposta, e el-rei D. Fernando enviou logo a Castella, para tra-

tar os feitos de Aragão, Gonçalo Vasques d'Azevedo e Lourenço Annes Fogaça, seus privados.

E mandou fazer as cinco galés prestes para irem com armada das naus e galés de Castella, que era mui grande, de que era almirante Fernão Sanches de Thoar; e passaram em Inglaterra á ilha Doyoché e fizeram grão damno por toda aquella costa. E a ajuda e armada d'estas cinco galés, e das outras que haveis ouvido, fez el-rei D. Fernando a el-rei de Castella na maneira que dissemos, e não como alguns auctores, ignorantes da verdade, pozeram em seus livros, dizendo que eram dadas por obrigação a que el-rei D. Fernando ficára teudo nas pazes que foram feitas sobre o cêrco de Lisboa.





## CAPITULO XCIV

*Como el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho.*

**A**SSIM como dissemos n'este capitulo, era desavença entre el-rei D. Henrique e el-rei de Aragão, por tal guisa, que, não embargando que lhe el-rei D. Henrique enviasse requerer por vezes que fosse seu amigo, nunca poderam haver d'elle boa resposta aquelles que sobre ello lá enviou, mas tinha-lhe tomada a villa de Molliana e fazia-lhe cercar o castello de Requena.

Mas, com tudo isto, el-rei D. Henrique lhe enviou dizer que bem sabia que estando elle em Aragão quando *mosse* Beltram e outros cavalleiros vieram em sua ajuda para entrar em Castella, foram certos tratos firmados entre elles, entre os quaes fôra posto que o infante D. João, seu filho, casasse com a infante D. Leonor, sua filha, e que a trouxesse em sua casa por tempo; e que, depois que a batalha de Najara fôra perdida, tomara elle sua filha

e dissera que não era sua vontade que se fizesse aquelle casamento, e que, pero lh'o depois enviára por vezes requerer, não quizera consentir n'ello; e que ora novamente lhe rogava que lhe prouvesse de se fazer.

El-rei d'Aragão respondeu a isto, por muitas razões, que o não devia fazer, e houve por ello muitos debates e sanhas entre ambos; ácima, accordou el-rei d'Aragão de lhe dar sua filha, não embargando que á rainha sua mulher, filha d'el-rei de Sicilia, não prazia que se fizesse e torvava n'ello quanto podia.

N'isto, enviou el-rei d'Aragão a Almaçom, onde o infante D. João estava, seus embaixadores, e concordaram com elle o casamento seu e da infante, e que el-rei d'Aragão deixasse os castellos de Molliana e de Requena e todas as outras cousas que elle demandava, e que el-rei D. Henrique lhe desse, pelas despezas que elle faria em mandar sua filha a Castella, e por alguns labores e cousas que mandára fazer nos ditos castellos, oitenta mil francos d'oiro; e d'esta guisa ficaram os reis muito amigos e postos em paz e accordo.

Os embaixadores tornados, ordenou el-rei d'Aragão d'enviar a infante, para fazer suas bodas, segundo tinham ordenado, e no anno seguinte, de quatrocentos e treze, a enviou seu pae mui honradamente á cidade de Soria, onde el-rei D. Henrique, com todos os senhores do reino, foram presentes a seu casamento.

E, mais foram ahi feitas as bodas de D. Carlos, filho d'el-rei de Navarra, com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, a que houvera de ser mulher d'el-rei D. Fernando de Portugal, com a

qual el-rei deu ao dito infante cem mil dobras em casamento; e foram estas bodas feitas com mui grandes festas e alegrias, e duraram todo o mez de maio.





## CAPITULO XCV

*Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando.*

**O** não honesto e forçoso poderio faz ás vezes, por cumprir vontade, casamento d'algumas pessoas, em que muito condemna sua consciencia, fazendo-lhes outhorgar a taes cousa contraria a seu desejo, quando um no outro, recebendo-o por tal modo, livremente nunca consente; assim que quanto a Deus nunca são casados, posto que ambos longamente vivam. E d'esta guisa aveio ao conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, com D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando, a qual recebeu em Santarem, como ouvistes, porque no começo e logo depois, não lhe prazendo de taes esposarios, sempre mostrou por gesto e palavras que sua vontade não era contente; ca elle, pelo caminho e depois em Castella, nunca lhe falou, nem chamou esposa, nem lhe deu sómente uma joia; e assim andou ella em casa d'el-rei até que cumpriu os annos para poder casar.

Então, disse el-rei ao conde que a recebesse publicamente e fizesse suas bodas segundo lhe cumpria, e elle o contradisse e o não quiz fazer, e por este azo se recresceram tão asperas palavras entre el-rei e o conde seu filho que elle, receando-se de prisão ou deshonra, fugiu do reino e andou em França e em Avinhão, querelando-se a el-rei de França e ao papa Gregorio como el-rei seu pae o constrangia que casasse com aquella filha d'el-rei de Portugal, com quem vontade nunca houvera.

El-rei, vendo o talante que seu filho em tal feito mostrava, mandou-lhe tomar as rendas e terras que havia, e deu-se algumas d'ellas ao duque seu irmão; e isso mesmo mandou tomar os bens a alguns dos que se foram com elle para fóra do reino.

A condessa, vendo tudo isto, estando el-rei em Valladolid, no mez de fevereiro, um dia á tarde, em um logar que chamam Paraizo, presente a rainha D. Joanna e outros muitos que dizer não curamos, reclamou os esponsorios e casamento que havia feito com o conde, dizendo que, se lhe a elle não prazia de casar com ella, tão pouco prazia a ella de casar com elle; e tomou d'elle assim instrumentos.

El-rei havia d'isto grande queixume, e, depois que houve feitas estas bodas que dissemos, mandou dizer ao conde que viesse todavia para receber sua esposa, se não que o desherdaria de todo e deixaria em seu testamento maldição ao infante seu filho, sem nunca lhe perdoar, nem lhe dar cousa alguma das que lhe elle havia tomadas. Então veiu o conde a Burgos no mez de novembro, onde el-rei seu pae era, mais com receio e temor d'elle que com vontade de casar com ella.

E foi assim que o dia que os houveram de receber no castello d'aquella cidade, estando el-rei e a rainha presente e o infante seu filho e outros muitos senhores fidalgos, o arcebispo de Sant'Iago, que os de receber havia, perguntou ao conde se queria receber por sua mulher D. Isabel, que presente estava, e o conde não respondeu nada, até que lhe el-rei sanhudamente mandou que dissesse sim, e elle então com receio do pae disse que sim, pero que o disse de tal guisa que muitos dos que ahi estavam entenderam bem n'elle que de tal casamento era pouco contente; porém foram suas bodas feitas mui honradamente, e isso mesmo a D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, com D. Joanna, filha outrosim d'el-rei D. Henrique.

Ora sabeí, sem duvida nenhuma, posto que vos pareça cousa extranha, que, como foi serão, o conde se foi para a condessa, por receio que houve d'el-rei se o d'outra guisa fizera, e, jazendo ambos n'uma cama, usou elle de tudo o contrario que a condessa arrazoadamente devia d'esperar áquelle tempo, privando elle então assim seus sentidos que nenhum deixou usar de seu officio qual cumpria, antes lhe foram todos tão escassos que elle nunca a abraçou, nem beijou, nem se chegou a ella pouco nem muito, nem a tocou com o pé nem com a mão, nem lhe falou tão só uma fala n'aquella noite nem pela manhã, nem ella a elle isso mesmo; nem nunca lhe chamou condessa em jogo nem em sizo, nem comeu com ella a uma meza; mas vinha-se cada dia ao serão dormir com ella, tendo tal geito em todas as noites como tivera na noite primeira.

E esta vida continuou com ella, de que el-rei não sabia parte, emquanto esteve em Burgos e em Pa-

lença, que seriam até dois mezes, e, depois que el-rei partiu d'aquelle logar, o conde não curou mais d'ella, mas foi-se a outras partes onde a vêr não podesse; e assim andou até que el-rei seu pae morreu e foi d'ella quite por sentença, como adeante diremos.





## CAPITULO XCVI

*Como a infante D. Beatriz de Portugal esposou com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella, e com que condições.*

**F**EITAS assim estas bodas que dissemos, logo no anno seguinte de quatrocentos e quatorze foi tratado outro casamento entre el-rei D. Henrique e el-rei de Portugal a saber: que D. Fradarique, duque de Benavente, filho de el-rei D. Henrique e d'uma dona que chamavam D. Beatriz Ponce, casasse com a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando e da rainha D. Leonor.

E firmado sobre isto tudo o que cumpria, ordenou el-rei D. Fernando de fazer côrtes, por se fazerem estes esposorios, e foram feitos na villa de Leiria, no mez de novembro, sendo presentes o infante D. João e D. João, mestre da cavallaria da ordem d'Aviz, seus irmãos, e condes e ricos-homens, e prelados e cavalleiros e escudeiros e muita outra gente dos concelhos, todos chamados especialmente para estes esposorios da infante, e para recebe-

rem por rainha e senhora dos reinos de Portugal e do Algarve e lhe fazerem por ello menagem.

As gentes assim juntas, ordenou el-rei que aos vinte e quatro dias do dito mez se fizessem os recebimentos, e foi assim de feito que Fernão Perez d'Andrade, como procurador d'el-rei D. Henrique e de D. Fradarique, seu filho, recebeu por palavras de presente, como manda a Santa Egreja, a dita infante D. Beatriz por mulher do dito D. Fradarique, e ella recebeu elle por seu marido, nas mãos d'este seu procurador.

Em outro dia, todos os senhores e gentes que ahi eram, a que isto cumpria de fazer, fizeram preito e menagem nas mãos de D. Frei Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e de Henrique Manuel Vilhena, senhor de Cascaes, curadores da dita infante, e em mãos do dito Fernão Perez: que morrendo o dito rei e não deixando filho lidimo tomassem por rainha a dita infante e por rei o dito seu marido, havendo com ella cumprido aquelle honesto ajuntamento que se faz entre os casados, salvo se el-rei D. Fernando morresse ficando a rainha D. Leonor prenhe e parindo filho varão; e morrendo el-rei D. Fernando antes que elles fossem de tamanha edade que cumprir podessem o natural divido, que a rainha D. Leonor regesse em tanto o reino, ou quem el-rei D. Fernando ordenasse em seu testamento; e que desde o dia de S. João Baptista seguinte lhe dessem casa em Portugal; e qualquer dos reis por que isto fallecesse de ser cumprido pagasse ao outro dez mil marcos d'ouro.

Feitos os esporios com estas e outras condições que deixamos de dizer enviou el-rei D. Fernando a Castella D. Pedro Tenorio, bispo de Coim-

bra, e Ayres Gomes da Silva, do seu conselho, e seu alferes-mór. E chegaram a el-rei D. Henrique, á cidade de Cordova, onde então estava, e, recontados todos os capitulos que conteudos eram nos tratos d'estes esporios, elle os jurou a cumprir e manter aos dezenove dias do mez de janeiro de quatrocentos e quinze annos; e mais que houvesse dispensação do papa, porquanto eram parentes no quarto gráo; e mais que el-rei D. Fernando houvesse as rendas dos logares de que fizera doação á dita sua filha, por bem de tal casamento, até que fizesse suas bodas e fosse entregué a seu marido.





## CAPITULO XCVII

*Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão.*

**N**ós não achamos que Gonçalo Vasques de Azevedo, nem Lourenço Annes Fogaça, que foram enviados a Castella para tratar os feitos d'Aragão, como ouvistes, tratassem sobre elle nenhuma cousa de que el-rei D. Fernando fosse contente, antes nos parece que foi por contrario, porque, tanto que estes esporios e avenças que dissemos foram ordenados, tendo el-rei grão sentimento do ouro que lhe tomára el-rei d'Aragão, e a não boa maneira que tivera n'aquelle feito, muito contraria do que elle cuidava, e para haver de tudo emenda, tratou amizade com D. Luiz, duque d'Anjou filho d'el-rei de França, que fossem ambos d'um accordo em fazer guerra a el-rei d'Aragão.

E foi assim que enviou o duque a elle seus embaixadores, a saber, Ruberte de Noyers, bacharel

em leis, e Yvo de Gernal, de seu conselho, os quaes chegaram a Tentugal no mez d'abril, onde então el-rei estava, e concordadas suas avenças em muitas cousas, ficando porém certos pontos por determinar, os quaes cumpria de o duque primeiramente saber, ordenou el-rei de enviar seus embaixadores a França, com os mensageiros do duque; e foram lá Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór e João Gonçalves, seu secretario e do seu conselho, e em uns paços d'el-rei de França, cerca de Paris, no mez de junho seguinte, firmaram suas allianças n'esta guisa:

Que o duque fizesse guerra contra el-rei d'Aragão, assim por mar como por terra, e que a guerra por terra se fizesse á despeza do duque, e na guerra que se fizesse por mar el-rei D. Fernando pozesse a terça parte das fustas, com tanto que não passasse conto de quinze galés; e segundo a despeza que cada um fizesse houvesse proveito dos bens moveis e de raiz que tomados fossem ao reino d'Aragão, reservando porém seu direito aos capitães, segundo seu costume de guerra;

E que todas as cidades, castellos e fortalezas que fossem tomadas ao reino de Maiorca e nas ilhas de Minorca e de Iviça e no condado de Roussillon e terras de redor fossem entregues ao dito duque;

E que, se el-rei de Castella quizesse ser n'esta liga, fazendo guerra ao reino d'Aragão, assim por mar como por terra, segundo já tinha outhorgado ao duque, as fortalezas que se tomassem em Murcia e em terra de Mollina, em que el-rei de Castella dizia que tinha direito, isso mesmo lhe fossem entregues;

E que de quaesquer outros logares que fossem tomados, afóra estes que ditos são, el-rei D. Fernando fosse primeiro entregue, sem nenhuma custa, de duzentas e cincoenta mil dobras, em que dizia que lhe el-rei d'Aragão era obrigado; e, depois que elle fosse pago, que todos os outros logares fossem partidos entre elles, segundo a despeza que cada um fizesse.

E estes e outros capitulos que dizer não curamos foram postos n'aquellas avenças que el-rei D. Fernando tratou com o duque, mas se esta guerra houve algum começo, ou que se fez sobre este negocio, nós, por livros nem escripturas, nenhuma cousa podémos achar que mais pozessemos em escripto; mas porém entendemos que não faz mingua. (\*)

(\*) Em Angers foram ultimamente descobertos os interessantes documentos d'estas «avenças» que, com a historia d'ellas, publiquei sob o titulo: *O thesouro do Rei Fernando* (no Bol. da Soc. de Geogr. e em tiragem avulsa, 1895).



## CAPITULO XCVIII

*Das manhas e condições do infante D. João de Portugal.*

**C**ESSANDO dos feitos d'el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique e isso mesmo com el-rei d'Aragão, pois cousa nenhuma mais achar não podemos que d'historiar necessaria seja, convém que digamos d'outras cousas pertencentes a nosso falamento, segundo aquillo que promettido temos no reinado d'el-rei D. Pedro, onde dissémos que falaríamos dos infantes D. João e D. Diniz quando conviesse arrazoar dos seus feitos; mas, por abreviar, deixando de todo o infante D. Diniz, que já é em Castella, digamos qual foi o azo por que se o infante D. João depois partiu de Portugal e se foi para lá; e antes que d'isto façamos menção não se aggravem vossas orelhas d'ouvir em breve recontamento algum pouco de seus geitos e manhas, sequer por honra de sua pessoa.

Este infante D. João era muito egual homem em corpo e em gesto, bem composto em parecer e feições, e comprido de muito boas manhas, muito mesurado e páção, agasalhador de muitos fidalgos do reino e estrangeiros, e muito grado e prestador a qualquer que n'elle catasse cobro, dando-lhes cavallos e mulas e armas e vestidos e dinheiros e aves e alãos e quaesquar outras cousas que em seu poder fosse de dar.

Foi muito amigo de seu irmão D. João, mestre d'Aviz, de guisa que, como el-rei D. Pedro ordenára que sempre acompanhassem ambos quando eram na côrte, assim nunca eram partidos de monte e de caça e comer e dormir e das outras conversações usadas d'aquelles que se bem amam, em tanto, que sendo elle mui doente uma vez em Evora, d'um grande accidente que lhe dera, tendo elle cargo, com o mestre seu irmão, de manter a tavola em umas grandes justas que el-rei D. Fernando fazia a uma festa que ordenou o conde de Vianna, filho do conde velho, em um ruido que se levantou n'ellas entre Vasco Porcalho, commendador-mór d'Aviz, e Fernando Alvares de Queiroz, que era da parte dos condes, não podia Affonso Gomes da Silva e outros fidalgos ter o infante que se não levantasse da cama, por ir ajudar seu irmão o mestre, quando lhe disseram que andava em cima d'um cavallo, com um tração de pau na mão, por desviar de cajão o Vasco Porcalho que não recebesse damno dos outros; o qual ruido prouve a Deus que foi amansado sem perda de nenhum d'elles.

Elle foi homem de toda a Hespanha que melhor e mais aposto desenvolvia um cavallo, de guisa que suas manhas más nem braveza lhe prestar podia

que o não amansasse; grande justador e torneador, e lançava muito atavolado.

Era muito usado de saltar e correr e remessar a cavallo e a pé, soffredor de grandes trabalhos a monte e a caça e similhantes desenfadamentos, e a elle por dias e noites nunca perdia afan, levantando-se duas e tres horas ante-manhã, aprasando de noite por invernos e calmas, dêz-ahi cavalgar e correr fragas e montes espessos, e saltar regatos e corregos de grandes cajões, cahindo n'elles e os cavallos sobre elle.

Em tanto era querençoso de montes, que nunca receava porco nem urso com que se encontrasse, a pé nem a cavallo; e de muitos perigos em similhantes feitos o quiz Deus guardar, que contados por miudo seriam assás saborosos de ouvir, mas receando de vos fazer fastio não ousaremos de contar mais d'um ou dois de taes aquécimentos.





## CAPITULO XCIX

*Do que aveio ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte.*

**E**L-REI D. Fernando era mui querençoso de caça e monte, onde quer que sabia que os havia bons, filhando n'ello grande prazer e desenfadamento; e, porque o certificaram que em terra da Beira e por riba de lôa havia bons montes d'ursos e porcos em grande abundancia, fez-se prestes com toda sua casa e da rainha, e muitos monteiros com sabujos e alãos, e levou caminho d'aquella comarca.

E, fazendo n'elles grande matança, aconteceu um dia que o infante se encontrou com um mui grande urso, e juntou-se tanto a elle, por o ferir a mão tenente, que o urso firmou bem seus pés e levantou os braços, por o arrebatár da sella. O infante, quando isto viu, empicotou-se tanto sobre a sella que foi de todo sobre o arção deanteiro, e o urso, estendendo as pontas das mãos, por o filhar,

alcançou o arção derradeiro da sella tavarenha, segundo então usavam, e arrancou o arção com uma grande aljava da anca do cavallo. E o infante por tudo isto não o deixou, e assim sem arção e com o cavallo ferido, voltou sobre elle, por o remessar, e nunca se d'elle quitou até que sobrevieram outros e lh'o ajudaram a filhar nas azcumas.

Outra vez lhe aquéceu que aprazou um porco mui grande, o qual achou com grão trabalho, fazendo-o andar longa terra entre dia e noite, de que ficou mui cansado, e depois que o houve cercado mandou a um seu pagem, que lhe levava a azcuma, que fosse depressa chamar os de cavallo e os monteiros a toda a vozaria, e que lhe trouxessem dois alãos os quaes amava tanto que os lançava de noite comsigo na cama e elle no meio d'elles; um havia nome *Bravor*, que lhe dera seu irmão mestre d'Aviz, outro chamavam *Rabeç*, que lhe enviára Fernão Peres d'Andrade, tio de Ruy Freire de Andrade, de Galliza.

Quando a companhia foi toda junta, fez-se muito tarde, porque vinham de longe, e depois que o infante partiu as armadas ficou elle em uma d'ellas e mandou pôr os cães a achar, e postos não acharam nada, porque o porco se levantara emtanto e não estava n'aquelle logar; e durou isto tão grande espaço que o infante, enfadado de quebranto, não se poude soffrer que não dormisse.

O pagem seu que tinha os alãos, similhavelmente forçando-o o somno, teve-lhe companhia e adormeceu; e antes que adormecesse, porquanto não sentia vozes de monteiros, nem ladridos de cães no monte, cuidou de dormir de seu vagar, e atou as trellas dos alãos uma na perna e outra de re-

dor de si, pela cintura. N'este comenos, sobreveiu o grão porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d'alãos, exudrado pela gran calma que fazia; e veiu nascer pela bicada d'um monte, junto com a armada onde jazia o infante e seu pagem dormindo.

Ora deveis de saber que aquelle bom alão de *Bravor*, comprido d'ardimento e de bondades, segundo sua natureza, era assim acostumado que, sem trella, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavallo podesse andar, e porco nem urso, nem outra alimaria com que se encontrasse não havia de travar n'ella, a menos de lh'o mandarem fazer.

E quando o porco assim nasceu, o outro alão *Rabez* deu uma arrancada, e o *Bravor* teve-se que-do; e quando *Rabez* viu que se o porco sahia e que o não desatrellavam fez uma grande arrancada por um mesto matto, levando apoz si o pagem e o outro alão.

Ao som d'isto, accordou o infante, e, quando viu o moço e os alãos ir d'esta guisa, e o porco que se punha em salvo, houve tão gran sanha que maior ser não podia, e foi-se rijo com um cutello de caça fóra da bainha e cortou as trellas que iam atadas ao pagem. Os alãos, com as trellas cortadas, foram pilhar o porco em um espesso arvoredó, e chegando o infante a elle o porco se queria espedir dos alãos, que eram empeçados em umas curtas carvalheiras, e sahindo-se o porco, não querendo aguardar de justa, o infante o remessou; e então foi feita a mais formosa azcumada de seu braço que até ali fóra vista nem ouvida entre monteiros, porque as cutellas da azcuma entraram pelos polpões da coxa e cortaram os ossos e as juntas, e sahiram as cutellas

com todá a haste pelo conto da azcuma, da outra parte da calluga da espalda.

E muitas outras boas andanças, e d'ellas contrarias, lhe aquéceram em seus montes, que seriam longas de contar, de que não curamos fazer menção. E, assim como era grande monteiro, d'essa guisa era caçador de todas as maneiras d'aves, assim d'açores como falcões e gaviões, galgos de lebres e raposas e podengos de mostra; e elle mesmo trabalhava com elles a lhes tirar, em tanto que todos haviam por muito o trabalho e afan que em semelhantes feitos levava.





## CAPITULO C

*Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente.*

VIVENDO o infante d'esta guisa, ledo e a seu prazer, veiu a pôr sua vontade em uma dona que chamavam D. Maria, irmã da rainha D. Leonor. Esta D. Maria fôra mulher de Alvaro Dias de Souza, grão fidalgo de linhagem dos reis e bom cavalleiro e muito honrado; e, segundo alguns affirmam em suas historias, el-rei D. Pedro de Portugal havia afazimento com uma dona com a qual Alvaro Dias foi culpado que dormia, e, receando-se que a gran sanha que el rei D. Pedro por esta razão havia quizesse dar alguma deshonnada e perigosa execução, foi-se fóra do reino, e andando assim por tempo morreu de sua natural morte.

E ficou D. Maria viuva assás em boa idade de mancebia, formosa e aposta e muito graciosa, achegada de muitos fidalgos seus parentes e de quaesquer outros que bons fossem, honrando-os muito,

segundo cada um merecia, dando-lhes dê-s-ahi grande gasalhado. Era de gran casa de donas e donzellas e camarareiras e outra gente miuda, dê-s-ahi escudeiros e muitos officiaes, e gráda e prestador a todos. Havia coração e abastança para o fazer, porque o mestrado de Christo lhe fôra dado para D. Lopo Dias, seu filho, e as rendas eram postas em seu poder, afóra muitos herdamentos moveis e de raiz e muito bem-fazer da rainha sua irmã.

O infante, que a via a miude, femençando sua formosura e estado e assim graciosa, que a juizo de todos enhadia muito n'ella, começou de a amar de vontade, e, revolvendo-se a miude n'este pensamento, secretariamente lhe enviou descobrir seu amor; mas a cumprir seu desejo como elle queria lhe eram muitas cousas contrarias, porque a dona era muito sizuda e corda e discreta e bem guardada, e enviou-se-lhe defender com boas e mesuradas razões.

O infante, que sua vontade gastava por continuada imaginação de tal bemquerença, foi-lhe forçado de a seguir a miude, em tanto que ella, afficada d'elle, cuidou de lhe requerer cousa que em outra guisa não fôra ousada de lhe commetter, e enviou-lhe dizer por uma Margarida Lourenço, sua camareira do infante, que, pois elle dizia que a amava tanto, ella lhe enviaria um tal embaixador qual convinha ser meeiro entre elles, e que elle o cresse do que lhe da sua parte dissesse, e assim podia cumprir sua vontade, mas d'outra guisa não.

Então falou ella com um bom fidalgo que chamavam Alvaro Pereira, a quem o infante queria grande bem, e isso mesmo era mui chegado a D. Maria, e contando-lhe tudo o que lhe o infante

por vezes mandara dizer e tudo o que se até ali passara n'aquelle feito, dizendo que lhe dissesse da sua parte que, pois que a tanto amava de palavra, o pozesse assim em obra: que casasse com ella e a recebesse por mulher, e que leda era de fazer todo seu mandado; e a bem sabia elle que mais em razão estava de elle casar com ella que el-rei D. Fernando com sua irmã, e que, se outro modo com ella queria ter, alhur buscasse sua ventura; nem lhe falasse nenhum mais em tal historia, que lh'o não consentiria, nem lhe tornaria a ello resposta que boa fosse.

E, sem mais perlonga, dizem alguns que, ouvindo isto o infante, foram em grão segredo recebidos escusamente; mas um outro auctor, cujas razões não são d'enjeitar, enhade n'isto dizendo assim:

Que D. Maria, sendo bem sizuda, pela commum regra por que os homeus em similhantes feitos cahem, entendeu que escorregaria o infante D. João, e que encaminhar por aquella estrada por que el-rei D. Fernando encaminhara com sua irmã era muito azado e pequena maravilha; e guisou como uma noite a fosse vêr o infante escondidamente não levando comsigo mais d'um escudeiro, e, além d'ella ser assás de formosa e para cobiçar, ella corregeu si e sua camara assim nobremente para tal tempo que a nenhum homem seria ligeiro postar com seu sizo que se partisse d'ali cedo.

E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu ella e seus corrigimentos assim dispostos para o receber por hospede, que parecia que cada um corregimento o rogava que ficasse ali aquella noite, a qual cousa

enhadeu áquella hora dobrado azo em sua bemquerença e amor; e depois das primeiras razões como elle chegou, falou ella então e disse:

— «Senhor, eu me maravilho muito de vós mandardes-me commetter vossa bemquerença e amor do geito que mandastes, o qual devera ser para casar commigo e d'outra guisa não, que bem vêdes vós que eu sou irmã da rainha, de pae e de mãe, assim dos Tellos como dos Menezes, que veem do linhagem dos reis; dêsa-ahi, sabeis que fui casada com Alvaro Dias de Souza, que foi mui honrado cavalleiro e do linhagem dos reis, de quem tenho um filho, que é mestre de Christo, como vêdes que é um dos honrados senhores de Portugal.

«Pois, senhor, razão vos parecia a vós, uma dona tal como eu, quererdel-a vós deshonnar d'esta guisa, como se fosse uma mulher refece?! Em verdade, senhor, parece-me que sómente pelo divido que eu hei com a infante vossa sobrinha o não devêreis vós de commetter; e sabeí que eu sou de vós muito queixosa por isto, e portanto vos fiz aqui vir por vol-o dizer á minha vontade, ca me parece, se vol-o por outrem mandara dizer, que não fôra minha vontade desabafada, ca assás d'empacho houvereis vós d'haver, mandardes-me demandar, como se eu fosse uma dona de mui má fama?

E, razoando n'isto, mostrava queixume e que queria chorar, que ás mulheres é ligeiro de fazer, dizendo que se fosse muito em boa hora por onde viera, que pero lhe parecesse que estava só, acompanhava sija mais perto do que elle cuidava.

O infante, cercado de querer e vontade d'aquelle desejo que todo sizo e estado põem de parte, outorgava quanto ella dizia, escusando-se, porém,

que demandada por elle não era a ella nenhuma des-honra; e, querendo com ella entrar em razões outras mais chegadas a seu proposito, ella disse que mais palavras lhe não escutaria, mas que lhe pedia por mercê que se fosse a boa ventura. A mulher que o pozera dentro, acabadas estas razões, disse então ao infante:

— « Senhor, bem vos diz minha senhora, recebei-a vós, pois aqui estaes, ca vos não é prasmonehum, ca bem vêdes vós que el-rei vosso irmão tomou sua irmã por mulher, e a fez rainha, e tem d'ella filhos que entendem de herdar o reino. Pois quem vos ha de ter a mal casardes vós com ella, que está bem manceba e mulher de prol, e vem de tal linhagem, como todos sabem? Demais, que a rainha sua irmã vos fará tanto accrescentar em terras e estado por que podeis viver mui honradamente; e vosso pae, el-rei D. Pedro, d'esta guisa tomou D. Ignez, vossa mãe, e a recebeu a furto, e depois de sua morte jurou que era sua mulher, por vós ficardes lidimo e vosso irmão. Pois não vejo razão por que o deixeis de fazer, salvo por não haver vontade. »

O infante, preso por imaginação e posto mui firme sob juizo do amor, por congeitura das cousas que via, tinha em grão preço e desejava muito as que não appareciam, em tanto que o fogo da bemquerença, acceso em dobrada quantidade, lhe fazia assimillar aquelle pouco espaço que falavam uma mui prolongada noite. Então, querendo acabar o ázo que a vontade começara, concordaram seus apraziveis desejos, outhorgando elle que a recebia e havia por sua mulher; e foi assim de feito que a recebeu logo, presente Alvaro Dantes e outros de que

muito fiavam, os quaes se logo foram, e elle ficou ahi. E, satisfazendo um ao desejo do outro, elle se partiu ledo, sem ella ficar triste, muito cedo, ante-manhã, o mais afastado de fama que se fazer póde.





## CAPITULO CI

*Como a rainha falou com o conde D. João Affonso sua fazenda, e das razões que disse ao infante D. João.*

**A**NDOU esta cousa muito encoberta, e o uso amiude por tempo, porque á puridade passava de dois, foi forçado que nascesse voz e fama que o infante dormia com D. Maria, e que era sua mulher recebida, a qual se alargou tanto de uma pessoa em outra que o houve de saber el-rei e a rainha, e desprouve muito d'ello a ambos, especialmente á rainha, dizendo que antes a quizera vêr casada com um simples cavalleiro que com elle; e el-rei disse que, pois se elles contentavam ambos, não pezasse a ella, ca elle pouco lhe pesava.

E o azo porque á rainha desprazia d'isto muito era porquanto via sua irmã bemquista de todos, e o infante D. João amado dos povos e dos fidalgos, tanto como el-rei; e pensava de se poder azar de tal guisa que reinaria o infante D. João e sua irmã seria rainha, e ficaria ella fóra do senhorio e reina-

do, mórmente não sendo el-rei bem são, e mais geitoso para durar pouco que viver prolongadamente. Assim que por estas e outras razões, vendo seu estado azado para montar altamente, não poude carecer de peçonha da inveja, e começou de mostrar á irmã peior talante do que sohia, nem o infante não havia tal gasalhado d'el-rei como antes tinha em costume de lhe fazer; e não sómente a elles, mas ao mestre d'Aviz, seu irmão, não mostrava el-rei e a rainha bom semblante, pelo grande amor e afeição que lhes viam ter com o infante D. João.

E, durando assim por tempos, a rainha não perdia cuidado da fazenda do infante e de sua irmã, pensando todavia que por tal casamento se lhe poderia seguir desfazimento de sua honra e estado; e, para desviar isto de todo ponto, ázou de fazer entender ao infante que lhe prazeria de o vêr casado com a infante D. Beatriz, sua filha, e falou de todo seu cuidado com D. João Affonso Tello, seu irmão, que lhe era muito obdiente, por muitas mercês que d'ella recebia, que encaminhasse como o infante houvesse d'isto algum conhecimento.

O conde, induzido assim pela rainha, começou d'haver mór conversação com o infante do que sohia, e mostrar ser muito mais seu amigo do que antes era, e um dia, falando ambos em cousas de segredo, contou-lhe o conde como era certo da rainha que, desejando seu accrescentamento e honra, cobixava muito de o vêr casado com a infante D. Beatriz, sua filha, dizendo que, pois a Deus prazia de não haver filho que herdasse o reino depois da morte d'el-rei seu senhor, antes queria a infante sua filha vêr casada com elle que com o duque de Be-

naveante, que era castelhano; ca mais razão era herdarem o reino que fôra de seu pae e de seus avós os filhos seus e de sua filha a infante que não os de linhagem de el-rei D. Henrique, de que Portugal tanto mal e damno havia recebido. Mas que lhe pesava muito da torva que n'isto via, porquanto se rugia por algumas pessoas que D. Maria, sua irmã, era casada com elle, e que portanto se não poderia cumprir isto que ella muito desejava.

Ouvidas as doces palavras do conde, que largamente n'iste falou, dispostas a gerar damnoso fructo, logo o infante ligeiramente creu isto, que lhe foi mui aprazível, representando a seu entendimento todas as honras e grandes vantagens que se lhe de tal feito podiam seguir. Dês-ahi, como vêdes, que desejo de reinar é cousa que não receia de commetter obras contra razão e direito, não podia o infante pensar n'outra cousa, salvo como havia de casar com a infante e ser quite de D. Maria por morte.

E andando n'este cuidado, antes que o a outrem dissesse, falaram mais a rainha e o conde com Diogo Affonso de Figueiredo, vedor do infante, e com Garcia Affonso, commendador d'Elvas, que era então de seu conselho; e d'entre todos, não se sabe quem, se da parte do infante se da parte dos outros, foi levantada uma mui falsa mentira, que seu coração d'ella nunca pensára, dizendo que bem a poderia matar sem pasmo, porque era fama que dormia com outrem sendo sua mulher recebida. E por azo de taes conselhos já mais o infante não perdeu cuidado de casar com sua sobrinha, e descarzar-se de D. Maria por morte.

E se cumpriu aqui o exemplo que dizem: que quem seu cão quer matar, raiva lhe põem nome; ca, tanto que elles tal testemunho entre si levantaram, logo o infante determinou em sua vontade de cedo a privar da presente vida.





## CAPITULO CII

*Como o infante chegou a Alcanhões, onde el-rei estava, e do recado que D. Maria houve de sua ida d'elle.*

**P**ARTIU o infante com este proposito firmado de todo em seu coração, e foi-se caminho d'Alcanhões, onde el-rei e a rainha eram então com toda sua casa, e vieram-n'ò receber o conde de Barcellos e outros senhores e fidalgos que andavam na còrte, e foi aquelle dia convidado do conde ao jantar.

Em outro dia, o convidou D. Isabel, sua prima co-irmã, filha do conde D. Alvaro Peres de Castro, e teve-o bem viçoso ao jantar e pela sésta, em umas casas cêrca dos paços onde ella pousava, como moradora que era da rainha. A'quella sésta, veiu o conde de Barcellos mui brioso, ledó e namorado, segundo fama, d'esta D. Isabel de Castro, e foram ali juntos muitos da còrte e alguns estrangeiros, tanto por mirar a formosura d'ella como por acompanhar o infante.

N'aquelle dia, á tarde, depois que dançaram e houveram vinho e fructa, mandou o conde por uma côta muito louçã e um bulhão bem guarnido, a guisa de basalarte, e por uma faca mui formosa, que lhe trouxeram d'Inglaterra, e deu tudo ao infante. Dês-ahi, partiram para o paço com o infante muitos cavalleiros e escudeiros, e com D. Isabel muitas donas e donzellas, e assim chegaram ao paço onde el-rei e a rainhaestavam, de quem foram mui bem recebidos. A'quella hora foram apartados com a rainha o infante e o conde, todos tres falando de parte por mui longo espaço; dêsa-ahi, despediram-se d'ella e isso mesmo d'el-rei e dos da côrte, e dormiu o infante aquella noite com o conde, para partir no seguinte dia.

Como foi manhã, partiu o infante caminho de Thomar, e como quer que o mestre, filho de D. Maria, ahi não era, mandou requerer o infante que fosse sua mercê de ser seu convidado, e que logo se viria para elle. O infante, que pouco tinha em vontade de lhe prestar seu jantar, não quiz receber seu convite. O mestre, que já dias havia que tinha sentido d'algumas razões, que lhe fizeram saber da casa do infante, quando viu que não queria tomar seu convite, logo receou aquella ida, e mandou a gran pressa fazer saber á mãe como o infante passara por Thomar, e o requerera de convite e não quizera ser seu convidado, e que porém se avisasse sobre ello.

D. Maria havia já antes d'isto recebidas novas d'alguns de casa d'el-rei, assim parentes como creados, uns d'ouvida outros de presumpção, do trasfego que se começava d'ordenar entre ella e o infante, apercebendo a que se avisasse; e, sendo tor-

vada por taes razões, então o foi muito mais quando viu o recado do filho. Porém não perdeu bom esforço, como dona d'alta linhagem e de gran cordura e sizo, e deu em resposta, a isto que ouvia, que todas as cousas eram em poder de Deus, e que aquillo que a Elle prouvesse e fosse sua mercê isso seria e mais não, e, quanto montava aos feitos d'este mundo, que ella havia tão gran fiança na mercê do infante seu senhor que não consentiria em nenhuma guisa sua deshonna nem desfazimento. E com este proposito se deixou estar, sem fazer nenhuma mudança.





### CAPITULO CIII

*Como o infante chegou a Coimbra, por matar D. Maria, e das razões que houve com ella antes que a matasse.*

AQUELLE dia que o infante de Thomar fez partida foi dormir a um lugar que chamam o Espinhal, e como foi meia noite cavalgou com os seus para Foz d'Arouce, dêz-ahi a Almala-guez, comarca de Coimbra, e chegou aos olivae da cidade e desceu ao Mondego, áquem do mosteiro de Sant'Anna, que é junto com a gran ponte. E n'aquelle logar chamou o infante todos aquelles que achou comsigo, e fel-os estar quedos, e apartou-se d'elles, a falar com Diogo Affonso e Garcia Affonso do Sobrado; e acabado de fallar com estes fez chegar os outros a si e começou de lhes dizer:

— «Vós todos, assim como estaes juntos, sois meus vassallos e creados e isso mesmo de meu pae, e hei de vós gran fiança, porque descendeis de boa criação e linhagens, e não devo de fazer cousa que vos não faça primeiro saber, e ainda

que até hora vos encobrisse algumas cousas de minha fazenda não me deveis pôr culpa, porque conveio de se fazer assim, E hora vos faço saber que a mim é dito que D. Maria, irmã da rainha, não cessa de publicar e dizer que é minha mulher e eu seu marido, e que tem escripturas e fidalgos por testemunhas d'ello, e esta cousa ou é assim ou não; e, posto que assim fosse, cumpria ser guardado em grão segredo, por sua honra e minha. E ora que por parte sua se levantou e descobriu cousa de que se a mim recrescia grão perigo e cajão, e a ella outro-sim, eu vou aonde ella está, a falar e fazer com ella o que cumpre a minha honra e estado.»

A isto, cada um e todos responderam que eram prestes e aparelhados, não só para aquillo, que era nada, mas para mais alta cousa que lhe avir podesse; e elle lh'o agradeceu muito.

Então, começaram d'andar, e passada a ponte, chegando á Couraça, chamou o infante um dos seus e disse:

— «Vós sabeis esta cidade e as entradas e saídas d'ella melhor que outro que aqui vá, porque estivestes já aqui no estudo. D. Maria pousa nas casas d'Alvaro Fernandes de Carvalho; encaminhae por tal logar por onde possamos ir a ellas mais depressa e fóra de praça que ser puder.»

E elle respondeu que assim o faria, e então os levou á igreja de S. Bartholomeu, d'onde nasce uma estreita rua que directamente vae sahir ás portas d'aquellas casas; e elles ali, esteve a guia queda, e disse contra o infante:

— «Estas são as casas que vós demandaes.»

N'isto, a alva começava d'esclarecer e trigava-se a manhã para vir.

Ora assim aveiu, como suas tristes fadas mandaram, que o infante, com os seus á porta, e uma mulher que havia de lavar roupa destrancou as portas e abriu-as de todo. E assim como foram abertas logo os do infante subiram acima, a uma sala onde jaziam algumas mulheres dormindo, e assi a entrada da sala, ande se fazia um vergel de laranjeiras e outras arvores, apartaram o infante Diogo Affonso e Garcia Affonso, e falando com elle o detiveram por espaço; e desde que falaram vieram-se para onde estavam os outros todos, e o infante perguntou por D. Maria, a qual jazia em sua camara cerrada, segundo lhe mostraram as que dormiam de fóra, e em outra camara detraz d'aquella jazia uma ama e camareiras, com um seu filho. O infante perguntou então se havia áquellas torres alguma outra entrada, e foi-lhe respondido que não, e as portas eram muito fortes e bem trancadas; e o infante mandou logo que quem mais pudesse quebrar mais quebrasse, e cada um se trabalhou, com paus e pedras, de guisa que depressa foram quebradas.

Ella, accordando subitamente, quando se viu entrar por aquella maneira, alçou-se do leito tão espantada e temerosa que ádur se podia ter em si, e quando se levantou nenhum vestido nem manto teve accordo nem tempo para deitar sobre si, nem quem lh'o dêsse, porque as que eram dentro com ella, de sob o leito, se não podiam compor de medo e terror; e, sendo a ella cuidado de cobrir as vergonhosas partes, não teve outro accorrimto senão uma branca colcha, em que envolveu todo seu corpo, e acostou-se assim a uma parede, cêrca do leito. E logo, assim como entrou o infante, ella o

conheceu no rosto e fala, e quando o viu cobrou já quanto d'esforço e ousança, e disse:

— «O' senhor, que vinda é esta tão desacostumada?!»

— «Boa dona, disse elle, agora o sabereis. Vós andastes dizendo que eu era vosso marido e vós minha mulher, e enxemprastes o reino todo, até que o soube el-rei e a rainha e toda sua côrte, que era azo de me mandarem matar ou pôr em prisão por sempre; e vós devêreis d'encobrir tal razão contra todos os do mundo, e, se vós minha mulher sois, portanto mercieis vós melhor a morte, por me pordes as cornas, dormindo com outrem.»

E dizendo isto lançou mão n'ella. D. Maria, vendo taes razões, respondeu ao infante e disse:

— «Oh! Senhor! Eu entendo bem que vós vindes mal aconselhado, e perdôe Deus a quem vos tal conselho deu, e se prouver á vossa mercê de vos apartardes commigo um pouco n'esta camara, ou se façam estes afóra, eu vos entendo de mostrar mais proveitoso conselho do que vos deram contra mim; e por mercê vós ouvi-me, e tempo tendes para fazer o que vos prouver.»

E elle não lhe quiz ouvir suas razões, nem lhe dar espaço para se escusar do erro que não fizera, mas disse:

— «Não vim eu aqui para estar comvosco em palavras.»

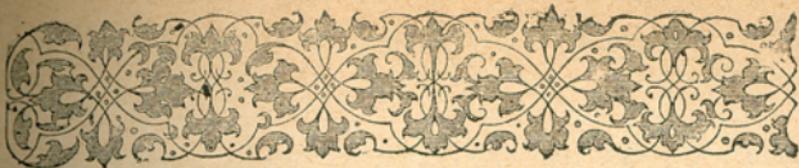
Então deu uma gran tirada pela ponta da colcha e derribou-a em terra, e parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista dos que eram presentes, em tanto que os mais d'elles em que mesura e boa vergonha havia se alongaram de tal vista, que lhes era dorosa de vêr, e não se podiam ter de lagrimas e soluços, como se fosse mãe de cada

um d'elles. E, n'aquelle derribar que o infante fez, lhe deu com o bulhão que lhe dera seu irmão d'ella, por entre o hombro e os peitos, cerca do coração; e ella deu umas altas vozes mui doridas, dizendo: Mãe de Deus, accorre-me e havei mercê d'esta minha alma.» E tirando o bulhão d'ella lhe deu outra ferida pelas verilhas, e ella levantou outra voz e disse: «Jesus, filho da Virgem, accorre-me;» e esta foi sua postumeira palavra, dando o espirito e bofando muijo sangue d'ella.

O piedade do mui alto Deus, se então fôra tua mercê de embotares aquelle cruel cutello, não damnara o seu alvo corpo, innocente de tão torpe culpa!

Foi a casa logo cheia de brados e choros d'homens e de mulheres, depennando-se sobre ella, fazendo grande e dorido pranto; o som dos gritos era ouvido por toda a cidade, e foi gran turbação em muitos, que não sabiam que cousa era. Ao grande arruido e volta, veiu Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que era seu parente d'ella, e quando achou tal obra feita, e os seus faziam por ella tal dó, e com tão doridas palavras, que o povo que de redor estava olhando, não podiam reter suas lagrimas.

O infante como acabou aquillo porque viera, calvou com os seus e tomou pela ponte, e não quedou d'andar, sem fazer detença, até que chegou a S. Paio, que são d'alli algumas leguas. E pela jornada, que era grande, e fraqueza das bestas, não chegaram com elle mais de seis, e alli os esperou todos, até que foram depois juntos. E d'aquelle logar partiram caminho da Beira, baratando cada um armas o melhor que podia, e não perdiam o uso d'ellas em monte e em caça; e assim duraram por espaço de tempo, por onde quer que andavam.



## CAPITULO CIV

*Como o infante 'D. João foi perdoado, e como veiu  
vêr el-rei e a rainha.*

**F**or esta cousa sabida pelo reino, e pesou a muitos d'esta morte, mórmente quando souberam que fôra d'aquella guisa, sem sua culpa d'ella; e a rainha, quando o ouviu, mostrou que lhe pesava muito, pondo por ella dó, porém, dizia a el-rei que não curasse d'aquillo, nem tomasse por ello nojo, ca cousas eram que aconteciam pelo mundo.

E depois que esta cousa foi arrefecendo, andando o infante na Beira e por Riba de Côa, cêrca dos extremos, fez saber a el-rei e á rainha que lhe não cumpria viver em sua terra sem sua graça e contra seu talante; e se sua mercê fosse de lhe perdoar a elle e aos seus, se não que se trabalharia de ir buscar cobro a outro reino, onde vivesse sem temor de nenhum.

N'isto, não quedavam embaixadores em idas e vindas: ora lhe traziam novas de ledice, ora con-

tavam outras de tristezas, dizendo que o mestre de Christo e o conde D. João Affonso e D. Gonçalo e o conde de Vianna, todos primos, se juntavam para o ir buscar, elle e os seus. Assim que de todas partes se temiam, salvo do conde D. Alvaro Peres, seu tio do infante, que tratava com o conde velho como o infante fosse perdoado; e por elles e pelo prior do Hospital, D. Fr. Alvaro Gonçalves, e por Ayres Gomes da Silva, a quem el-rei queria grão bem, dêa-ahi pela rainha, cuja voz valia mais que todos, foi o infante perdoado e todos os que eram com elle.

E vistas as cartas de perdão, que lhe el-rei e a rainha sobre isto mandaram, partiu o infante, seguro, para vir á côrte, e chegou a Santarem com cento e cincoenta de cavallo, e d'ali mandou dizer a el-rei, que era em Salvaterra de Magos, que são espaço de quatro leguas, se o iria vêr assim como ia de caminho ou com certas pessoas e mais não; e el-rei lhe enviou dizer que viesse muito em boa hora com quantos trazia e mais, se mais quizesse trazer.

Então chegou o infante, e foi elle e os seus todos bem recebidos d'el-rei e da rainha e dos condes seus irmãos, que estavam ahi e o acompanharam e o foram receber até junto de Santarem, quando veiu. O infante esteve ahi com el-rei uns dias, andando ao monte e á caça com elle, e ás vezes com os seus; e d'ali os mandou cada um para sua terra, e ficou elle com os que lhe prouve, andando grão privado d'el-rei e da rainha, muito á sua vontade. E mandou-lhe el-rei pagar as contias trespasadas e as presentes, e muitos dinheiros de graça.

E, vendo elle a boa maneira que el-rei e a rainha

tinham com elle, teve mentes de lhe ser feito aquillo que o conde com elle falára, em razão do casamento de sua sobrinha, esperando cada dia de se pôr em obra.

E a rainha havia d'isto mui pouca vontade, não embargando que a irmã fosse já morta, porque a ella era grande empacho viver o infante em Portugal, vendo el-rei cada dia mais adorado; e temia-se que, fallecendo por morte, fosse o infante logo levantado por rei e tomar tal mulher que seria rainha, e ella desfeita de sua honra e estado. E, por esquivar de todo ponto este azo, havia desejo de ter sua filha casada em Castella, da guisa que o era, ou melhor, se ser podesse, por ficar ella regedora se el-rei D. Fernando morresse, como nos tratos do duque de Benavente era conteúdo; e que assim livremente se assenhoriaria do reino, e que o infante não buscaria cobro senão em Castella, onde lhe ella depois ázaria prisão ou morte, por que ficasse segura.

Ora n'este tempo são alguns que escrevem, não sómente razões de que nenhuma cousa nos ajudar podemos, mas ainda seus ditos nos desprazem muito, e de todo em todo são para enjeitar: dizendo que o infante foi esposado com a infante D. Beatriz, como lhe fôra promettido; e uns contam que foi em Vallada, sendo el-rei doente; outros dizem que foi em Portalegre, em muito grande segredo;—escrevendo isto por largos falamentos, que resumir não curamos, E, posto que umas palavras sejam contra as outras e todas em summa contradigam á verdade, nós porém crêmos que suas erradas razões não foi por malicia dos auctores, mas por ignorancia da verdade, a qual sabeí que foi d'esta guisa.



## CAPITULO CV

*Como se o infante partiu nojoso da côrte, e se foi para entre Douro e Minho.*

**E**L-REI partiu d'aquelle logar onde estava e foi-se para terra do Alemtejo; e, antes que d'ahi partisse e depois, o infante falava em feito de seu casamento com a rainha e com aquelles com quem tinha razão de o falar. E ella, como quem não havia vontade, dê-sahi os outros, segundo sabiam seu desejo, faziam entender ao infante que isto se não podia fazer tão depressa como elle queria, porquanto cumpria ser a infante primeiro des-casada do duque de Benavente, com quem o era com tão grandes firmezas, como elle bem sabia; e que depois d'isto era necessario haver dispensação para seu casamento ser firme e feito como devia, e que isto se não podia fazer logo assim de presente, mas por ordenança e tempo, como convinha a tal feito.

E com estas e outras razões foram-lhe pondo o

feito pela armada, untando-lhe os beiços com doces palavras de boa esperança, de guisa que elle entendeu em seus geitos e falas que isto era cousa para nunca vir a fim ou tarde; e, anojado com taes razões de detença, partiu-se da côrte, d'um logar que chamam Vimeiro, e levou caminho do Porto e foi-se para Entre Douro e Minho, e ali andou por tempo, dêz-ahi foi-se á Beira. E andando por esta guisa conheceu bem que era escarnido, e começou d'entristecer e andar muito nojoso, em tanto que, assim como elle na morte de D. Maria se partiu aprazível, vingador da culpa não commettida, assim depois se apartava a chorar a miude, fazendo pranto por sua morte, reprehendendo-se muito do mal que fizera.

Assim que elle vivia nojosa vida, e os seus isso mesmo passaram mui mal, ca d'el-rei lhe vinham poucos e maus desembargos de suas tenças e moradias, de guisa que empenharam as armas e os vestidos, e já não tinham que empenhar senão alãos e sabujos; e com esta pobreza se passou o infante a Riba de Côa, e ali faziam sua gostada vida.

N'isto chegaram-lhe novas que o conde D. Gonçalo e o mestre de Christo iam sobre elle, para vingar a morte da irmã e da mãe, e el-rei e a rainha logo cêrca, e o conde de Barcellos com elles; e era assim de feito que elles iam contra aquella comarca com esta voz, e a tenção era mais pelo desterrar que pelo matar; e, assim como se elles iam chegando, assim se arredava o infante com os seus, até que o pozeram em um logar que dizem Villar Maior. N'aquelle castello assocegou o infante, crendo que d'ahi em diante o não seguissem mais, e os seus partiram-se para umas aldeias que são de parte

de Castella, e elle ficou com Garcia Affonso e Diogo Affonso; e á meia noite chegaram-lhe inculcas e guias, que as traziam, que lhe disseram que os condes e mestre seriam antes da alva com elle, a prendel-o ou matal-o, com grão poder que traziam.

O infante, quando se assim viu aficado e só, demandou conselho áquelles com que se achou, e elles aconselharam-n'o a que se partisse; e assim desacompanhado se partiu de noite e foi amanhecer em San Felizes dos Gallegos, senhorio de Castella, que são d'ali oito leguas, sem levar mais em sua companhia que Garcia Affonso e Diogo Affonso, e quatro moços que iam de besta. E assim sem mais gente chegou a casa da infante D. Beatriz, sua irmã, mulher do conde D. Sancho, áquelle logar de San Felizes, onde foi bem recebido e feito grande acorrimento.





## CAPITULO CVI

*Como se o infante partiu com temor para Castella,  
e do que se seguiu em sua ida.*

**O**s desaventurados dos vasallos do infante, que se espalharam pelas aldeias de redor d'aquelle logar onde elle ficara, por serem melhor aposentados, quando veiu na alva da manhã começaram de guisar suas fracas fazendas, por encaminhar para onde deixaram o infante; e, elles indo pelo caminho, acharam um Fernão Gallego, seu manteiro, que lhes disse como o infante era partido e de que guisa, o qual lhes mandava dizer que, se o amavam, o não fossem mais buscar, mas que se tornassem todos, cada um para onde melhor entendesse, e isto por espaço d'um pouco de tempo, ca não tardaria muito que cedo d'elle não soubessem novas, e que então, quem lhe bom desejo tivesse, o seguisse onde quer que elle fosse.

Esta mensagem foi ouvida com grande dôr e lastima, e a resposta dada com taes razões e pranto

que não havia homem que os ouvisse que d'elles não houvesse piedade. Os brados e chóros eram muitos, depennando-se, e dando grandes punhadas no rosto, e fazendo suas faces taes que todas eram tornadas em sangue. Durou isto por grande espaço, como quem não tinha que os estorvasse, e cansaço e mingua de fala os fez cessar de suas dóridas vozes.

Duas grandes pressas os moviam a fazer isto: a primeira, saudade e bemquerença que haviam de seu senhor, por lhes ser grádo e liberal e muito aprazível companheiro, a outra, quando elle fugia com tal receio de ser preso ou morto, que é de cuidar que fariam elles, ou que esperança teriam de sua vida. Então se confortaram uns com outros, e foram todos arramados cada um a sua parte, como a frota das naves no mar, quando é perseguida de grande tormenta.

O infante esteve com sua irmã, por tempo, n'aquelle logar de San Felizes, até que por seu bom azo e encaminhamento houve recado e segurança d'el-rei de Castella que lhe prazia de o filhar em sua guarda e mercê, e foi-se para elle, de quem foi bem recebido e dos senhores da côrte; e poz-lhe el-rei grande poymento de dinheiros, e deu-lhe terras e fortalezas, e encaminhou-lhe sua vida assás honradamente.

Então, mandou o infante a Portugal requerer os seus que se fossem para elle, e d'elles o fizeram como viram seu recado; outros não curaram d'ello, tendo já acceitado outros modos de viver.



## CAPITULO CVII

*Como morreu o papa Gregorio e foi elegido em seu logu D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto.*

**P**ois que já contámos o azo da ida do infante D. João para Castella, ora convém que tratemos do feito da schisma que se n'este tempo levantou na Egreja, não sómente por necessidade da historia, que nos constringe falar d'ello, segundo adeante podereis vêr, mas por não mostrarmos mingua em nossa obra, pois que os famosos historiadores, em suas chronicas, fazem d'ella menção. Assim que nós, em breve arrazoado, mais claro porém que elles, vos contaremos por ordem seu começo e fim, qual foi e quanto tempo depois durou; onde sabeis que seu feio nascimento, muito d'aborrecer, houve principio n'este modo.

Sendo Gregorio papa undécimo, e estando em Avinhão com sua côrte, veiu por certo recontamento a suas orelhas que algumas cidades e castellos de Italia, sujeitos a elle no temporal e espirital, lhe

rebellavam de todo, de guisa que a seu mandado nem de seus mensageiros queriam obedecer, e a causa d'esta rebellação, segundo diziam, era porque o papa e todos os seus cardeaes, que pela maior parte eram francezes, lhes impunham taes encargos e sujeições que os não podiam mais supportar. Pela qual razão, o dito senhor papa, aos quatorze dias do mez de setembro da era de mil quatrocentos e quinze, partiu d'aquella cidade d'Avinhão e foi-se a Marselha, com seus cardeaes, e d'ahi embarcou em galés de Genova e foi-se a Roma, para subjugar aquelles que lhe assim rebellavam; e no mez de março, aos vinte e sete dias, da era seguinte de mil quatrocentos e dezeseis, morreu este papa Gregorio em Roma.

Elle morto, ficaram em Roma dezeseis cardeaes, a saber, doze ultramontanos e os outros italicos, aos quaes pertencia o direito de eleger; e juntaram-se estes cardeaes em alguns logares, falando apartadamente, e ás vezes juntos, qual d'elles succederia em seu logo, e não concordavam em eleger pessoa ultramontana, a saber, de França ou d'Inglaterra ou das Hespanhas.

E faziam os ultramontanos de si duas partes. Uma era dos cardeaes de Lemonicense, que é em França, a saber, o bispo Prenestino e o cardeal de Agrifollio e outros; estes queriam haver por papa o cardeal de Pictavia ou sequer o cardeal de Biveiro, que é em França, que era da sua parte d'elles. A outra parte era dos francezes, da qual era o cardeal de Genebra e o cardeal Pero de Luna e o senhor dos Ursins e outros. E alguns italicos estavam em si mesmos, sem ter a uma parte nem á outra.

Os francezes contendiam de haver por papa o

cardeal de Santo Estacio, o qual disse uma vez ao maior senhor de Lemonicense: «Eu vos digo que declarado é d'esta vez que não haja ahi papa da vossa terra de Lemonicia, porque dizem que todo o mundo se aggrava de seu senhorio.» E d'ahi em diante foi sua discordia mais declarada, para tratar sua parte pelos italicos, e cresceram entre elles muitas palavras, por azo da qual divisão se offereceu aos italicos, dizendo que antes queriam papa italico que da nação de Lemonicia.

E, sabendo isto, os de Lemonicia logo cataram um caminho de enganar os francezes, vendo que suas vozes eram tão poucas que não podiam eleger papa francez; e concordaram entre si de eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e isto por entenderem que a outra parte seria em seu favor. E este segredo que os cardeaes entre si traziam de eleger não foi porém tanto guardado que o cardeal de Grifollio, antes por dias que entrassem ao conclave, não dissesse um dia a este D. Bartholomeu que cedo poria sobre seus hombros um mui grande cargo; e isso mesmo disseram em grão segredo os cardeaes procuradores da rainha de Apulia a D. Tomé, seu procurador, que então era em côrte, como queriam eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e elle assim o escreveu á rainha sua senhora, antes da entrada do conclave.

Sendo já andados oito dias d'abril, entraram os cardeaes pela manhã, segundo fórma de direito, no conclave, para elegerem, como é seu costume, e o cardeal de Agrifollio e o de Pictavia inquiriram depois da entrada as intenções e desejos do cardeal de S. Pedro e d'outros, e acharam que seu desejo e intenção era de eleger o arcebispo do Bairre; e

contando as vozes que eram por sua parte acharam que havia ahí que abundasse para o confirmar em papa.

N'isto, o povo romano começaram de se alvoraçar, d'elles armados e outros sem armas, como algumas vezes sóem de fazer, e foram-se ao paço onde estavam os cardeaes, bradando com grande arruido que lhes dessem papa romano ou ao menos italico.

Então o cardeal de Sabina disse aos outros cardeaes:

— «Senhores, sejamos logo, que creio, com a ajuda e graça de Deus, concordaremos cedo e elegeremos papa.»

— «Não assim, disse o cardeal de Ursins, mas espacemos esta eleição e enganemos estes romanos, que pedem papa natural de Roma, e finjamos que já elegemos um frade de S. Francisco, que vos eu nomearei, e vistamos-lhe a capa e a mitra, depois, quando quizermos, faremos a eleição.»

O cardeal de Prenestina e outros disseram que este não era bom conselho, porque por tal caminho traziam o povo christão a seguir em idolatria.

— «Mas venhamos á eleição, disse elle, emquanto nos ninguem não torva, e não curemos do clamor do povo, do qual por ora não devemos de curar.»

Passado isto, começaram de tratar da eleição, e disseram que falasse logo o cardeal de Florença, que por direito tinha a primeira voz, e sua intenção foi de guiar os cardeaes a eleger o cardeal de S. Pedro, e lhe deu então sua voz; os outros disseram que aquelle cardeal era desázado e não apto para os trabalhos do papado, por muitas razões, e não falaram mais n'elle. Isto dito, guiaram todos

os d'aquella parte suas vozes em D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e outros alguns d'Italia, e acharam que concordaram com elle mais que as duas partes das vozes.

N'isto, crescendo o arruido e volta das gentes cada vez mais, cuidando os cardeaes que vinham para os constranger que fizessem papa contra sua vontade, apartaram-se na capella do conclave, e disseram que fingissem que era eleito o cardeal de S. Pedro, e lhe fizessem reverencia e obediencia como a eleito; mas muitos d'elles não consentiram n'isto, entre os quaes foi o cardeal Pero de Luna, que disse que antes queria morrer que fazer reverencia a não verdadeiro papa, dizendo:

— « Não farei bezerro que adore o povo, nem abaixarei os joelhos ante o idolo Baal; um deve ser verdadeiro papa, e não dois. »

Pero comtudo isto disseram os cardeaes ao povo que o cardeal de S. Pedro era eleito, mas não queria consentir na eleição; então os romanos foram trigosamente a elle e tomaram-n'o, para o assentar na séda, e, pero elle dizia e bradava: « Deixae-me, que não sou papa, ca o arcebispo de Bairre haveis por papa », com aquelle alvoroço em que andavam não curaram d'isso, mas assentaram-n'o sobre a séda como papa, não lhe fazendo porém reverencia nem mais outra cousa; então se partiram d'ali aquellas gentes, e ficaram os cardeaes no conclave.

Celebrada esta eleição do arcebispo de Bairre, tiveram os cardeaes conselho se era bem de a publicarem, e concluíram que não, porquanto não cuidavam de satisfazer ao povo por tal eleição do dito arcebispo; e, não a publicando por signal nem por feito, enviaram por elle, e mandaram-lhe dizer

que viesse com outros prelados e fingisse que os mandava chamar para haver com elles conselho. Veiu elle com outros, e estando assim, era já hora de comer, e disseram os cardeaes que comessem, e comeram os cardeaes a uma parte e os prelados a outra; e depois que comeram tornaram-se outra vez, á eleição, e propozeram alguns, dizendo:

— «Senhores, bem sabeis como hoje pela manhã elegemos o arcebispo de Bairre, e porque alguns duvidavam na eleição, por razão do arruido dos romanos, agora não póde nenhum allegar clamor nem torvação, porque todas as cousas pelo presente são em paz, porém vejamos o que quereis fazer.»

Então, mais que as duas partes outra vez elegeram o dito arcebispo de Bairre, dizendo que aquelle fosse verdadeiro papa.

Depois d'aquelle fingimento e encoberta que fizeram, partiram-se quatro cardeaes da cidade, para alguns logares de que confiavam, e seis d'elles entraram no castello de Sant'Angelo, porque era forte, e outros seis ficaram em suas casas, os quaes, passada uma semana depois da eleição, chegaram ao paço onde estava o papa assim como escondido; e os officiaes da cidade informaram o povo que o cardeal de S. Pedro não era eleito, por não ser tal que supportasse os encargos do papado, mas que o era o arcebispo de Bairre, homem de boa vida, lettrado em theologia, e discreto e mui prudente nos feitos da côrte, e bem azádo para ser papa, como outro ahi não havia. E assim pacificaram o povo.

E, sabendo isto os seis cardeaes que estavam no castello de Sant'Angelo, vieram-se para o papa, e assim todos doze vieram á capella do paço e o cha-

maram papa, e assim como verdadeiramente eleito o receberam entre si e lhe mostraram a eleição, demandando-lhe que consentisse n'ella; e, elle recebendo a eleição, pozeram o dito arcebispo na cadeira, chamando-lhe Urbano Sexto, e assim o publicaram ao povo, fazendo-lhe gran solemnidade em sua coroação.





## CAPITULO CVIII

*Como se alguns cardeaes partiram do papa Urbano e elegeram outro, que chamaram Clemente Septimo.*

**E**STANDO o papa Urbano em Roma, de socego com seus cardeaes, escreveu aos reis e principes christãos, e enviou seus embaixadores a alguns, fazendo-lhes saber como depois da morte do papa Gregorio elle fôra elegido por pastor da Igreja e que lh'o notificava, como era de razão. E mais lhes fazia saber que sua vontade era tratar, quanto podesse, para pôr paz em todos os reis christãos, ainda que por seu corpo cumprisse e fosse necessario trabalhar n'ello; e que seu desejo era mais ordenar que elle e os cardeaes seguissem boa e honesta vida, n'aquella maneira que os direitos mandam e que elles eram teudos de fazer; outrossim, que todos os reis e rainhas christãos e seus primogenitos filhos fossem cada um anno vestidos de sua libré, que era côm vermelha; e logo, por começo d'isto, enviou a alguns certas peças d'escarlata,

para cada um sua, dizendo em suas cartas que isto lhes não enviava por tal cousa ser grande dom, mas por signal de grande amor, e que seu talante era de dar as dignidades e beneficios aos naturaes de cada um reino, e não aos estrangeiros.

E pero estas cousas fossem boas e honestas que o papa Urbano ordenava, tiveram-lhe porém grão damno, porque as tão cedo começou de publicar e pôr em obra, ca elle começou de ser contra os cardeaes e aspero, reprehendendo-os algumas vezes que vivessem pobres e honestos, como teudos eram; e elles receiando, segundo affirma a commum fama, que o papa ao deante mais riço procedesse contra elles do que então começava, passados quatro mezes e mais que com elle estavam, deixaram-n'o treze cardeaes, cujos nomes e dignidades não curamos de dizer, e foram-se para um logar que chamam Anavia, do condado de Fundis, e d'ali lhe escreveram uma carta, cuja conclusão era esta:

«Que elles em Roma, por morte do papa Gregorio, entrando no conclave para eleger, viera sobre elles o povo armado, dizendo que elegessem papa romano ou italico, senão que por suas mãos haveriam morte; e que elles, por seu afficamento e contra sua vontade, por escapar á sanha de tanta multidão, de praça o elegeram, cuidando, segundo presumiam de sua vida e consciencia, que elle não accitaria tal honra e dignidade, posto que elegido fosse, e que, cessando o arruido, não accitado por elle a alteza de tal estado, então elegeriam quem lhes provesse. Mas que ora em cima de seus dias, posto atraz seu desprezamento do mundo que antes mostrara, accitara a eleição que lhe fôra feita, sendo coroado e solemnisado por papa como não de-

via, querendo seguir a vangloria do mundo, sem curar da saude de sua alma nem do povo christão; e que porém o admoestavam que deixasse a honra e dignidade que occupava como não devia, e haveriam com elle misericordia, d'outra guisa procederiam contra elle, não havendo d'elle depois piedade posto que requeresse perdão.»

O papa, quando viu sua fugida d'elles e a carta que lhe mandavam, fel-os citar por suas lettras, e nenhum não foi perante elle, pela qual razão os excommungou da maior excommunhão, e os privou dos cardealados, e fez outros cardeaes de novo, dando-os por schismaticos e membros talhados da Igreja; outhorgando a todos aquelles que lhes fizessem guerra aquelles privilegios e perdoanças que o direito outhorga a todos os que vão contra os inimigos da fé, em ajuda de tomar a Casa Santa.

Os cardeaes, outro sim, privaram elle d'algun direito, se o no papado tinha, e elegeram logo por papa D. Roberte, cardeal de Genebra, parente d'el-rei de França, e chamaram-n'o Clemente Septimo; pela qual cousa, schisma e gran divisão foi gerada na Igreja de Deus, por cujo azo muitas mortes e batalhas, guerras e grandes discordias foram depois geradas entre os christãos, de que nenhuns dos sobreditos pouco cuidado tiveram.

N'isto, os cardeaes, com aquelle papa que elegido tinham, não sendo seguros do poder dos romanos n'aquelle logar de Anania, onde eram, partiram-se para a cidade de Napoles, havendo primeiro salvo-conducto de D. Joanna, rainha então d'aquella provincia; na qual, estando por pouco tempo, Pero Bernaldez, corsario de Aragão, chegou ahi com

galés armadas, e foi-lhe dada certa quantia, que os trouxesse á cidade d'Avinhão, aonde foram trazidos, sem torva de nenhum, e estiveram depois por tempo.





## CAPITULO CIX

*Escusação d'estes cardeaes porque elegeram papa,  
e resposta a duas razões mais fortes das suas.*

**D**E tal divisão e sofisma como esta foram mui espantados quantos o ouviram, e, falando n'ello, não sem razão diziam:

«Qual é o christão que haja fé, posto que seja pequena, que se não espante de tal feito como este? Homens tão lettrados e assim discretos perverterem seu bom juizo, de guisa que levantaram tal error na Igreja de Deus, partiram-se dos outros cardeaes seus irmãos e por seu só sizo fizeram outra eleição, creando outro papa além do primeiro, mostrando-se sem culpa por duas razões de fraco fundamento: a uma, dizendo que, por escapar de morte, elegeram em papa este D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre; a outra, cuidando que elle era de tal condição e assim devoto que, mais pensando na morte que ser papa, não acceitaria tal eleição, quando lhe notificada fosse!»

Mas nenhum homem de são conselho era contento de taes escusas, dizendo que se elles, com medo e por escapar de morte, elegeram papa, como diziam, elegeram-n'o depressa e á vontade dos romanos, natural de Roma ou italico, como lhes por elles era pedido; mas elegeram por processo de grande espaço uma vez e depois outra, inquirindo da melhor pessoa e mais certa nos negocios da côrte, e acharam que este D. Bartholomeu era então conhecido por mais proveitoso para a Egreja de Deus que outro nenhum de todos elles.

De mais, que directamente medo não é, salvo quando é feito por tal guisa que se não pôde encobrir por nenhuma razão, assim como se elles foram tomados pelas capas forçosamente, e com prema e por grão medo os trouxessem a tal cuidação que, não fazendo o que lhes requeriam, não havia n'elles al senão morte; e isto foi muito pelo contrario, ca a elles nunca lhes disseram nem mandaram dizer palavra d'ameaça nem medrosa, antes, fazendo-lhes reverencia, entraram no conclave, dizendo lhes que entendiam por prol da Egreja ser por aquella vez feito papa romano ou italico, e que, porquanto lhes disseram que elles queriam fugir da cidade e ir eleger a outra parte, portanto se juntara assim aquelle povo e entraram d'aquella guisa, para lhes dizer que de todo em todo elegessem, e não partissem d'ali até que lhes dessem papa.

E, se por medo fôra elegido, quem os forçou depois a se virem n'outro dia para elle, e lhe vestirem vestiduras de papa, fazendo-lhe reverencia e mostrando-lhe obediencia qual deviam a seu prelado, e escrevendo suas cartas ao imperador e reis e prin-

cipes christãos, como este D. Bartholomeu haviam elegido e creado canonicamente em papa, por verdadeiro pastor da Egreja?

E, se o por medo elegeram e não haviam por verdadeiro papa, quem os constrangeu a ganhar d'elle graças e beneficios, para si e para seus servidores e amigos, e lhe apresentarem rotulos e supplicações, impetrando d'elle graças na forma que se costuma demandar, chamando-lhe n'ellas «santissimo e mui alto pastor da Egreja», offerecendo-lhas com aquella ordenada reverencia que teem em costume fazer a seu senhor, ganhando d'elle que podessem eleger confessor que os cumpridamente absolvesse, havendo d'isto letras bulla das deque uzaram em fôro de consciencia, indo ao consistorio em sua companhia e servindo-o em seus officios quando dizia missa, conversando com elle como verdadeiro papa, da guisa que sempre foi costume de se fazer em todas as cousas?

E, depois de quatro mezes que isto assim fizeram se partiram d'elle e se foram para aquelle logar que ouvistes, e elegeram outro papa á sua vontade, deixando as consciencias dos christãos em infindas duvidas e desvairadas cuidações! posto que muitos doutores grandes letrados, por certas e fortes razões provassem assás claramente, em seus tratados que sobre isto fizeram, este Urbano ser verdadeiro papa e não outro, assim como João de Liniano e Bartholomeu de Saliceto e outros, que, longamente arguindo sobre isto, determinaram a verdade, das quaes o modo de historiar não consente nenhuma d'ellas ser aqui posta.



## CAPITULO CX

*Da guerra que se começou entre Castella e Navarra  
e da morte d'el-rei D. Henrique.*

**D**EIXANDO mais falar de taes feitos, cujo processo seria mui longo, ao feito dos reis que deixámos, tornemos nosso arrazoado, e, posto que entre el-rei de Castella e el-rei de Portugal nenhuma cousa mais aviesse do que antes tendes ouvido, da morte d'el-rei D. Henrique queremos dizer, por saberdes de que guisa foi.

Onde aveiu que el-rei de Navarra quizera tratar com os inglezes de ser em sua ajuda contra el-rei de França, não embargando o divido que com elle havia, ca estava el-rei de Navarra casado com sua irmã; e soube-o el-rei de França e percebeu-se d'ello, e enviou rogar a el-rei D. Henrique, que n'esta sazão estava em Sevilha, que tivesse d'isto sentido, pela amizade que ambos haviam; e el-rei D. Henrique houve queixume d'el-rei de Navarra e propoz logo de lhe fazer guerra.

Ora foi assim que, antes d'isto, el-rei de Navarra commettia Pero Manrique, adeantado-mór de Castella, que lhe dêsse a villa de Logroño, de que era alcaide, e que lhe daria vinte mil dobras; e el-rei D. Henrique sabia d'isto parte, e quando viu aquelle recado de França mandou dizer a Pero Manrique que dissesse a el-rei de Navarra que lhe queria dar a villa, e que houvesse as dobras d'elle, e que fizesse muito por o tomar dentro. Pero Manrique fez saber a el-rei de Navarra que havia cuidado no que lhe commetter mandara, e que lhe prazia de lhe entregar a villa, dando-lhe algumas dobras das que lhe mandara prometter.

A el-rei prouve muito, e juntou quatrocentas lanças e chegou com ellas cêrca de Logroño e mandou-lhe por um seu parte das dobras que lhe promettidas havia. Pero Manrique tinha assás de gentes no logar, e mais seiscentas lanças que estavam em Navarrete, duas leguas d'ahi, de que era capitão Pero Gonçalves de Mendonça, fazendo mostrança que estavam contra Pero Manrique. El-rei de Navarra, pero tinha gran cubiça de cobrar o logar, duvidava se lhe faziam isto por arte, e chegou até a ponte de Logroño e fez entrar suas gentes dentro, e Pero Manrique os acolheu mui bem e lhes fez dar pousadas, e sahio fóra a el-rei, pedindo por mercê que entrasse. El-rei de Navarra, não se fiando d'esta cavallada, pensou que, pois os seus já eram dentro, logo pareceria se n'este feito havia alguma burla, e não quiz então entrar, antes se arredou da ponte, dizendo que n'outro dia viriam para entrar dentro. Pero Manrique, quando viu que el-rei duvidava de entrar, tornou-se depressa para a villa,

e como entrou fez prender e roubar todas as gentes d'el-rei de Navarra, e foi a guerra por aqui descoberta.

El-rei D. Henrique mandou logo o infante D. João, seu filho, com muitas gentes, que entrassem por Navarra, e levava quatro mil lanças e muita gente de pé e bésteiros; e houve el-rei de Navarra seiscentas lanças d'inglezes a soldo, que entravam por Castella com os navarrezes. E o infante D. João, depois que tomou alguns logares em Navarra, tornou-se, por razão do inverno, que era grande, ca era isto no mez de dezembro, e chegou a Toledo, onde el-rei D. Henrique estava; e d'ali partiu el-rei e foi-se para Burgos, e ali fez outra vegada juntar suas gentes, para o infante entrar por Navarra. E el-rei soube d'isto parte e enviou dizer a el-rei D. Henrique que queria com elle haver paz; e vieram por embaixadores D. Ramiro Sanchez d'Arellano e um prior de Roncesvalles.

A el-rei D. Henrique prouve com elles e trataram suas amisades, a saber: que el-rei de Navarra enviasse os capitães inglezes fóra da sua terra, e que el-rei D. Henrique lhe emprestasse vinte mil dobras para pagar do soldo que lhes devia; e assim outras condições que não curamos dizer. D'ali se partiu el-rei D. Henrique para uma sua cidade, que chamam San Domingos de la Calzada, e ali veiu el-rei de Navarra, que foi d'elle bem recebido, e ratificaram seus tratos e amizades; e esteve ahi seis dias e tornou-se para seu reino.

E el-rei, depois de sua partida; começou de se sentir mal, e afficou o a dôr de tal guisa que uma segunda feira, aos vinte e nove dias de maio, requereu o sacramento e a unção, e depois assentou-

se na cama, acostado, vestido em pannos d'ouro, e disse presente os que ahi estavam :

— «Dizei a meu filho o infante D. João que, em razão do schisma da Egreja, haja bom conselho como deve fazer, porquanto é caso mui perigoso. Outrosim, que lhe rogo que sempre seja amigo da casa de França, de que eu recebi muita ajuda, e que lhe mando que todos os prisioneiros inglezes e portuguezes e d'outra qualquer nação sejam soltos.»

N'isto, afficando-se a alma para partir do corpo, vestiram-lhe um habito da ordem de S. Domingos, e sendo já duas horas andadas do dia acabou sua vida e deu o espirito, havendo quarenta e seis annos e cinco mezes de sua idade, e treze annos e dois mezes que fóra alçado por rei em Calahorra; e morreu na era de mil e quatrocentos e dezeseis annos.

E porquanto n'este mez que elle morreu, treze dias antes que finasse, aos dezeseis do dito mez, foi um grande eclipse depois do meio dia, que parecia a todos que era noite, de guisa que fugiam as gentes fóra dos muros dos logares onde viviam, disseram muitos que se fizera por sua morte; mas os entendidos mostravam que os eclipses se fazem por obra de natureza em certos tempos, e que aquelle eclipse não fóra feito por azo de sua morte, mas que elle acertara de se finir n'aquelle tempo que o eclipsè havia de ser.





## CAPITULO CXI

*Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique.*

**F**INADO el-rei D. Henrique, foi alçado por rei, na cidade de S. Domingos da Calçada, o infante D. João, seu primogenito filho, n'aquella segunda feira que seu pae morreu; e foi este rei D. João o primeiro que houve assim nome, dos reis que reinaram em Castella. E começou de reinar em idade de vinte e sete annos e dois mezes e meio, e no mez de julho seguinte, em dia de S. Thiago, se coroou, cerca de Burgos, em um mosteiro de donas que chamam as Olgas, e fez n'esse dia coroar a rainha D. Leonor, sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro d'Aragão; e armou cem cavalleiros, filhos de ricos-homens e fidalgos de seu reino, e foram esse dia feitas grandes festas dentro na cidade de Burgos.

Ora sabeí que, n'esta sazão que el-rei D. Henrique seu pae, morreu, tinha armadas oito galés e cinco que lhe el-rei D. Fernando de Portugal dava

em ajuda, e estavam todas treze em Santander, para irem em ajuda d'el-rei Carlos de França, que havia então desvairo com el-rei d'Inglaterra, sobre cousas que dizer não curamos. E, quando as galés de Portugal souberam como el-rei D. Henrique era morto, partiram-se da companhia das outras e vieram-se para Lisboa.

O capitão das galés de Castella, quando isto viu, enviou dizer a el-rei seu senhor como as galés de Portugal eram tornadas, e como era sua mercê de fazer ; e elle lhe mandou que com as suas oito fosse em ajuda d'el-rei de França. E foram lá e tomaram quatro barchas d'inglezes, que andavam d'armada, e fizeram alguns outros nojos ; e agradeceu-lhe muito el-rei de França esta ajuda, e firmaram seus preitos e avenças, ficando muito amigos e allia-dos n'um.

E nasceu n'este anno, a el-rei D. João, de sua mulher, um filho que houve nome D. Henrique, o qual natureza apresentou a este mundo na cidade de Burgos, quatro dias do mez de outubro, e foi depois rei de Castella, como adeante ouvireis.





## CAPITULO CXII

*Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el-rei de Castella.*

**N**o anno seguinte de quatro centos e dezoito, estando el-rei de Castella em Sevilha, depois que houve armadas vinte galés para mandar em ajuda d'el-rei de França, e com ellas por capitão Fernão Sanchez de Thoar, das quaes armava el-rei de França dez á sua custa, segundo os tratos que havia entre elles, partiu el-rei d'aquella cidade no mez de maio; e andando por seu reino chegaram á villa de Caceres, do bispado de Coyra, onde elle por então estava, D. João Affonso Tello, conde d'Ourem, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, senhor de Lourinhã, embaixadores d'el-rei de Portugal, para tratarem casamento entre a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, e o infante D. Henrique, seu primogenito filho, dizendo que, por serviço de Deus e bem de paz e de concordia, se desfizessem os esporios da dita in-

fante com D. Fradarique, duque de Benavente, seu irmão, com quem estava esposada, segundo antes tendes ouvido, e que casasse com este seu filho, pois que a infante ainda era menor de idade e o podia bem fazer.

A el rei de Castella prouve d'ello e trataram suas avenças em razão d'estes esporios, e outras cousas, sobre as quaes esse rei de Castella enviou logo seus embaixadores a el-rei de Portugal, a saber D. João Garcia Manrique, bispo de Siguenza, chanceller-mór d'el-rei, e Pero Gonçalves de Mendonça, seu camareiro-mór, e Inhego Ortiz d'Estunheda, sua maior guarda. E chegaram á villa de Portalegre, onde el-rei Fernando era então, e trataram e firmaram com elle:

Que, quando o infante D. Henrique chegasse a idade de sete annos, el-rei seu pae fizesse de guisa que esposasse com a infante sua filha por palavras de presente, e quando viesse a idade de quatorze fizesse suas bodas com ella de praça; e que el-rei de Castella, no mez de setembro, ordenasse côrtes em seu reino, nas quaes fizesse receber por rei e por rainha, depois de sua morte, o dito seu filho e a dita infante; e que houvesse dispensação do papa para poderem casar; e que daria logo ao infante seu filho Lara e Biscaya, com seus condados; e a a infante, vindo a ser rainha, havia de haver todas as villas e cidades que as rainhas de Castella costumavam de haver; e acontecendo morrer o dito infante, tendo já havido com ella ajuntamento, que ella houvesse por honra de seu corpo Medina del Campo e Calhar e Madrigal e Olmedo e Arevollo; e morrendo o dito infante sem haver d'ella filho, ou não se fazendo o casamento, sem azo e culpa

d'ella, e morrendo el-rei D. Fernando e não deixando filho herdeiro, que el-rei de Castella ajudasse a cobrar o reino á dita infante e manter em sua honra.

E porquanto el-rei de Castella e el-rei de Portugal eram primos, filhos de irmãos, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro de Portugal, e el rei D. João filho da rainha D. Joanna, mulher que fôra d'el-rei D. Henrique seu pae, as quaes foram ambas irmãs, filhas de D. João Manuel, por isso ordenaram os reis entre si, pois um do outro era mais chegado parente que cada um havia, sendo de parte dos paes no terceiro grau e da parte das mães primas co-irmãs, que, avindo caso que de nenhum d'elles fosse achado por linha direita descendente varão ou femea lididamente nado, então el-rei de Castella podesse herdar os reinos de Portugal, ou el-rei de Portugal os reinos de Castella.

E por estas e outras cousas, que entre os reis foram divisadas, serem mais firmes, posto que bastantes escripturas sobre tudo fossem feitas, ordenaram que antes do mez de maio seguinte se vissem ambos pessoalmente, para falar e approvar mais firmemente todas as cousas que por seus procuradores eram feitas e determinadas, pondo el-rei de Portugal em refens, por segurança d'estas vistas, o castello de Portalegre e d'Olivença, os quaes tivesse o dito conde e Gonçalo Vasques, e el-rei de Castella Albuquerque e Valencia d'Alcantara, que tivesse Pero Gonçalves de Mendouça e Inhego Ortiz d'Estunheda.

Depois d'isto, no mez seguinte d'agosto, chegaram á cidade de Soria D. Affonso, bispo da Guar-

da, e Henrique Manuel de Vilhena, senhor de Cascaes, e o doutor Gil Dossem, e Ruy Lourenço, deão de Coimbra; e disseram a el-rei de Castella que, segundo os tratos que entre elle e el-rei D. Fernando seu senhor havia, elle devia de fazer côrtes até primeiro dia de setembro, nas quaes todos os senhores e fidalgos e cidades e villas de seu reino haviam de fazer menagem para guardarem aquelles tratos na maneira que foram devisados, e que prouvesse á sua real alteza de o mandar assim fazer. El-rei disse logo que lhe prazia e que, sendo já d'isto avisado, o notificára por todo seu reino e dera por procuradores ao infante D. Henrique, seu filho, para em seu nome receberem taes menagens, Pero Gonçalves de Mendoça e Pero Lopez d'Ayalla, seu alferes-mór.

Então foram ali feitas côrtes, presente todos os prelados e senhores e fidalgos, por si e por seus procuradores, e isso mesmo das villas e cidades de todo o reino; e todos fizeram preito e menagem de guardarem cumpridamente todas as cousas n'aquelle trato conteudas. E, feitas d'isto e d'outras cousas publicas e bastantes escripturas, ordenou el-rei de mandar a Portugal, para receberem outras taes menagens em semelhantes côrtes, D. Gonçalo Inhego Ortiz d'Arelano e Fernando Affonso, doutor em degredos.

E nasceu a el-rei D. João de Castella outro filho n'este anno, que chamaram o infante D. Fernando, que foi senhor de Lara e duque de Penafiel.



## CAPITULO CXIII

*Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente, e lhe deram a obediencia.*

**A** ordenança de bem historiar nos requer tornamos dar fim ao feito do schisma, que começado temos, posto que brevemente seja contado, pelo muito que temos de dizer das seguintes historias.

Onde sabei que, feitos no mundo aquelles dois papas, a saber Urbano e Clemente, que ouvistes, foram os reis em suas provincias mui contorvados de tal feito, duvidando muito qual a parte teriam, entre os quaes foi um el-rei D. João de Castella e el-rei D. Fernando de Portugal. E, posto que cada uns em suas terras e senhorios se trabalhassem, com maduro conselho, saber qual d'aquelles era seu certo pastor, alianças e affeições, que levamos direito a qual das partes querem, fizeram divisão na Egreja de Deus, ca el-rei de França, que havia gran liga com el-rei de Castella, enviou a elle seus

embaixadores, dizendo que o eleito chamado Clemente era verdadeiro papa, o qual alguns diziam que era seu parente; e que por esta guisa diziam que el-rei D. João mandára rogar a el-rei D. Fernando que declarasse por aquelle papa Clemente.

E el-rei de Portugal, posto que primeiro houvesse accordo com os letrados de seu reino, contra vontade do mais conselho e contra desejo de povo, seguindo mais a affeição da carne que o juizo da razão, declarou na cidade d'Evora, onde então estava, o dito Clemente ser verdadeiro papa, e não Urbano Sexto, em cima nomeado, a qual declaração, como dizemos, entenderam a mór parte dos de seu conselho que fôra por rogo do dito rei de Castella e por conselho de D. Martinho Castelhana, bispo então de Silves, que era muito seu privado.

Depois d'isto, el-rei de Castella, na cidade de Salamanca, similhavelmente declarou ter a parte d'aquelle Clemente, que se chamava papa septimo, escrevendo uma mui grande carta, por todos seus reinos e a outras partes, por quaes razões se movera a tal declaração, como quer que a fama commum era que el-rei de Castella não fizera isto, salvo por conselho e amor d'el-rei de França, pela amizade que ambos haviam contra a casa d'Inglaterra, que tinha com Urbano Sexto.

E posto que estes reis ambos de Portugal e Castella fizessem taes declarações, mostrando ao povo sua intenção, muitos houve ahi que lhes prouvera, o dia que assim declaravam, que disseram umas razões de protestação que el-rei de França disse quando declarou pelo papa Clemente, dizendo n'esta guisa:

« Nós, Carlos Quinto, rei de França, protestamos e somos sempre prestes d'estar obediente á declaração do conselho geral, e de nos não partir por nenhum modo da unidade da Santa e Apostolica Egreja; em pero parando mentes ás relações que nos trouxeram alguns nossos mensageiros, que enviamos em Italia e em outras alongadas partes, e o juramento, feito sobre este caso, de tres cardeaes que a nós vieram; e vista sobre o dito juramento sua informação das palavras que nos disseram pela parte de cada um dos ditos eleitos, salva sempre nossa consciencia, quanto é de presente, não nos ousamos partir da obediencia de nosso senhor o papa Clemente, o qual temos por verdadeiro até aqui, antes lhe obedeceremos como verdadeiro pastor, vigario de Jesus Christo, salvo se formos em outra devida maneira informado.»

E diziam alguns, que estas palavras viram, que el-rei de França, se sua mercê fôra, devera de dizer fazendo protestação especial, ca assim o disseram outros reis e príncipes que tiveram com qualquer d'estas partes; outros afirmavam que fôra muito melhor nenhum rei nem príncipe não declarar por algum d'elles, ca, se os senhores todos se tiveram sem fazer nenhuma declaração, não durara tanto o schisma na Egreja, como ouvireis que durou. Mas cada uns andando a escolher, tiveram com Urbano o imperador e os seus isso mesmo e el-rei d'Inglaterra e outros reis e senhores, e com Clemente el-rei de França e el-rei de Castella e el-rei de Portugal e el-rei d'Aragão; e d'esta guisa, por nossos pecados, foi então o corpo mystico da Egreja feito com duas cabeças, assim como o corpo monstro, que era feia cousa de vêr.



## CAPITULO CXIV

*Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus privados de que guisa poderia fazer guerra e el-rei de Castella, e da resposta que sobre ello deram.*

**A**INDA que o trabalho e usança das armas crie os fidalgos corações e lhes dê gran melhoria para supportar os affans e asperezas que lhes avir podem, não foi a intenção d'el-rei na seguinte guerra, que se por isto demovesse a ella, mas por se vingar das injurias e grandes vantagens que el-rei D. Henrique contra elle mostrara, assim em lhe queimar Lisboa como em outras cousas, de que mais tocado não cumpre aqui ser, pois já compridamente são escriptas cada uma em seu logar; e, porém, sempre trazia sua fala com os inglezes, o mais encobertamente que podia, entendendo que em algum tempo lhe cumpria sua ajuda.

E tendo elle sentido que, mais por fortuna e constellação que por sua ardidez e esforço, el-rei D. Henrique acabava taes feitos, posto que assás de bom e ardido cavalleiro fosse, determinou, não embargando as avenças que com elle, em sua vida, e

depois com el-rei D. João, seu filho, fizera de commetter guerra contra elle, crendo que porventura lhe seria fortuna esquerda, e não em sua ajuda, como fôra a el-rei seu pae; e fez chamar os de seu conselho, para falar com elles esta cousa, e todos juntos na villa de Santarem, onde el-rei D. Fernando então estava, propoz el-rei, um dia perante todos, dizendo n'esta guisa :

— «Eu vos fiz aqui vir para falar comvosco cousas que em vontade tenho de fazer; por me aconselhardes que vos sobre isto parece bem. Vós sabeis os nojos e damnos que de el-rei D. Henrique hei recebidos, os quaes me nunca fugiram da vontade, tendo sempre desejo de os vingar, vindo-me tempo á mão de o bem poder fazer; e, posto que com elle paz e avenças fizesse, mais foi por força de desventura que por talante de as eu fazer, porque me parecia que este homem, mais por constellação e fortuna que por vantagens de cavallaria, nascera em planeta de se honrar de todos seus visinhos. E porque sempre tive coração de haver d'isto vingança, como visse tempo azado agora, que me parece que o melhor posso fazer que em outra sazão, pois que elle é morto, tenho vontade de o pôr por obra; ca, posto que seu filho herde o reino por sua morte, não herdará a ventura dos bons aquecimentos que seu pae havia, ca muitas vezes de bemaventurado pae acontece de sahir mui desaventurado filho, e eu haver-me-hia por mui contente se podesse vingar no filho os nojos e damnos que me o pae fez. Porém, lançando de mim todo o empacho das cousas passadas, quero logo haver com elle guerra, e rogo-vos que me deis conselho de que guisa vos parece que se isto melhor pôde fazer.»

Os que eram presentes, quando isto ouviram, foram mui espantados de el-rei querer commetter tal cousa, e isto pelas grandes juras e promettimentos que nos tratos entre elle e el-rei D. Henrique feitos foram firmados, segundo ouvistes; dêz-ahi, porque não viam geito como el-rei, com sua honra, tal cousa podesse commetter. E disseram:

— «Senhor, isto que vós dizeis é mui grande cousa, e tange a vossa honra e estado de todo o reino, e, assim como perda commum e dôr em todo o corpo, se deve n'ello haver conselho, e porém seja vossa mercê que nos deis espaço para cuidar n'ello e vos darmos respostas segundo nos parecer.»

El-rei respondeu que lhe prazia, dizendo que tomassem d'espço tres dias; e elles se juntaram todos no mosteiro de S. Domingos, e, havido seu conselho, deram logar ao conde velho que dissesse a el-rei tudo o que accordaram. E sua resposta foi d'esta maneira:

— «Senhor, vós sabeis bem como já por vezes houvestes guerra com Castella, e, vistos os males e perdas que se de taes guerras seguiram a vós e a vosso reino, porque ella é mui grande e abundada de muitas gentes e armas e do al tudo que lhe faz mister, e o vosso reino é pelo contrario; e ora pois a Deus prouve de vos pôr com el-rei D. Henrique em paz, e elle é já morto e vossa terra está de socego, parece-nos que não é razão nem direito que vos demovaes a fazer tal guerra, mórmente com taes juramentos e promessas quaes vós e nós todos sobre ello temos feitas. Quanto é aos nojos e des-honras que seu pae dizeis que vos fez, já outros senhores mais poderosos que vós as receberam môres d'alguns reis seus visinhos, e fizeram paz com elles

muito em peor maneira da que vós fizestes; e, porém, nos parece que deveis cessar de tal cousa, pois nenhum arrazoado fundamento tem para o haverdes de começar.»

El-rei, ouvindo isto, filhou-se de sorrir, e disse contra o conde:

— «Parece-me, conde, que vós outros não aprendestes bem a maneira como vos eu isto disse, ca eu não vos pedia conselho se era bem de haver guerra ou não, ca eu quero-a haver em toda guisa, não embargando todas vossas razões e outras mais que possaes dizer, mas demandava-vos conselho de que geito a poderia melhor fazer e mais a meu salvo; mas pois que o vós assim dizeis eu haverei a guerra todavia, e Deus me dará conselho e maneira como a possa fazer e acabar com minha honra.»

FIM DO SEGUNDO VOLUME

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

59

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

# INDEX

	PAG.
CAPITULO LXI. — Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusadamente da cidade .....	5
CAPITULO LXII. — Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor, por mulher, e foi chamada rainha de Portugal.....	8
CAPITULO LXIII. — Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando.....	11
CAPITULO LXIV. — Das razões que el-rei houve com um do seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor .....	14
CAPITULO LXV. — Como a rainha D. Leonor casou alde ns fidalgos do reino, e do accrescentamento que em outros de seu linhagem .....	17
CAPITULO LXVI. — Como el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco .....	21
CAPITULO LXVII. — Como el-rei D. Fernando e o Duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão.....	24
CAPITULO LXVIII. — Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse .....	27
CAPITULO LXIX. — Da resposta que el-rei D. Fernando deu ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi....	30
CAPITULO LXX. — Como o bispo chegou a Castella, e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal.....	33
CAPITULO LXXI. — Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal, e do recado que houve do cardeal delegado do papa .....	36

	PAG.
CAPITULO LXXII. — Como el-rei D. Fernando começou de se aperceber de guerra, e el-rei D. Henrique entrou pelo reino, e do que sobre ello aveio.....	38
CAPITULO LXXIII. — Como el-rei D. Henrique chegou sobre Lisboa, e da maneira que os da cidade tiveram em se recolher .....	44
CAPITULO LXXIV. — Como o almirante não quiz que as galés de Portugal pelessem com as de Castella, e como por seu azo foram tomadas algumas naus de Portugal.....	48
CAPITULO LXXV. — Como os da cidade pozeram suspeita em algumas pessoas moradores d'ella, e foram presos alguns e mortos dois homens.....	51
CAPITULO LXXVI. — Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasques, seu filho, foram presos em uma escaramuça .....	54
CAPITULO LXXVII. — Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça .....	56
CAPITULO LXXVIII. — Como Henrique Manuel pelejou com Pedro Sarmiento e foram vencidos os Portuguezes.....	59
CAPITULO LXXIX. — Como Nuno Gonçalves de Faria foi morto, porque não quiz dar o castello a Pero Rodriguez Sarmiento .....	61
CAPITULO LXXX. — Das razões que el-rei D. Henrique houve com Diogo Lopes Pacheco sobre o cerco de Lisboa.....	64
CAPITULO LXXXI. — Que homem era Diogo Lopes Pacheco, e por que azo se foi para Castella.....	67
CAPITULO LXXXII. — Como foram feitas pazes entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que condições .....	72
CAPITULO LXXXIII. — Como os reis falaram ambos no rio do Tejo e firmaram outra vez suas avenças.....	78
CAPITULO LXXXIV. — Como casou o conde D. Sancho com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu para seu reino.....	81
CAPITULO LXXXV. — Como el-rei de Navarra falou com el-rei D. Henrique algumas cousas em que se accordar não poderam.....	85

	PAG.
CAPITULO LXXXVI. — Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fóra do seu reino, e como se partiram de Portugal.....	87
CAPITULO LXXXVII. — Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bem de seu reino, e que armas mandou tivessem então.....	90
CAPITULO LXXXVIII. — Como el-rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa.....	94
CAPITULO LXXXIX. — Como el-rei D. Fernando ordenou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas.....	98
CAPITULO XC. — Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naus.....	104
CAPITULO XCI. — Como el-rei D. Fernando ordenou companhia das naus e da maneira que mandou que se n'ello tivesse.....	106
CAPITULO XCII. — Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições.....	112
CAPITULO XCIII. — Do recado que el-rei D. Henrique enviou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometeu ajuda de cinco galés.....	116
CAPITULO XCIV. — Como el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho.....	119
CAPITULO XCV. — Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha de el-rei D. Fernando.....	122
CAPITULO XCVI. — Como a infante D. Beatriz de Portugal esposou com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella, e com que condições.....	126
CAPITULO XCVII. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão.....	129
CAPITULO XCVIII. — Das manhas e condições do infante D. João de Portugal.....	132
CAPITULO XCIX. — Do que avejo ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte.....	135
CAPITULO C. — Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente.....	139

	PAG.
CAPITULO CI. — Como a rainha falou com o conde D. João Affonso sua fazenda, e das razões que disse ao infante D. João .....	145
CAPITULO CII. — Como o infante chegou a Alcanhões, onde el-rei estava, e do racado que D. Maria houve de sua ida d'elle .....	149
CAPITULO CIII. — Como o infante chegou a Coimbra, por matar D. Maria, e das razões que houve com ella antes que a matasse .....	152
CAPITULO CIV. — Como o infante D. João foi perdoado, e como veio vêr el-rei e a rainha .....	157
CAPITULO CV. — Como se o infante partiu nojoso da corte, e se foi para Entre Douro e Minho .....	160
CAPITULO CVI. — Como se o infante partiu com temor para Castella, e do que se seguiu em sua ida .....	163
CAPITULO CVII. — Como morreu o papa Gregorio, e foi eleito em seu loge D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto .....	165
CAPITULO CVIII. — Como se alguns cardeaes partiram do papa Urbano, e elegeram outro, que chamaram Clemente Septimo .....	172
CAPITULO CIX. — Escusação d'estes cardeaes porque elegeram papa, e resposta a duas razões mais fortes das suas .....	176
CAPITULO CX. — Da guerra que se começou entre Castella e Navarra, e da morte d'el-rei D. Henrique .....	179
CAPITULO CXI. — Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique .....	183
CAPITULO CXII. — Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el rei de Castella .....	185
CAPITULO CXIII. — Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente e lhe deram a obediencia .....	189
CAPITULO CXIV. — Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus privados de que guisa poderia fazer guerra a el-rei de Castella, e da resposta que lhe sobre ello deram .....	192